



Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV)

Autor(es): Antologia Grega; Jesus, Carlos A. Martins de (trad.)

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/43284>

DOI: DOI:<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1506-6>

Accessed : 28-Dec-2017 11:35:17

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ANTOLOGIA GREGA

EPIGRAMAS VÁRIOS (LIVROS IV, XIII, XIV, XV)

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO
CARLOS A. MARTINS DE JESUS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre o autor da tradução

Carlos A. Martins de Jesus é doutorado em Estudos Clássicos (especialidade de Literatura Grega) pela Universidade de Coimbra, desenvolvendo à data uma investigação de Pós-doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia sobre a *Antologia Grega* (transmissão e tradução). Tem publicado um conjunto amplo de trabalhos, entre livros e artigos em revistas da especialidade, a maior parte dos quais dedicados à poesia grega e à sua tradução para português. Assinou a tradução das obras de diversos autores gregos (Arquíloco, Baquírides, Ésquilo, Aristófanes, Plutarco, entre outros), além de trabalhar continuamente na direção de teatro de tema clássico, em Portugal e Espanha.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Pedro Gomes, Nelson Ferreira
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte
Universidade de São Paulo

Aurelio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga

Graciela Zeccin
Universidade de La Plata

Fernanda Brasete
Universidade de Aveiro

Fernando Brandão dos Santos
UNESP, Campus de Araraquara

Francesc Casadesús Bordoy
Universitat de les Illes Balears

Frederico Lourenço
Universidade de Coimbra

Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen
Universidade de Oviedo

Jorge Deserto
Universidade do Porto

Maria José García Soler
Universidade do País Basco

Susana Marques Pereira
Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ANTOLOGIA GREGA

EPIGRAMAS VÁRIOS (LIVROS IV, XIII, XIV, XV)

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

CARLOS A. MARTINS DE JESUS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

TÍTULO TITLE

Antologia grega. Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV)
Greek Anthology. Miscellaneous Epigrams (Books IV, XIII, XIV, and XV)

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

TRANSLATION FROM THE GREEK, INTRODUCTION AND COMMENTARY

Carlos A. Martins de Jesus

ORCID

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra Annablume Editora * Comunicação
Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

www.annablume.com.br

Contacto CONTACT

imprensa@uc.pt

Contato CONTACT

@annablume.com.br

Vendas online ONLINE SALES

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial EDITORIAL COORDINATION

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica GRAPHICS

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia INFOGRAPHICS

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento PRINTED BY

<http://www.simoeselelinhares.net46.net/>



POCI/2010



Obra publicada no âmbito do projeto
- UID/ELT/00196/2013.

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-1505-9

ISBN Digital

978-989-26-1506-6

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1506-6>

© dezembro 2017

Annablume Editora * São Paulo
Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Vniversitatis
Conimbrigenis
<http://classicadigitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos da Universidade de
Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

ANTOLOGIA GREGA. EPIGRAMAS VÁRIOS (LIVROS IV, XIII, XIV, XV)

GREEK ANTHOLOGY. MISCELLANEOUS EPIGRAMS (BOOKS IV, XIII, XIV, AND XV)

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR
TRANSLATION, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY
Carlos A. Martins de Jesus

FILIAÇÃO AFFILIATION
Universidade de Coimbra University of Coimbra

RESUMO

O presente volume da série *Antologia Grega* reúne, sob o título possível *Epigramas Vários*, os livros IV, XIII, XIV e XV da coleção. Em primeiro lugar, os Prefácios que os três antologistas primordiais escreveram (Meleagro, Filipo e Agátias). Em seguida, os restantes livros, ausentes ao que parece da recolha de Céfalas, consistem na sua maioria em textos lúdicos, exercícios poéticos sobre a métrica (livro XIII), a aritmética, as adivinhas e trocadilhos e os oráculos (livro XIV). Quanto ao livro XV, há de ler-se como um autêntico *locus spurius* de epigramas para o copista do *Palatinus*, onde copiou peças de cujo valor poético e semântico ele mesmo duvidava. Caso digno de menção é o dos sete (na verdade oito) *technopaignia*, exemplo antigo de poesia visual.

PALAVRAS-CHAVE

Antologia Grega, Epigrama, *Technopaignia*.

ABSTRACT

This volume of the series *Greek Anthology* gathers, under the possible title *Miscellaneous Epigrams*, books IV, XIII, XIV and XV of the collection. First, the Prefaces written by the three primordial anthologists (Meleager, Philipp and Agathias). The remaining books, absent from the Cephalean garland as they seem to be, are mostly playful texts, poetic exercises on metrics (book XIII), arithmetic, riddles, enigmas, and oracles (book XIV). About book XV, it must be read as the *locus spurius* where the Palatine scribe put the pieces on whose poetic and semantic value he himself doubted. Special is the case for the *technopaignia*, ancient model of visual poetry.

KEYWORDS

Antologia Grega, Epigrama, *Technopaignia*

AUTOR

Carlos A. Martins de Jesus é doutorado em Estudos Clássicos (especialidade de Literatura Grega) pela Universidade de Coimbra, desenvolvendo à data uma investigação de Pós-doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia sobre a *Antologia Grega* (transmissão e tradução). Tem publicado um conjunto amplo de trabalhos, entre livros e artigos em revistas da especialidade, a maior parte dos quais dedicados à poesia grega e à sua tradução para português. Assinou a tradução das obras de diversos autores gregos (Arquíloco, Baquilides, Ésquilo, Aristófanes, Plutarco, entre outros), além de trabalhar continuamente na direção de teatro de tema clássico, em Portugal e Espanha.

AUTHOR

Carlos A. Martins de Jesus has a PhD in Classical Studies (speciality of Greek Literature) by the University of Coimbra, and is currently working on a postdoctoral research founded by the Fundação para a Ciência e Tecnologia, on the *Greek Anthology* (transmission and translation). He has a large record of published works, both books and papers in periodical publications, mostly devoted to Greek poetry and its translation into Portuguese. He is the author of the Portuguese translation of several Greek authors' works (Archilochus, Bacchylides, Aeschylus, and Plutarch, among others), besides working continuously on classical theatre direction, both in Portugal and Spain.

Volume editado no âmbito do Pós-doutoramento em Estudos Literários financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, IP e pelo POPH.

(Página deixada propositadamente em branco)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
1. A <i>Antologia Grega</i>	11
2. Proémios dos antologistas (livro IV)	14
3. Um compêndio de métrica grega (livro XIII)	17
4. Jogos poéticos do espírito (livro XIV)	18
5. Os <i>Varia</i> da <i>Antologia Grega</i>	25
BIBLIOGRAFIA	29
PROÉMIOS DE MELEAGRO, FILIPO E AGÁTIAS (LIVRO IV)	33
EPIGRAMAS DE METRO VARIADO (LIVRO XIII)	49
PROBLEMAS, [ORÁCULOS] E ENIGMAS (LIVRO XIV)	65
Epigramas Diversos (Livro XV)	121
ÍNDICE DE EPIGRAMATISTAS	155

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

1. A *ANTOLOGIA GREGA*

Parece remontar ao século IV a.C. o hábito de organizar antologias poéticas de um só autor – de que são exemplo as diversas *Simonidea* de que há notícia, com um conjunto de inscrições atribuídas ao poeta de Ceos, não necessariamente da sua lavra, muitas delas sequer suas contemporâneas. A prática ganharia um desenvolvimento mais evidente durante o século III a.C., quando os próprios poetas terão passado a organizar coletâneas das suas composições, que assim conseguiam maior divulgação – Ânite, Asclepiades, Calímaco ou Posidipo são disso exemplos. A verdade é que o epigrama deixara, há um século pelo menos, de ter como funcionalidade exclusiva a sua inscrição na pedra. Chegados ao século III a.C., a sua vertente ficcional, com os mais diversos temas e propósitos, tinha já ascendido à categoria de género literário, cedo se transformando na forma poética de eleição para a maioria dos autores. Tanto que a reunião antológica de epigramas de diversos autores, como bem explica Alan Cameron (1993: 4), mais do que uma opção, terá sido uma consequência inevitável.

A *Antologia Grega*, vulgarmente conhecida como *Antologia Palatina* devido ao principal manuscrito que no-la transmitiu, consiste nas edições modernas num vasto conjunto de epigramas em diversos metros, ainda que maioritariamente em dísticos elegíacos, organizado em dezasseis livros, e que perfaz a impressionante soma de mais de quatro mil componentes poéticos. Trata-se, inegavelmente, do maior florilégio poético em língua

grega conservado, recolhendo poemas de um vastíssimo lapso temporal, que na realidade cobre todos os períodos tradicionais da cultura Grega (arcaico, clássico, helenístico e bizantino). Transmitida essencialmente por dois códices, o chamado *Palatinus* (*Palatinus Graecus* 23 + *Parisinus Graecus Suppl.* 384 = **P**) de finais do século X e o autógrafo do século XIV de Máximo Planudes (*Marcianus Graecus* 481 = **PI**), depende maioritariamente de uma antologia epigramática que não conservamos, organizada por Constantino Céfalas nos inícios do século X, a qual terá reproduzido, sem muitas alterações (tal qual uma edição revista e aumentada), o anónimo copista de **P**. Céfalas, que provavelmente foi protopapa de Constantinopla, teria recuperado um conjunto de florilégios anteriores do epigrama grego, recorrendo sobretudo aos que organizara Meleagro (inícios do século I a.C.), Filipo (século I) e Agátias (século VI), aos quais acrescentou epigramas de outras fontes¹, organizados temática e alfabeticamente.

Dizíamos antes que não é por acaso que mais comumente se conhece a *Antologia Grega* como *Antologia Palatina*. Se é certo que, desde o século XVIII, com as edições de Reiske (1754), Brunck (1772-1776) e Jacobs (1794-1814), é **P** a principal fonte de organização e edição da *Antologia Grega*, durante mais de três séculos e desde a sua *editio princeps*, pela mão de Láscaris (1494), foi a recensão de Planudes a única conhecida e divulgada. Apenas em 1606 Saumaise, que teria descoberto uma cópia do *Palatinus* num códice do séc. XI, começa a copiar os

¹ Além dos três florilégios principais, que desde logo nos permitem a transmissão de epigramas de um vastíssimo lapso temporal, tem-se como muito provável o uso direto de antologias pessoais de poetas com ampla presença na *Antologia*, como já referíamos, como sejam Estratão (livro XII), Páladas, Rufino ou Leónidas, além de recolhas autorais como os *Simonidea*, os *Anacreontea* ou coletâneas sobre Homero, por exemplo.

epigramas que faltavam à já conhecida *Antologia de Planudes*, não levando no entanto a bom porto o projeto da sua edição completa. A atual organização em dezasseis livros tematicamente organizados depende da edição de Dübner (1846-1877)², que pela primeira vez incluía num 16º livro os componentes apenas colacionados por Planudes, ausentes de toda a tradição manuscrita de **P**.

No que a traduções completas e sistemáticas diz respeito, até à data contamos com as seguintes edições bilíngues: a francesa da coleção Budé (Paris, Les Belles Lettres, 13 vols., 1929-1980), a inglesa de R. Paton (1916-1918, 5 vols., London, William Heinemann Lda.), a alemã de H. Beckby (1957-1965, 4 vols., München) e as duas italianas de F. M. Pontani (1978-1981, 4 vols., Torino, Einaudi) e M. Marzi (2005-2011, 3 vols., Torino, UTET). Na medida em que o trabalho de edição textual da *Antologia* pode considerar-se satisfatoriamente elaborado pelas edições da coleção Budé – a mesma que seguimos como base para a nossa tradução e tem ainda em marcha um processo de atualização de alguns livros pela inclusão sistemática da lição de algumas *syllogae minores* –, é propósito da presente série lograr, a médio-prazo, uma tradução completa em Português da *Antologia*, acompanhada das explicações mínimas necessárias a um leitor não familiarizado com a língua grega, sob a forma de introduções e notas de rodapé.

Este volume reúne quatro livros muito especiais da *Antologia*. De algum modo, são aqueles que, como o atual livro XVI, o Apêndice de Planudes³, não pertencem à *Antologia*

² À segunda edição da *Anthologia Graeca* de Jacobs (²1813-1817) se deve, na realidade, a primeira numeração dos poemas exclusivos da tradição *Planudea*, editados em apêndice à referida edição, pelo que é sua, em rigor, a *editio princeps* desses textos enquanto livro autónomo.

³ Que recentemente publicámos nesta série (Martins de Jesus 2016b).

propriamente dita, se pela última tomarmos a sua maior e mais importante fonte manuscrita, o trabalho de Céfalas. Com efeito, só em relação aos *Proémios* dos antologistas do livro IV se discute a possibilidade de terem sido copiados pelo protopapa de Constantinopla⁴, enquanto, para os livros XIII-XIV, há muito se concluiu que, no *Palatinus*, foram já copiados por outras mãos que não as do escriba A. Depois, é neles que a métrica é mais variada, deixando de ter sentido a preferência epigramática pela medida do dístico elegíaco – em especial no livro XIII, propositadamente uma recolha de poemas em metros diferentes desse. Finalmente, os temas tampouco seriam possíveis de agregar, tal a sua diversidade, da mesma forma que a qualidade poética dos componentes se apresenta extremamente variável – trata-se, numa palavra, de textos que merecem ser recolhidos pelo seu valor formal ou temático, não necessariamente pelo engenho dos seus versos. As referências cronológicas, a menos que o contrário se indique, são posteriores a Jesus Cristo.

2. PROÉMIOS DOS ANTOLOGISTAS (LIVRO IV)

O copista de **P** reuniu já numa mesma secção – à qual não antepôs, contudo, qualquer epígrafe com o título – os textos poéticos que teriam servido de proémio aos florilégios epigramáticos elaborados por Meleagro, Filipo e Agátias, como acima se disse as principais fontes para a constituição do que seria a *Antologia Grega* como a conhecemos. De forma que, com o Livro IV, nos situamos inevitavelmente no âmbito paratextual.

Meleagro (núm. 1) enumera poeticamente, numa ordem nem sempre clara, o nome de 47 poetas (48 com ele próprio), os quais associa a uma espécie de flor (e também de fruto)⁵, desde

⁴ Vd. a discussão do assunto em P. Waltz 1929, repr. 2002: 107-19.

⁵ Publicámos recentemente uma primeira versão da tradução aqui

Arquíloco (vv. 37-38), do séc. VII a.C., aos mais recentes, como Fânias (v. 54) ou Antípatro de Sídon (v. 42), ambos da segunda metade do século II a.C. Estes três exemplos bastariam para concluir que a listagem não é cronológica⁶, nem tampouco se conseguiu ainda estabelecer um padrão infalível para a ordem em que são referidos. A outro nível, algumas incongruências podem detetar-se. De quatro dos poetas mencionados no Proémio não se conserva qualquer epigrama na *Antologia Grega* (Eufemo, Pártenis, Melanípides e Policleito), ao passo que outros 15, dos quais sabemos o nome e conservamos epigramas que deveriam fazer parte da coletânea de Meleagro, não são aí referidos, pelo que há que incluí-los entre “os rebentos jovens de muitas outras [flores]” do verso 55. Por outro lado, referem-se “muitos lírios de Mero” (vv. 5-6), quando dessa poetisa do século III a.C., conhecida como “o Homero de Bizâncio”, conservamos apenas dois epigramas (*AP* 6.619, 689). Tudo isto se deve, claro está, ao caminho de transmissão da antologia original, desde a organização no século I a.C. até à sua reorganização por Céfalas, cerca de onze séculos depois. O certo é que, com o Proémio que nos ocupa – e é esse sem sombra de dúvida o seu maior valor poético – recuamos às próprias origens do termo *anthologia*, o correspondente grego do termo latino *florilegium*, com o sentido de recolha de excertos literários segundo um critério pré-estabelecido.

reeditada (Martins de Jesus 2016a: 171-186), especialmente atenta à identificação das espécies vegetais referidas pelo poeta.

⁶ P. Waltz 1929, repr. 2002: 104 e n. 1 reparou na proximidade entre alguns poetas: Ânite, Mero e Safo (vv. 5-6), pouco depois seguidas de Nóssis (vv. 9-10) e Erina (v. 12), como um possível grupo de poetisas; Melanípides e Simónides (vv. 7-8), do século V a.C.; Eufóron e Dioscórides (vv. 23-24), de meados do séc. IV a.C.; Polístrato e Antípatro de Sídon (vv. 41-42) ou Teodóridas e Fânias (vv. 53-54), igualmente contemporâneos. Cf. A. S. F. Gow, D. L. Page 1965 [vol. I]: 594-595.

A fama da obra antológica de Meleagro deve ter sido grande, tanto que inspirou, no propósito e mais concretamente para a redação do seu próprio Proémio, Filipo da Tessalónica (séc. I)⁷, algo que confessa abertamente no núm. 2 (vv. 3-4: “entrelacei grinaldas/ parecidas às de Meleagro”). Dedicado ao amigo Camilo, a quem oferece a sua antologia, este poema, em não mais do que sete dísticos elegíacos, refere um bem menor número de poetas, naturalmente os datáveis entre o tempo de Meleagro e o seu. Não obstante, o modelo não recebe homenagem honrosa. À falta de originalidade haveria que acrescentar ainda a relação totalmente arbitrária entre o poeta e a espécie vegetal, o que parece não ser o caso de Meleagro – ainda que, muitas vezes, seja difícil reconstruir o propósito das suas associações.

Mais original é o trabalho de Agátias, dito o Escolasta, homem do século VI. Sem nomear diretamente os autores antologizados, cria no seu proémio a cena de um banquete durante o qual oferece a sua antologia aos convivas, servindo-se da metáfora das iguarias mais ou menos pesadas, mais ou menos valiosas (núm. 3). O proémio, como toda a recolha, vai dedicado ao decurião Teodoro, indivíduo influente identificado com segurança com o procônsul, filho de Cosmas, cujo retrato num templo de Éfeso o mesmo Agátias descreve em *AP* 1.36. A isto acrescentou – no que devia ser já uma recolha materialmente cuidada e dispendiosa – um largo elogio do imperador Justiniano assente na descrição poética do vastíssimo império que governa (núm. 4 = 3B) e o que devia ser uma breve epígrafe à sua antologia (núm. 5 = 3C), na qual se exalta o valor do livro como vencedor da mortalidade humana.

⁷ Vd. L. Argentieri 2007.

3. UM COMPÊNDIO DE MÉTRICA GREGA (LIVRO XIII)

Integrando os últimos fólhos da primeira metade do *Palatinus*, a que se conserva em Heidelberg⁸, o livro XIII da *Antologia Grega* afigura-se como um dos mais breves (31 epigramas apenas) e estimulantes para estudiosos da literatura grega, em especial os metricistas. É opinião corrente, de resto, que estes poemas não terão sido copiados de Céfalas, antes de um tratado de métrica que, ao tempo – algures no século I da nossa era⁹ – era tão ou mais famoso do que o *Encheiridion* de Heféstion¹⁰.

A ideia de que os epigramas provenham de semelhante tratado de métrica, onde seriam citados como exemplos, colhe força a partir da própria estrutura do livro. Grande parte dos seus componentes estão de facto incompletos, i.e., como comumente se citavam neste tipo de tratados. Depois, uma primeira parte (núms. 1-10) são poemas com um só tipo de verso, ao passo que a segunda parte do livro (núms. 11-31) apresenta componentes com dois ou mais tipos de verso, o que faria sentido no contexto da organização – progressiva em complexidade – de um compêndio métrico. O escriba do *Palatinus* deve portanto ter copiado os poemas de semelhante manual, seguindo uma ordem previamente dada por essa fonte, da qual terá também

⁸ Os epigramas, lemas e comentários de **P** são da mão do escriba B. Além do *Palatinus*, Planudes acrescentou apenas dois epigramas ao conjunto (os núms. 3 e 29).

⁹ O poema mais recente da coleção (anónimos à parte) é o núm. 1, de Filipo, o antologista do séc. I de que antes falávamos. Se o referido tratado o citava de facto, tem portanto que ser posterior, mas não muito, ao texto que cita.

¹⁰ Também citados por Heféstion são apenas os fragmentos que correspondem aos núms. 7, 9 e 25. Mas trata-se de uma coincidência. Com efeito, deve ter razão M. Aubreton (cit. Buffière 1970, repr. 2002: 10), quando considera que a total ausência de menção a Heféstion pelo escriba do *Palatinus* deve revelar que, ao tempo, não mais era ele a máxima autoridade de métrica grega.

copiado os lemas, classificações métricas – mais vezes do que seria de esperar erradas – para as quais os componentes poéticos serviriam de exemplo.

Também decorrente da sua origem, pode explicar-se a existência, no livro XIII, de um conjunto de verdadeiras pérolas poéticas, no que à sua autoria pelo menos diz respeito. A necessidade de ilustrar determinada explicação métrica mais complexa terá levado a citar textos como os núms. 14, 19, 20, 26 e 30 – para os quais geralmente se aceita a autoria de Simónides de Ceos – os núms. 7, 9, 10, 24 – de Calímaco – ou o núm. 4 – de Anacreonte. Em termos cronológicos, à parte as referidas peças de Anacreonte e Simónides, junto com outras de Timocreonte (núm. 31) e Falico (núms. 5, 6, 27), na realidade mais antigas (entre os séculos VI-IV a.C.), a grande maioria dos poemas são datáveis do séc. III a.C., o que pode sugerir que esse foi um período fértil em termos de inovações e estudos métricos.

Na presente tradução, e tendo em conta a pouca clareza, e em alguns casos mesmo inexatidão, dos lemas manuscritos que identificam o metro dos epigramas, optámos por dar, no espaço que seria reservado à tradução do lema grego, uma classificação métrica corrigida e conforme à nomenclatura atualmente aceite.

4. JOGOS POÉTICOS DO ESPÍRITO (LIVRO XIV)

O livro XIV da *Antologia* é reconhecidamente o mais estranho quanto ao seu conteúdo. Se os demais, como modernamente editados, obedecem regra geral a um critério temático – e o livro XIII a que antes nos referíamos é o único caso em que tal critério é exclusivamente formal –, o XIV reúne três grupos distintos de componentes, a saber, problemas matemáticos, oráculos e enigmas (ou adivinhas, se quisermos). Tal como se disse a propósito do livro XIII – e de novo se diria, não ficasse

já esclarecido neste ponto, quanto ao XV –, tampouco para o livro XIV terá sido o florilégio de Céfalas a fonte dos escribas de P, pelo que há que buscar outras fontes manuscritas prováveis para a sua cópia.

As duas mãos (B e B²) que o copiaram no *Palatinus* – no qual ocupa os primeiros fólhos (i.e. os fol. 615-621) da segunda parte do manuscrito¹¹, a que se conserva em Paris (*Parisinus suppl. gr.* 384) – não lhe acrescentaram à cabeça qualquer título, sendo que apenas o *Index Vetus* o menciona: “Problemas e enigmas vários”. Parece, portanto, faltar a referência aos oráculos, acréscimo atualmente aceite por todos os editores. Não obstante, como bem refere F. Buffière (1970, repr. 2002: 33), a palavra grega que acima traduzíamos arbitrariamente por “enigmas” (*griphoi*) poderia, na origem, supor a referência aos oráculos, também eles jogos poéticos que reclamam uma resposta não dada num primeiro nível da linguagem – ainda que, na maioria dos casos, o seu carácter enigmático não seja muito evidente. Embora organizados em blocos mais ou menos compactos, os três grupos que acima definimos não ocupam secções contínuas na ordenação do livro. Ainda assim, facilmente se identificam os núcleos mais bem definidos para cada categoria, a saber: problemas matemáticos (núms. 116-146)¹², enigmas (núms. 18-47 e 52-64) e oráculos (65-100)¹³. Quanto aos restantes, costumam receber a classificação de *varia*, embora praticamente todos,

¹¹ Talvez devido ao seu carácter lúdico e pedagógico, alguns dos componentes do livro XIV foram copiados numa série de manuscritos de distintos ramos da transmissão da *Antologia*, as chamadas *Syllogae minores* que, posteriores ao *Palatinus* ou ao autógrafo de Planudes, copiam apenas partes desse florilégio. Para uma visão esquemática, vd. F. Buffière (1970, repr. 2002: 30-31).

¹² Na mesma categoria cabem os núms. 1-4 (ao que parece, e como adiante se explica, retirados da recolha de um Sócrates desconhecido), 6-7, 11-3 e 48-51.

¹³ Acrescentem-se-lhes os núms. 102, 112-115 e 148-150.

como se disse, de alguma maneira assentem em alguma ambiguidade linguística que os torna, como tal, escolhas coerentes para inclusão neste livro.

Das 150 peças que compõem o livro, 45 (cerca de um terço, portanto) são problemas aritméticos, textos que teriam por certo uma finalidade pedagógica imediata. A última série (núms. 116-146) é atribuída, no lema ao seu primeiro componente, a Metrodoro, ao passo que os restantes epigramas do mesmo tipo (núms. 1-4, 6-7, 11-13 e 48-51) não apresentam qualquer indicação autoral ou de proveniência, à exceção do núm. 1, atribuído a um Sócrates sobre quem, numa palavra, nada sabemos¹⁴. Se, por um lado, as proximidades temáticas e formais em relação à série atribuída a Metrodoro permitiriam supor que o escriba do *Palatinus* os tivesse copiado de uma mesma fonte, uma recolha anterior de epigramas desse género da mão de vários autores, o facto é que os componentes atribuídos a Metrodoro vêm acompanhados em **P** de um corpus extenso de escólios, ao passo que os demais apenas apresentam à margem – e sequer para todos os casos – as cifras das soluções. Como tal, devem ter sido pelo menos duas as fontes manuscritas utilizadas – um com a recolha de Sócrates, outro com a de Metrodoro¹⁵.

Dissemos já nada saber a propósito de Sócrates, e o panorama não é muito mais esclarecedor quanto a Metrodoro. Para a sua identificação, pensou-se no autor homónimo da Mísia, a quem se atribui o epigrama 9.360 da *Antologia Grega*, um contemporâneo de Miltríades I (rei do Ponto entre 120-63 a.C.)

¹⁴ Apenas Diógenes Laércio cita o nome de um “autor de epigramas” com esse nome, sem aduzir mais informações quanto à sua proveniência ou data.

¹⁵ Beckby 1965 [vol. IV]: 172-3 faz remontar todos os epigramas a uma mesma coletânea de Metrodoro, opinião que, por falta de sustentação paleográfica, não colheu adeptos.

que terá nascido por volta de 150 a.C., mas também no Metrodoro dito “gramático bizantino” a quem o *Palatinus* atribui outro epigrama (9.712). Em tempos considerado um autor do tempo de Constantino I que compusera um conjunto de livros sobre geometria e astronomia que não conservamos, aceita-se atualmente como mais provável que tenha vivido e exercido a sua atividade pelos inícios do séc. VI da era cristã, sob os governos dos imperadores Anastácio I e Justino II¹⁶. Seja como for, é opinião consensual que, mais do que autor dos epigramas, há que olhar para Metrodoro – que, não totalmente sem sentido, F. Buffière (1970, repr. 2002: 37) aventou mesmo trata-se de um pseudónimo – como o indivíduo que os recolheu da tradição e os copiou, acompanhados de copiosos escólios, numa recolha depois utilizada pelo escriba de P. De resto, como notava H. Midonick (1965.2: 51-52), muitos epigramas do conjunto parecem remontar a datas tão recuadas quanto o século V a.C. ou antes; e também P. Tannery (1895: xii) considerou que os escólios que abundam à margem dos poemas são, na sua esmagadora maioria, pré-bizantinos.

Independentemente da sua proveniência – a coleção de Metrodoro, a de Sócrates ou outra(s) – os 45 epigramas aritméticos reunidos no livro XIV recorrem a realidades quotidianas e mitológicas para a formulação dos problemas: a quantidade de água vertida por uma fonte num dado período de tempo (e.g. núms. 7, 132-133, 135), a partilha de nozes e maçãs por uma figura mítica, Eros, as Musas ou as Graças (e.g. núms. 116-118), as etapas da vida humana ou a contabilização do tempo e do espaço (e.g. núms. 121 e 129). Quanto à sua resolução, a

¹⁶ Cf. T. L. Heath 1921: 441–3. Se esta hipótese foi a mais aceite, P. Tannery (1895: xii) alertou ainda para a possibilidade de se tratar de outro autor, entre os referidos, por exemplo, por Sérvio, Plínio, Ptolemeu e Fabrício.

maior parte supõe o domínio de equações simples com uma só incógnita a achar (23 componentes), ao passo que outros doze constituem equações com duas incógnitas e apenas um com três. Nem sempre acertadas, as soluções dadas pelo corpus de escólios que acompanha os poemas no *Palatinus* foram sendo comentadas e corrigidas pelos editores, tradutores e comentadores da *Antologia*, os quais, muitas vezes, chegaram a resultados distintos. A esse respeito, merecem destaque as extensas notas da edição francesa de F. Buffière (1970, repr. 2002), que repassa as explicações dos escólios e explica a resolução dos problemas. Dela, para a qual remetemos o leitor mais interessado em questões de aritmética, muito beneficiou a nossa tradução, que regra geral se limita à apresentação dos resultados em nota, os mesmos que podem encontrar-se, com resoluções mais simplificadas, nos dois artigos de A. Requena Fraile (2006, 2007)¹⁷.

Outros 45¹⁸ poemas oraculares integram o livro XIV, desde logo uma módica quantidade se levada em conta a imensidão de textos desse género transmitidos pela literatura grega, desde muito cedo. Destes, 26 são encontrados na *História* de Heródoto, em diferentes livros, pelo que parece claro que provêm de um ou vários manuscritos dessa obra. Os restantes devem ter sido copiados de outras obras poéticas, como sejam os poemas ou as *Vidas* de Homero (núms. 65, 66 e 102), os iambos de Arquíloco (núm. 113) ou as tragédias de Eurípides (núms. 67 e 150). Quanto à sua proveniência tradicional, teria sido a Pítia

¹⁷ De referir também o trabalho de E. Calderón Dorda (1992), que traduz, comenta e apresenta os cálculos para não mais que cinco epigramas, a saber, os núms. 1, 11, 117, 121 e 140.

¹⁸ A contabilidade inclui o núm. 34, considerado pelo escriba um enigma e, como tal, agrupado juntamente com os componentes dessa categoria. Não obstante, trata-se na realidade de um oráculo, género reconhecidamente dado a um estilo obscuro e que, tantas vezes, exige decifração da parte de quem o recebe.

de Delfos a pronunciar a maior parte (núms. 69, 71, 73, 74, 76, 78-96, 100, 102, 112 e 113), a par de três componentes atribuídos ao velho adivinho da Beócia Báquis (núms. 97-99) e um só a Serápis (núm. 70), divindade sincrética helenístico-egípcia. Por fim, o núm. 75, uma ameaça ao próprio Poseidon, teria sido pronunciado em Heliópolis, e o oráculo dado à mãe de Alexandre (núm. 114) em Cízico. Numa palavra, versando sobre temas políticos, militares e literários, o escasso número de oráculos copiados no *Palatinus* pretende ser uma amostra do género, não mais. Pese embora, na sua grande maioria, os poemas não apresentem grande carga de mistério, são ainda assim uma presença coerente num livro que o seu organizador quis que incluísse diferentes modalidades de jogos poéticos, textos onde a linguagem reclama uma decifração mais ou menos profunda.

Restam os enigmas, a categoria com maior representação no livro (53 componentes). Se a alguns poemas assenta bem a definição grega de *enigma*, outros recebem melhor classificação se os designarmos de adivinhas ou charadas, em tudo semelhantes, no estilo, às que ainda hoje conhecemos e reproduzimos. Na sua esmagadora maioria desprovidos de atribuição autoral, os epigramas devem corresponder ao resultado de modelação poética do património tradicional¹⁹. A grande maioria recorre a assuntos e objetos do quotidiano como solução (o fumo, o silêncio, a lira, a oliveira, a lanterna, o dia e a noite, o sonho, entre tantos e tantos outros), a par de um conjunto ainda significativo de epigramas de assunto mitológico, nos quais se espera que o desafiado adivinhe que figura mítica está em causa (a Esfinge, Andrómaca, Níobe, Homero, etc.). A metonímia, a

¹⁹ Apenas os núms. 63 e 101 são atribuídos, respetivamente, a Mesomedes e Cleobulo. O núm. 54, de resto, serve de exemplo ao processo de transformação poética do folclore tradicional que referimos, na medida em que conhecemos a sua forma popular, muito mais simples.

sinédoque e o uso de palavras de duplo sentido são os recursos linguísticos mais frequentes, os mesmos que atualmente ainda usamos. Assim, como exemplos de metonímia, o estilete de ferro para escrever sobre a cera é designado de Ares (núm. 60) e o fogo de Hefesto (núms. 53 e 54); assim também a sinédoque pela qual o couro e o marfim, matérias-primas intervenientes num clister, são designados de “cabra” e “elefante” (núm. 55); ou como o termo *kore*, em dois passos, designa ambigualmente tanto a pupila do olho como uma donzela (núms. 5 e 109). Por fim, os núms. 16, 20, 21, 35, 46, 105 e 106 correspondem a charadas nas quais se acrescenta ou retira uma letra (ou sílaba) para chegar, sucessivamente, a outra palavra.

A resposta a estes enigmas e adivinhas, na maior parte das vezes dada em escólios e outros comentários marginais aos manuscritos, nem sempre foi considerada acertada. Daí que os editores e comentadores tenham, ao longo do tempo, tomado para si a tarefa de responder a esses jogos poéticos. Nesta edição, procurámos a solução que nos pareceu mais acertada, das diversas que foram avançadas para alguns epigramas, a qual tentamos explicar, em traços gerais, em nota. Porque esta resposta, quase sempre, é uma palavra grega, foi necessário recorrer com alguma frequência à transliteração²⁰.

Há que considerar ainda, chegados a este ponto, sete componentes que não parecem acomodar-se em nenhuma das três grandes categorias que até aqui apresentámos e debatemos: os núms. 8 (as faces de um dado), 10 (a descrição de uns caldeirões célebres pelo som que emitiam quando batidos pelo vento), 15 (sobre o verso iâmbico), 17 (a caça, escola de guerra), 104 (um

²⁰ Remetemos o leitor, quando julgue necessário, para os extensos e exaustivos comentários *ad loc.* da edição de F. Buffière (1970, repr. 2002), autor que apresenta e discute, regra geral, as respostas dos escoliastas e editores anteriores a si.

pastor), 107 e 111 (o amor). Se os primeiros quatro não recebem, no lema, qualquer identificação genérica, os três últimos são aí considerados enigmas. De qualquer forma, a todos assiste alguma incerteza, segundo a qual nada é nomeado – mesmo que não se planteie uma pergunta de forma direta –, pelo que poderiam também incluir a(s) fonte(s) de que se servira o copista.

5. Os *VARIA* DA *ANTOLOGIA GREGA*

Às 51 composições que integram o atual livro XV da *Antologia Grega*, já de si um apêndice ao *Palatinus*²¹ e – assim se crê – também à recolha que Céfalas concluiu antes do ano 900²², fica bem a designação de *Varia*, como tradução não comprometida do grego *Symmikta*. Com efeito, os epigramas que inclui – essencialmente das épocas alexandrina e bizantina – podem resumir-se às categorias de (1) epigramas cristãos, (2) poemas figurados, (3) inscrições sobre os aurigas do hipódromo de Constantinopla e (4) peças diversas.

Em número de 12 são os componentes da categoria (1). Parecem todos, à exceção do núm. 40, corresponder a inscrições reais gravadas em túmulos (núms. 3, 29-34), no pedestal de uma cruz (núms. 15-16), debaixo de um ícone (núm. 17) ou de

²¹ A análise paleográfica de **P** demonstra que os quaterniões 42-44, onde foram primeiro copiados os epigramas que nos ocupam, foram escritos pelos assim classificados de copistas J e B2. Para a explicação mais demorada destes dados, vd. F. Buffière 1970, repr. 2002: 103-108.

²² Nomes como os de Aretas, Cometas ou Leão o Filósofo, alguns dos autores representados no livro XV, são, na realidade, contemporâneos do protopapa de Constantinopla. Em concreto, sabemos por exemplo a data precisa do núm. 15 (912/913), a dedicatória de Constantino de Rodes de uma cruz nessa data erguida em Lindos. Assim, os editores e críticos têm preferido considerar que também a recolha manuscrita de Céfalas recebeu acréscimos posteriores pela mão de outro copista.

uma cena da crucificação (núm. 28). Entre os vários exemplos de epigramas de autores importantes como Aretas ou Constantino de Rodes, todos eles dos inícios do século X, destaca a reescrita em hexâmetros do episódio bíblico da ressurreição de Lázaro (*João* 11) por Cometas (núm. 40)²³, gramático de Constantinopla da segunda metade do séc. IX, que terá igualmente, segundo o próprio (núms. 36-38), feito uma edição dos Poemas Homéricos pontuados e “rejuvenescidos”²⁴. No desembocar de uma tradição antiga de *homerocentones*²⁵, Cometas compõe um verdadeiro pastiche de fórmulas e mesmo versos homéricos completos para descrever esse último milagre de Cristo – ao tempo celebrado como marco central no percurso rumo à crucificação e à salvação.

As seis composições que constituem a segunda categoria dos componentes do livro XV, pese embora a sua não isenção de falhas textuais e em alguns casos parco engenho poético, são a nosso entender das mais puras pérolas da *Antologia*. Designados pelos escoliastas gregos de *technopaignia* e pelos latinos de *carmina figurata*²⁶, estes poemas são o que de mais antigo e próximo à atual poesia concreta conhecemos, tendo como tal sido copiados já pelo copista J do *Palatinus*. Acompanhados, regra geral, de uma quantidade considerável de escólios e comentários marginais, são também transmitidos por um conjunto de códices de Teócrito e dos bucólicos gregos. Ao séc. III a.C.

²³ O texto foi alvo de vários estudos que, maioritariamente, buscam as suas relações com as fontes clássicas, Homero e Hesíodo sobretudo (E. D. Floyd 1998), ou com a antiga literatura indo-europeia (idem 1999).

²⁴ Para a reconstituição do que teria sido do trabalho de edição de Homero levado a cabo por Cometas vd. B. Baldwin 1985 e G. Cortassa 1997.

²⁵ Sobre o género, vd. O. Prieto Domínguez 2009 e A. Egea, J. L. Vidal 2014.

²⁶ Sobre estes textos, e o género em que há que incluí-los, vd. A. Martínez Fernández 1987-88 e L. Arturo Guichard 2006.

devem remontar os núms. 22, 24 e 27 (de Símias de Rodes), bem como o núm. 26 (de Dosiádas). Assentes sobre uma linguagem fortemente cifrada – e por isso mesmo tantas vezes artificial em demasia – são os núms. 21, 25 e 26, facto que, neste volume, redundou numa profusão das notas a pé de página.

Como dignos representantes da poesia concreta helenística que são, estes epigramas fazem uso de um vasto conjunto de versos métricos para conseguir, com a sua ordenação determinada, representar o perfil da realidade material que dá título ao poema: uma flauta, um altar, um machado, um ovo... ou as asas do deus Amor. Mais longe vão contudo os núms. 22 e 27, nos quais duas possíveis ordenações dos versos – do mais largo para o mais curto, ou de forma concêntrica – permitem duas leituras, traduções e entendimentos igualmente coerentes (mas nada imediatos, diríamos) do poema. Por fim, é especial o caso do núm. 25 que, além de dispor os versos de forma a representar o perfil de um altar de pedra encimado de cruz, faz com que as iniciais de cada verso formem um voto para o suposto autor da homenagem, ambos efeitos que julgamos, com recurso a algumas concessões, ter mantido em tradução.

Os epigramas para os aurigas do Hipódromo de Constantinopla²⁷ são copiados, para dizê-lo de alguma maneira, em apêndice ao apêndice que já de si constitui o livro XV, num quaternião posteriormente acrescentado ao códice. Nele constam dez epigramas, parte de um conjunto maior que, por recurso à epigrafia e sobretudo à recensão de Planudes que lhe acrescentou um grande número de peças (Plan. 335-387),

²⁷ Estudámos o seu contexto mais em detalhe na Introdução à tradução do *Apêndice de Planudes* para esta mesma série (Martins de Jesus 2016b), volume onde se traduz a totalidade dos componentes e para o qual também remetemos a propósito dos principais títulos bibliográficos sobre o assunto.

conseguimos reconstruir com grande acuidade. São poemas que conheceram, na maior parte dos casos, a forma inscrita, e que celebram as vitórias na quadriga de alguns dos mais ilustres aurigas do seu tempo (séculos V e VI) no Hipódromo de Constantinopla – Urânio, Faustino, Constantino e Porfírio os seus nomes, dados por ordem cronológica da sua carreira, não necessariamente pela que ocupam na numeração tradicional dos epigramas. No global, os temas são recorrentes: a juventude e velhice ambas triunfantes, a exaltação da arte do auriga, tantas vezes demonstrada pela sua habilidade mesmo com os corcéis da equipa adversária, uma constante chuva de grinaldas para os vencedores, o ouro e o bronze (este último mais frequente) e as capacidades da arte escultórica para produzir vida, por fim as aclamações de uma, várias ou todas as fações (a comunidade em geral) e do mesmíssimo imperador.

Resta mencionar um conjunto de 23 epigramas realmente de assunto e forma diversa: dedicatórias, epitáfios, erotismo e moralidade, sátira e paródia. Dão, numa palavra, a sensação de terem sido lançados para um saco que não era o seu lugar, como que para completar as páginas de um quaternião que importava encher. Muitos deles caberiam perfeitamente noutros livros da *Antologia*, outros talvez sequer merecessem estar presentes pela pobreza do engenho que revelam.

BIBLIOGRAFIA

- Argentieri, L. (2007), "Meleager and Philip as epigram collectors", in P. Bing, J. S. Bruss (eds.), *Brill's Companion to Hellenistic Epigram down to Philip*. Leiden: 147-64.
- Arturo Guichard, L. (2006), "Simias' Pattern Poems: the Margins of the Canon", in M. A. Harder, R. F. Regtuit, G. C. Wakker (eds.), *Beyond the Canon*. Leuven-Paris-Dudley (Mass.): 83-103.
- Baldwin, B. (1985), "The Homeric scholarship of Cometas", *Hermes* 113.1: 127-128.
- Beckby, H. (1957-1965), *Anthologia Graeca*. Band 1, Buch I-VI, 1957; Band 2, Buch VII-VIII, 1957; Band 3, Buch IX-XI, 1958; Band 4, Buch XII-XVI, 1965. München.
- Brunck, R. F. Ph. (1772-1776), *Analecta Veterum Poetarum Graecorum*. 3 vols. Strasburgo.
- Buffière, F. (1970, repr. 2002), *Anthologie Grecque. Tome XII. Anthologie Palatine. Livres XIII-XV*. Paris.
- Calderón Dorda, E. (1992), "Cinco epigramas aritméticos griegos", *Monteagudo* 10: 16-19.
- Cameron, A. (1993), *The Greek Anthology. From Meleager to Planudes*. Oxford
- Cortassa, G. (1997), "Cometa e l'edizione di Omero in minuscula", *Prometheus* 33: 49-50.
- Dübner, F. (1846-1877), *Epigrammatum Anthologia Palatina cum Planudeis et appendice nova epigrammatum veterum ex libris et marmoribus ductorum*. Paris.
- Egea, A., Vidal, J. L. (2014), "De los *virgiliocentones* de Proba a los *homero-centones* de Eudocia", in F. Mestre, P. Gómez (ed. 1997), *Three Centuries of Greek Culture under the Roman Empire: Homo Romanus Graeca Oratione*. Barcelona: 391-408.

- Floyd, E. D. (1998), “Homeric and Hesiodic allusions in Cometas *On Lazarus* (*Anth. Pal.* 15.40)”. Conferência inédita [abstract: <http://www.pitt.edu/~edfloyd/bsc98.html>].
- Floyd, E. D. (1999), “Cometas on Lazarus: a resurrection of Indo-European poetics?”, in *Proceedings of the tenth anual UCLA Indo-European Conference*. Los Angeles: 183-201.
- Gow, A. S. F., Page, D. L. (1965), *The Greek Anthology. Hellenistic Epigrams*. Vol. I Introduction, text, and indexes of sources and epigrammatists; Vol. II Commentary and indexes. Cambridge.
- Heath, T. L. (1921), *A History of Greek Mathematics. Volume 2. From Aristarchus to Diophantus*. Oxford.
- Jacobs, Fr. (1794-1814), *Anthologia graeca sive poetarum graecorum lusus ex recensione Brunckii*. 5 vols. (+ 7 comm.), Leipzig.
- Jacobs, Fr. (1813-1817), *Anthologia graeca ad fidem codicis olim Palatinui, nunc Parisini ex apographo gothano edita*. 3 vols., Leipzig.
- Láscaris, J. (1494), *Anthologia graeca Planudea*. Florença.
- Martínez-Fernández, A. (1987-88), “Consideraciones generales sobre la poesia visual en la antigua Grecia”, *Revista de Filología* 6.7: 239-257.
- Martins de Jesus, C. (2016a), “Meleagro e a linguagem das flores. Tradução comentada de AP 4.1”, *Organon* 60: 171-186.
- Martins de Jesus, C. (2016b), *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (Livro XVI)*. Coimbra, São Paulo.
- Marzi, M., Conca, F., Zanetto, G. (2005-2011), *Antologia Palatina*. Vol. 1, libri I-VII, 2005; vol. 2, Libri VIII-XI, 2009; vol. 3, libri XII-XVI, 2011. Torino.
- Midonick, H. (1965), *The Treasury of Mathematics*. Volume 2. London.
- Patton, W. R. (1916-1918), *The Greek Anthology* (5 vols.). London.

- Pontani, F. M. (1978-1981), *Antologia Palatina*. Vol. 1, libri I-VI, 1978; vol. 2, libri VII-VIII, 1979; vol. 3, libri IX-XI, 1980; vol. 4, libri XII-XVI, 1981. Torino.
- Prieto Domínguez, O. (2009), “Historia del centón griego”, *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Griegos y Indo-Europeos* 19: 217-232.
- Reiske, J. J. (1754), *Anthologiae graecae a Constantino Cephalae conditae libri tres...* 3 vols. Leipzig.
- Requena Fraile, A. (2006), “Matemáticas, mitología y poesía. Aritmética en la *Antología Palatina* (I)”, *Suma* 53: 19-26.
- Requena Fraile, A. (2007), “Matemáticas, mitología y poesía. Aritmética en la *Antología Palatina* (II)”, *Suma* 54: 31-42.
- Tannery, P. (1895), *Diophanti Alexandrini Opera Omnia cum Graeci Commentariis*. Vol. II. Leipzig.
- Waltz, P. (1929, repr. 2002), *Anthologie Grècque. Tome I. Anthologie Palatine Livres I-IV*. Paris.

(Página deixada propositadamente em branco)

**PROÉMIOS DE MELEAGRO, FILIPO
E AGÁTIAS (LIVRO IV)**

ANTOLOGIA GREGA

(Página deixada propositadamente em branco)

1. GRINALDA DE MELEAGRO

– Musa amada: a quem levas este canto viçoso?

Que homem teceu semelhante grinalda de poetas?

– Foi Meleagro quem a fez, e para o ilustre Diocles¹

levou a bom porto esta oferenda da memória.

Entrelaçou muitas açucenas de Ânite², e de Mero³ muitos 5

lírios; de Safo⁴, um punhado apenas – mas de rosas;

o narciso, fertilizado pelos hinos de Melanípides⁵,

e a videira fresca da vinha de Simónides⁶;

aqui e ali entrelaçou a bela e perfumada íris⁷ de Nóssis⁸,

para cujas tabuinhas derreteu cera o próprio Eros; 10

juntou-lhe o orégão de Riano⁹, poeta de voz adocicada,

o açafraão doce de Erina¹⁰, da cor das virgens,

o jacinto de Alceu, que tem voz nas canções dos poetas¹¹,

¹ Deve tratar-se de Diocles da Magnésia, autor de uma *História Breve dos Filósofos*, mais do que uma vez citado por Diógenes Laércio.

² Poetisa de Tégea, séc. III a.C.

³ De Bizâncio, poetisa do séc. III a.C.

⁴ A própria, a de Lesbos (séc. VII-VI a.C.).

⁵ Poeta e citaredo do séc. V a.C.

⁶ O famoso autor de elegias de Ceos, a quem na *Antologia* se atribui um conjunto de composições forjadas tardiamente – entre outras possivelmente autênticas –, os *Simonidea*.

⁷ Meleagro deve aludir a um perfume elaborado a partir das raízes da planta, das quais a melhor é a variante da Ilíria (cf. Teofrasto, *História das Plantas* [HP] 1.7.2, 9.7.3). Quanto à flor, deve tratar-se da *Iris florentina*, também ela uma espécie branca de lírio.

⁸ Poetisa helenística de Locros, ativa no séc. III a.C., das melhor conservadas na *Antologia*. Escrevia, ao jeito de Safo, sobretudo sobre mulheres e o amor.

⁹ Poeta e gramático de Creta. Segunda metade do séc. III a.C.

¹⁰ Contemporânea de Safo, nativa de Rodes.

¹¹ Podendo estar implícita uma referência aos epigramas políticos de Alceu (de Mitilene, séc. VI a.C.), o passo deve aludir à tradição de que as pétalas da flor continham inscrita a dor de Apolo pela perda do amado, porquanto nelas se poderia ler “AI, AI”.

e os ramos de loureiro de escura folha de Sâmio¹²;
 também as bagas frescas da hera de Leónidas¹³ 15
 e a cabeleira do pinho de aguçadas agulhas de Mnasalcas¹⁴;
 cortou umas folhas do plátano retorcido [do canto] de
 [Pânfilo¹⁵
 e misturou-as com os rebentos da avelaneira de Pancrates¹⁶,
 com o choupo de bela folhagem de Timnes¹⁷, a verde
 [hortelã
 de Nícias¹⁸ e o eufórbio¹⁹ de Eufemo²⁰ que cresce na praia; 20
 também juntou Damageto²¹, violeta negra, o doce mirto
 de Calímaco²², sempre nutrido do seu severo mel,
 as rosas-silvestres de Eufóron²³ e †a madressilva cara às
 [Musas, †
 esse poeta que dos filhos de Zeus recebe o seu nome²⁴.

¹² Poeta Macedónio, lírico e epigramático, do séc. III a.C.

¹³ De Tarento, séc. III a.C. Conservam-se mais de cem epigramas seus ao longo da *Antologia* (epitáfios e dedicatórias, em especial).

¹⁴ Epigramatista de Sícion, contemporâneo de Alexandre Magno ou um século posterior.

¹⁵ Séc. II a.C.

¹⁶ Poeta helenístico (séc. III-II a.C.) que compôs um poema didático intitulado *Trabalhos marítimos*.

¹⁷ Epigramatista, possivelmente da Cária, de quem a *Antologia* conserva sete poemas. Séc. III-I a.C.

¹⁸ De Mileto, séc. III a.C.

¹⁹ Tem-se admitido que se trata do eufórbio (*Euphorbia paralias*), espécie nativa do sul de Europa que cresce sobretudo nas praias.

²⁰ Desconhecido e sem epigramas conservados.

²¹ Poeta da Escola do Peleponeso (segunda metade do séc. III a.C.), com doze epigramas conservados, quase todos relacionados com a guerra entre os Aqueus e a Liga Etólia.

²² O mais reputado e conservado poeta helenístico (séc. III a.C.). Natural de Cirene, na Líbia, trabalhou sob os auspícios de Ptolomeu II e Ptolomeu III na Biblioteca de Alexandria.

²³ Poeta e gramático de Cálcis, na Eubeia (séc. III a.C.).

²⁴ O poeta é Dioscórides (Egito, segunda metade do séc. III a.C.), cujo nome deriva de Dioscuros (à letra, “os filhos de Zeus”). Cf. semelhante forma de nomear um poeta infra, v. 44.

Com estas entrelaçou Hegesipo²⁵, cacho de uvas frenético, 25
 e um punhado do perfumado capim-limão de Perses²⁶,
 junto com uma maçã-de-mel²⁷ colhida dos ramos de
 [Diotimo²⁸,
 as primeiras flores da romãzeira de Menécra²⁹,
 uns galhos da mirra de Nicéneto³⁰, o terebinto³¹ de Faeno³²
 e a pereira silvestre que roça os céus de Sími³³; 30
 também juntou aipo do prado irrepreensível de Parténis³⁴,
 do qual previamente colheu um punhado de flores,
 e – relíquias de bela safra das Musas que gotejam mel –
 as loiras espigas da haste de milho de Baquílides³⁵;
 também Anacreonte³⁶ e o seu canto lírico da doçura 35
 do néctar, bouquet não semeado entre as elegias;
 e, da colheita da flor do cardo de encaracolada cabeleira

²⁵ Pode ou não tratar-se do comediógrafo ateniense com o mesmo nome, ativo em finais do séc. III a.C.

²⁶ Helenístico. Desconhecido.

²⁷ *Pyrus praecox*, também conhecida como “maçã-de-verão” (cf. Dioscórides 1.115.3), era o resultado do enxerto entre a macieira e o marmeleiro, constituindo assim mais uma espécie de fruto a formar parte da grinalda.

²⁸ Da primeira metade do séc. III a.C.

²⁹ Poeta helenístico de tipo didático (séc. III a.C.). Foi mestre de Arato.

³⁰ De Samos. Poeta épico e epigramático, séc. III a.C.

³¹ *Pistacia terebinthus*, como a anterior fonte de resina, que Teofrasto (*HP* 9.2.2) diz ser “muito perfumada e agradável ao cheiro”.

³² Séc. III a.C.

³³ De Rodes, ativo c. 300 a.C.

³⁴ Não se conservam na *Antologia Grega* epigramas atribuídos a tal autor, nem este é referido por qualquer outra fonte. Não é sequer claro que se trate de um nome feminino ou masculino.

³⁵ Natural de Iúlis, na ilha de Ceos (séc. V a.C.), dele conservamos sobretudo epinícios e ditirambos, além de alguns epigramas que lhe são atribuídos mas que não devem ser da sua lavra.

³⁶ O poeta lírico de Teos (séc. VI a.C.), de quem um conjunto ainda vasto de epigramas, escritos como exercício poético sobre os seus temas, se conservam na *Antologia* – os *Anacreontea*.

de Arquíloco³⁷, umas gotas apenas do seu oceano;
 a estas juntou rebentos frescos da oliveira de Alexandre³⁸
 e a flor da fava³⁹ de tons de púrpura de Policleito⁴⁰. 40
 Acrescentou manjerona, a flor dos versos de Polístrato⁴¹,
 e a hena fenícia bem recente de Antípatro⁴²;
 não deixou de lhe pôr o nardo Sírio coroado de espigas,
 esse poeta que celebramos como *dom de Hermes*⁴³!
 Há ainda as flores silvestres de Posidipo⁴⁴ e Hédilo⁴⁵, 45
 e essas do Siciliano⁴⁶ que nascem dos sopros do vento⁴⁷;
 e (como não?), o galho sempre dourado do divino Platão⁴⁸,

³⁷ De Paros. Iambógrafo e elegíaco do séc. VII a.C.

³⁸ Alexandre da Etólia, ativo c. 280 sob o governo de Ptolemeu II e bastante ligado à Biblioteca de Alexandria.

³⁹ Devem estar em causa as flores do arbusto que a produz, a *Vicia faba*, que podem ser brancas ou rosadas.

⁴⁰ Desconhecido.

⁴¹ Desconhecido.

⁴² A flor é escolhida pela proveniência geográfica de Antípatro, de Sídon (segunda metade do séc. II a.C.). Trata-se da *Lawsonia inermis*, arbusto com florescências brancas e de cujas folhas secas e tronco se extrai um colorante ainda hoje em dia muito usado na cultura árabe.

⁴³ Como a propósito de Dioscórides (supra, vv. 23-24), o nome do poeta, Hermodoro, surge desdobrado numa perífrase. Apenas pela apresentação que dele faz Meleagro podemos deduzir que era da Síria, a única informação conhecida.

⁴⁴ De Pela, c. 310-240 a.C. Aos 23 epigramas que lhe são atribuídos na *Antologia*, em 2001 vieram acrescentar-se outros 112 (alguns fragmentários), recuperados do P.Mil.Vogl. VIII 309, que continha dois dos textos já conhecidos pela recolha de Meleagro.

⁴⁵ Nativo de Samos (ou Atenas), sabemos que foi contemporâneo e mesmo rival de Calímaco e Posidipo. A *Antologia* recolhe onze epigramas a ele atribuídos.

⁴⁶ Asclepiades (Samos, séc. II a.C.), na medida em que *Sikelidas* possa ser um anagrama do nome do poeta. Atribuem-se-lhe cerca de 40 epigramas, sobretudo eróticos e de assunto simposíaco.

⁴⁷ Desta feita, é a flor que vê desdobrado o seu nome: a anémone.

⁴⁸ Deve tratar-se do *Sempervivum arboreum* (“saião”, em Português), uma planta com flor que Meleagro teria associado à teoria da imortalidade da alma e, segundo o autor, seria igualmente uma reminiscência, repetida noutras fontes, do “galho dourado” do livro VI da *Eneida*.

aquele cuja virtude resplandece por toda a parte!
 Acrescentou ainda Arato⁴⁹, sabedor dos astros, da palmeira
 que se eleva aos céus colhendo os primeiros rebentos, 50
 o nenúfar de belas folhas de Querémon⁵⁰ misturado com o alelí⁵¹
 de Fédimo⁵², o *olho-de-boi*⁵³ bem torneado de Antágoras⁵⁴,
 o recém-florido tomilho que é bom companheiro de copos⁵⁵
 de Teodóridas⁵⁶, as flores dos lóios⁵⁷ de Fânias⁵⁸
 e os rebentos jovens de muitas outras. Com todas elas misturou, 55
 por fim, as precoces violetas brancas⁵⁹ da sua própria Musa.

⁴⁹ Deste poeta (c. 315/310-240 a.C.), conhecido sobretudo pelos seus *Fenómenos*, Meleagro sugere que recolheu composições de juventude, os epigramas.

⁵⁰ Não é claro se este Querémon, de quem a *Antologia* recolhe três epigramas, é ou não o tragediógrafo Ateniense homónimo da primeira metade do séc. IV a.C.

⁵¹ O *Cheiranthus cheiri*, cujo forte aroma é destacado por Teofrasto (*HP* 6.6.2).

⁵² Bizâncio, séc. II a.C.

⁵³ “Olho-de-boi”, em Português, é o nome popular dado à flor do *Leucanthemum* (ou *Chrysanthemum*) *vulgare* ou do *Leucanthemum sylvaticum*, mais conhecidas por malmequeres. Uma anedota antiga (Max. Conf. 15.580; Apost. 5.13 = Arsen. 13.28; *Gnom. Vat.* 109) conta que Antágoras, estando em Tebas para uma leitura da sua *Tebaida*, perante o público que se aborrecia e abandonava a sala, fechou o livro e disse: “com justiça vos chamam Beócios, pois tendes *orelhas de boi*”.

⁵⁴ Rodes, séc. III a.C.

⁵⁵ Não temos notícia de que o tomilho (*Thymus sibthorpii* ou *Thymus aticus*) fosse usado como tempero do vinho, pelo que Meleagro deve referir-se ao seu uso nas grinaldas do simpósio.

⁵⁶ Lírico e epigramático de Siracusa, séc. III a.C.

⁵⁷ Tem-se sugerido a *Centaurea cyanus* (em Português “centáurea” ou “lóio”), uma pequena planta de flor azulada nativa da Europa e conhecida, em algumas línguas, como “mirtilo-dos-campos” (embora não produza qualquer fruto).

⁵⁸ Dos mais recentes poetas coligidos por Meleagro (segunda metade do séc. II a.C.).

⁵⁹ A flor que simboliza a arte poética do autor-editor surge noutros epigramas seus (*AP* 5.144.1, 5.147.1). Pode tratar-se da *Galanthus nivalis* (em inglês “snowdrop”) ou da *Matthiola incana* (o “goivo”). A primeira hipótese parece-nos preferível, posto que se trata de uma planta de florescência precoce, como implícito na adjetivação de Meleagro e no

Aos meus amigos dedico esta oferenda; mas para os iniciados
vai também esta grinalda coletiva de doce canto das Musas.

2. GRINALDA DE FILIPO

Tendo colhido para ti as flores do Hélicon⁶⁰, cortado os botões
recém-floridos da Piéria⁶¹, famosa pela suas florestas,
e segado a espiga de colunas recentes, entrelacei também eu
uma grinalda, em tudo semelhante à de Meleagro.

E tu que conheces, nobre Camilo⁶², a fama dos poetas antigos, 5
conhece agora a das poucas linhas dos mais recentes.

Antípatro⁶³ será na grinalda uma espiga; qual fruto da hera

Crinágoras⁶⁴, e qual cacho de uvas luzirá Antíflo⁶⁵,

Túlio⁶⁶ como o feno-grego, como a manjerona Filodemo⁶⁷;

o mirto é Parménio⁶⁸, e semelhante à rosa Antífanes⁶⁹; 10

testemunho de Teofrasto (*HP* 6.8.1). De alguma maneira, poderia isto significar que Meleagro incluía composições suas de juventude ou, no mínimo, prévias à organização da antologia.

⁶⁰ Monte consagrado às Musas.

⁶¹ A morada mais comum das Musas pelo menos desde Hesíodo, ditas por isso, em muitos passos, Piérides.

⁶² O destinatário do próemio de Filipo tem sido identificado com L. Arrúncio Camilo Escriboniano, cônsul no ano 32 juntamente com o pai de Nero, o mesmo indivíduo que promoveu uma revolta contra o imperador Cláudio no ano 42. Por esta data costuma datar-se a *Grinalda* de Filipo de c. 40, considerando que jamais esta seria dedicada a Camilo após o fracasso da sublevação que liderou.

⁶³ A. de Tessalónica, poeta da época de Augusto.

⁶⁴ C. de Mitilene, da mesma época.

⁶⁵ A. de Bizâncio, da dinastia Júlio-Claudiana.

⁶⁶ Identificado com C. Terêncio Túlio Gémino, foi cônsul *suffectus* em 46.

⁶⁷ F. de Gádara, c. 110-1140/35 a.C.

⁶⁸ P. da Macedónia, poeta da época de Augusto.

⁶⁹ Também da Macedónia, A. floresceu por volta do ano 30.

a hera é Automedonte⁷⁰, Zonas⁷¹ o lírio, o carvalho Bianor⁷²,
 Antígono⁷³ ramalhete de oliveira e Diodoro⁷⁴ a violeta;
 para Eveno⁷⁵, entrelaça ainda o loureiro. Quanto aos demais,
 compara-os com as flores recém-brotadas que desejares.

3. DE AGÁTIAS O ESCOLASTA, DE ESMIRNA NA ÁSIA

Recolha de epigramas recentes apresentada em Constantinopla a Teodoro, o decurião filho de Cosmas⁷⁶. Estes proémios foram entoados depois das récitas, ao tempo tão frequentes.

Julgo, meus senhores, que estareis tão fartos
 deste abundante banquete de iguarias literárias
 que a comida só poderia causar-vos indigestão;
 ainda assim, aí vos sentais, fartos de tal repasto.
 Muitos autores, servindo-nos um menu variado 5
 dos seus escritos, sumptuosos e diversos,
 fizeram-nos desdenhar os pratos comuns.
 Que devo então fazer? Os que já tinha preparados,
 devo por isso deixar de servi-los e deitá-los fora,
 ou antes expô-los no meio da praça pública 10
 para os vender a baixo preço aos retalhistas?
 Nesse caso, quem provará os meus produtos?

⁷⁰ A. de Cízico, ativo c. do ano 10.

⁷¹ Diodoro Zonas de Sardes, flor. c. do ano 20.

⁷² Bianor da Bitínia, contemporâneo do anterior.

⁷³ A. de Caristos, contemporâneo.

⁷⁴ Pode tratar-se de Diodoro de Sardes (também dito o Jovem e citado por Estrabão 13.4.9), ou de Diodoro de Tarso, conhecido como o Gramático. Os epigramas de um e de outros conservados na *Antologia* são difíceis de distinguir.

⁷⁵ Eveno, o Gramático. Contemporâneo.

⁷⁶ Vd. Introdução.

Quem comprará estes escritos por tuta-e-meia,
 a menos que tenha os tímpanos de todo furados?⁷⁷ 15
 Assim, espero que a gosto estendais a mão
 ao que preparei, e que não lhe sejais indiferentes.
 É que é meu costume adaptar o menu ao gosto
 particular dos que solicitaram os meus serviços.
 Além disso, o que tenho para oferecer-vos 20
 é um banquete composto de novos sabores.
 E já que não é possível que de mim apenas
 recebais um repasto digno de vós, senhores,
 convenci muitos a partilhar comigo esforço
 e despesas, para vos resultar mais agradável.
 Com efeito, os ricos forneceram abundante 25
 parte dos seus luxos, e eu, aceitando a oferta,
 sinceramente me orgulho das suas iguarias.
 Um deles, com toda a razão, apontando-me
 há de dizer a outro: “Acabo de amassar
 uma massa de canções bem fresquinha, 30
 e este tipo é quem serve o que eu amassei.”
 Assim falará um dos cozinheiros, mas não
 o mais sábio, aos quais pareço ser o único
 soberano de um tão sumptuoso banquete.
 Com eles, atrevi-me a pequena contribuição 35
 pessoal, para que não parecesse de todo
 ser eu o convidado daqueles que convidei.
 De cada um introduzi uma pequena porção,
 só para provar; o resto, alguém que deseje
 conhecê-lo na totalidade e fartar-se dele, 40
 saiba que deve procurá-lo em praça pública.

⁷⁷ Presunção de humildade poética.

Agora, para adornar estes meus esforços,
 farei primeiro os elogios ao Imperador⁷⁸;
 desse modo, tudo seguirá sob bom auspício.
 E, para a tarefa de celebrar tão grandes ações, 45
 encontre eu palavras igualmente elevadas.

4 (3b). DO MESMO

Bárbaro algum, liberto o pescoço dos grilhões do jugo,
 dirija o olhar contra o Imperador, poderoso guerreiro;
 que jamais a débil Pérsia, ousando levantar o véu,
 o olhe nos olhos; antes, prostrada sobre a terra (50)
 e inclinado o arco orgulhoso do seu pescoço, 5
 venha por si prestar contas ante a justiça Ausónia⁷⁹.
 E tu Hespéria⁸⁰, a ama além da margem do Gades,
 para lá do estreito da Ibéria e de Tule⁸¹, filha do Oceano,
 respira enfim em paz, e contando as cabeças dos tiranos (55)
 que se sucederam enterradas debaixo do teu pó, 10
 com braços amistosos abraça a tua amada Roma.
 No cume do Cáucaso e junto e aos desfiladeiros de Citas⁸²,
 – onde, calcado pelo bronze sonoro da pata do touro,
 outrora se fendeu o duro dorso de um solo de ferro⁸³ –, (60)
 entrelaçando uma dança com as Hamadriades⁸⁴ suas amigas, 15

⁷⁸ Justiniano, imperador romano do oriente entre 527-565.

⁷⁹ i.e. Romana (do Oriente).

⁸⁰ A Hespéria designa todos os países do Ocidente antes na posse dos bárbaros, agora parte do império romano.

⁸¹ Respetivamente, a atual Cádiz, o estreito de Gibraltar e o arquipélago das Shetland (a norte da Escócia).

⁸² Cidade da Cólquida, atualmente na Geórgia.

⁸³ Alusão ao episódio, contado nas *Argonáuticas* de Apolónio de Rhodes (3.401-471; 1278-1345), no qual Teseu, por ordem de Aetes, atrelou dois bois de patas de bronze a um carro e semeou dentes de serpente.

⁸⁴ No global, ninfas das florestas.

possa uma ninfa do Fase⁸⁵ rodopiar no baile que tanto ama
 e celebrar os feitos do Imperador que porta vários cetros,
 renunciando ao labor funesto de dar à luz gigantes.
 Não mais se vanglorie a proa da nau Argo de Iolcos, (65)
 pois a terra Cólquida, outrora maravilhada ante os trabalhos 20
 do herói Pagáseo⁸⁶, não mais alberga uma raça de Gigantes
 nem abre o seu solo belicoso a uma colheita de guerreiros.
 Essa história, algum mito a forjou ou de arte ímpia 20
 é resultado, segundo a qual, enfurecida pela paixão, (70)
 uma astuta donzela⁸⁷ despoletou o poder da sua magia. 25
 Porém, sem recurso a qualquer engano ou poção funesta,
 o Gigante da Bácia⁸⁸ sucumbiu ao peso das nossas lanças.
 Terra alguma me está agora vedada, e também no mar,
 desde o golfo da Hircânia ao fundo do mar da Etiópia⁸⁹, (75)
 as águas pacíficas são atravessadas por naus Itálicas. 30
 Avança pois, caminhando sem escolta por toda a terra,
 Ausónio viajante, e rejubila: percorrendo o cabo
 Massageta⁹⁰ e o vale inóspito das gentes de Susa, 30
 pisa a teus pés o solo fértil da Índia; e de caminho, (80)
 se tiveres sede, bebe água do Hidaspes⁹¹, teu escravo. 35
 Ou, caminhando sem medo sobre as terras de negra face,
 chega aos pilares do Alcida⁹² e, cheio de confiança,

⁸⁵ Rio da Cólquida.

⁸⁶ Jasão.

⁸⁷ Medeia.

⁸⁸ Alusão às guerras promovidas por Justiniano pela possessão das passagens do Cáucaso e do país de Lazos (a costa do Ponto Euxino, nas duas margens do rio Fase), especialmente entre 549-552.

⁸⁹ O golfo de Hircânia (o mar Cáspio) e o mar da Etiópia (a parte meridional do Mar Vermelho).

⁹⁰ Na Cítia.

⁹¹ Afluente sul do Indo (atual Djelam).

⁹² Os Pilares de Hércules, simbolicamente o limite do mundo conhecido.

põe cobro à caminhada sobre as areias dos Iberos⁹³,
 aí, onde sobre o estreito de belas correntes do mar (85)
 as extremidades de dois continentes se juntam 40
 e cumprem as esperanças mortais de seguir por terra.
 Atravessando a fronteira da Líbia, terra dos Nasamões⁹⁴,
 chega então a Sirtes, onde, desviado pelas tempestades
 do Noto⁹⁵ em direção às encostas opostas do Bóreas⁹⁶, (90)
 sob ventos de areias pela praia onde rebentam as ondas, 45
 o mar revela um caminho terrestre para os homens.
 Jamais te receberão regiões de terra que seja estranha,
 mas sempre estarás nos limites do poder do Imperador,
 lá onde quer que vás, pois ele abarcou o mundo inteiro (95)
 sob o seu poder. Em vão o Tánais limita um continente⁹⁷ 50
 quando corre através da Cítia até ao Lago Meótida⁹⁸.

Por isso, agora que tudo está repleto de paz amada,
 agora que as esperanças de uma guerra, nacional (100)
 ou estrangeira, foram calcadas pelo nosso Imperador, 55
 vamos, feliz Teodoro, estabeleçamos sábia competição
 musical e iniciemos os jogos da dança ao som dos poetas.
 Por ti fiz este encargo; para ti preparei este trabalho
 de ceifeiros, colhendo num só livro, indivisível,
 a matéria-prima da abelha que visita muitas flores; (105)
 recolectando tal ramo de flores variadas da elegia, 60

⁹³ Atual Península Ibérica.

⁹⁴ Tribo da Líbia que, segundo Heródoto 2.32, “habita Sirtes e (...) o território a este de Sirtes”.

⁹⁵ O vento do Sul.

⁹⁶ O vento do Norte.

⁹⁷ A Ásia, semprada por este rio da Europa.

⁹⁸ O atual Mar de Azov, a norte do mar Negro, ligado a ele pelo estreito de Kerch.

enlacei para ti uma grinalda da eloquente Calíope⁹⁹,
qual carvalho para o Crónida¹⁰⁰ ou navios para O que sacode
[a terra¹⁰¹,
um cinto de guerreiro para Ares ou uma aljava para Apolo,
uma lira para Hermes ou vinhedos para Dioniso. (110)
Sei bem como será eterna a fama que, sobre os suores 65
do meu trabalho, derramará a dedicatória a Teodoro.
Primeiro, colherei para ti, rivalizando com os antigos,
tudo quanto escreveram os pais da nova poesia,
oferenda aos velhos bem-aventurados, pois parecem (115)
ter levado em conta o sábio modelo das letras antigas¹⁰². 70
Depois destas, as do passado, um novo livro reúne
tudo quanto gravámos nas pinturas de qualquer lugar,
numa estátua bem trabalhada ou ainda em incontáveis
obras expressas noutra qualquer técnica laboriosa¹⁰³. (120)
Ao terceiro nível deste livro recente calhou recolher 75
o que costuma constar nas tumbas¹⁰⁴ – e permita Deus
tanto completá-lo na poesia como lográ-lo na vida real.
Quanto escrevemos nos variegados trilhos da vida
e sob os pesos enganadores da inconstante fortuna, (125)
encontrá-lo-ás no quarto patamar deste meu livro¹⁰⁵. 80
Mais, talvez o charme de um quinto concurso te deleite,
onde, em tom insultuoso, registámos o ritmo grosseiro

⁹⁹ Musa da Poesia.

¹⁰⁰ Zeus.

¹⁰¹ Poseidon.

¹⁰² O primeiro livro seria de epigramas votivos, imitação dos poetas antigos pagãos.

¹⁰³ Livro II: epigramas efrásticos e inscrições.

¹⁰⁴ O terceiro livro recolhia epitáfios.

¹⁰⁵ Não é claro o assunto do quarto livro, mas devia dizer respeito a acontecimentos memoráveis.

da poesia¹⁰⁶. Citereia¹⁰⁷, roubando um sexto livro de versos,
talvez desvie o nosso rumo para o registo da elegia (130)
e para as doçuras do amor. Num sétimo favo de mel, 85
por fim, encontrarás os prazeres de Baco¹⁰⁸, danças ébrias,
a bebedeira, as taças e os banquetes sumptuosos.

5 (3c). DO MESMO

Colunas, retratos e tabuinhas inscritas são alegria
imensa para quantos logram possuí-los,
mas só em vida – semelhantes glórias vãs pouco
beneficiam as almas dos homens já mortos.
A virtude e a graça da sabedoria acompanham-nos, 5
subsistindo aqui na terra atreladas à memória.
Por isso nem Platão nem Homero se enobrecem
com pinturas ou colunas, só com a sabedoria.
Felizes aqueles cuja recordação vive nas páginas de livros
eruditos, e não em retratos de todo inúteis.

¹⁰⁶ Epigramas satíricos.

¹⁰⁷ Afrodite. O sexto livro reunia poesia de temática amorosa.

¹⁰⁸ Livro VII: epigramas de banquete.

(Página deixada propositadamente em branco)

EPIGRAMAS DE METRO VARIADO
(LIVRO XIII)

ANTOLOGIA GREGA

(Página deixada propositadamente em branco)

1. DE FILIPO

Pentâmetros

Salve, Páfia deusa!¹ O teu poder,
beleza imortal e doce majestade,
todos os mortais efémeros os honram
em incontáveis histórias e belas obras.
Em toda a parte a todos revelas honras.

2. DE FÉDIMO

Trímetros iâmbicos

Calístrato ergueu para ti, mensageiro de Zeus,
esta estátua de um jovem como tu, da tua idade.
É de Cefísia² o rapaz! Grato pela oferta, soberano,
protege agora o filho de Apolodoro³ e a sua terra.

3. DE TEÓCRITO

Coliambos

O artífice das Musas Hipónax⁴ aqui repousa.
Se és malvado, não te acerques do túmulo;
se porém és honrado e de boa linhagem,
senta-te sem medo e se quiseres adormece.

¹ Afrodite.

² Demo de Atenas.

³ Calístrato, o jovem retratado na estátua à imagem de Hermes, filho de Apolodoro, não conseguiu identificação.

⁴ Poeta iâmbico de Éfeso do séc. VI a.C., que gozava de grande fama e admiração no séc. III da era cristã. O epigrama está composto no metro favorito do mesmo Hipónax.

4. DE ANACREONTE

Tetrâmetros trocaicos cataléticos

Choro-te, Aristoclides⁵, o melhor dos meus amigos valentes;
a ti, que perdeste a juventude para salvar a pátria da servidão.

5. DE FALICO

Trímetros iâmbicos cataléticos

– No diaulo⁶ triunfo. – E eu na luta.
– E eu no pentatlo. – E eu no pugilato.
– E tu quem és?⁷ – Timodemo. – E eu Cres.
– E eu Creteu. – E eu Diocles.
– E o teu pai quem é? – Cleino⁸. – Como o nosso.
– E onde venceste? – No Istmo. – E tu, onde?
– Nos prados de Nemeia e nos jogos de Hera⁹.

6. DO MESMO

Hendecassílabos falécios

Esta estátua tão extraordinária
de um cómico, por um canto triunfal

⁵ Um jovem não identificado de Abdera, morto em combate. Os dois versos conservados têm sido interpretados como parte de uma composição bastante mais extensa.

⁶ Ou duplo estádio – corrida de c. 360 metros.

⁷ Aqui e no verso 6, quem fala deve ser um transeunte, que interpela as estátuas de quatro atletas irmãos.

⁸ Não tendo os atletas sido identificados, nomes como Timodemo (“glória da terra”), Diocles (“glória de Zeus”) e Cleino (“o ilustre”) podem ser alegóricos.

⁹ Após a referência aos Jogos Ístmicos (v. 6) e aos Nemeus (v. 7), referem-se os *Heraia* de Argos, que seriam realizados no mesmo local que os Nemeus.

coroado com marfim e grinaldas ergui,
 para que servisse de memorial a Lico¹⁰.
 A que nível ascendeu este ilustre homem,
 cujo memorial de charmoso conversador
 e conviva se dedica também para bem
 dos vindouros, cópia exata do seu aspeto.

7. DE CALÍMACO

*Tetrâmetros iâmbicos dicataléticos*¹¹

Menito, o de Licto¹², estas armas consagrou
 dizendo: “Aqui te ofereço o arco e a aljava,
 Serápis¹³! As flechas, têm-nas os da Hespéria¹⁴.”

8. De Teodóridas

*Grandes arquiloquianos*¹⁵

[A Hera¹⁶], pela corrida larga que venceu com a sua velocidade,
 o filho de Aristómaco dedicou esta *lebes*¹⁷ de bronze martelado.

¹⁰ Lico de Escarfeia, na Lócria, contemporâneo de Alexandre Magno. Segundo Plutarco (*Moralia* 334E, *Alexandre* 29), um passo de uma comédia sua teria feito rir o Imperador.

¹¹ Apresentamos o epigrama como copiado no *Palatinus*, i.e., em três versos (ditos pelo lematista “tetrâmetros cómicos”), contra a tendência das edições de transformá-lo em seis dímetros iâmbicos cataléticos.

¹² Demo de Creta. Os Cretenses tinham fama de grandes arqueiros.

¹³ Divindade sincrética helenístico-egípcia, reunindo as atribuições de Dioniso e Osíris. O seu culto terá sido introduzido em Alexandria ainda no séc. IV a.C.

¹⁴ Pode aludir, em geral, às regiões do sol poente, ou à Hespéria, em concreto, uma cidade da Líbia.

¹⁵ Dois tetrâmetros datílicos itifálicos.

¹⁶ Conjetura textual geralmente aceite.

¹⁷ Nome grego para uma espécie de caldeirão, normalmente em bronze, oferecido em agradecimento sobre uma trípole.

9. DE CALÍMACO

*Pentâmetros trocaicos cataléticos*¹⁸

Fendendo o Egeu, mais do que uma ânfora vem de Quios
[dos vinhedos,
e mais do que uma cheia com esse tão puro néctar das vinhas
[de Lesbos...¹⁹

10. DO MESMO

Grandes asclepiadeus

Navio, que a única luz doce da minha vida levaste,
vou no teu encalce, por Zeus que vigia o porto...²⁰

11. [DE SIMÓNIDES]

*Versos arquiloquianos*²¹

– Quem dedicou esta estátua? – Dorieu de Tiro²².

– Não era Ródio de raça? – Sim, antes de se exilar da pátria
e com o seu braço terrível ter cometido muitos atos violentos.

¹⁸ Heféstion considera estes versos os exemplos mais antigos deste tipo de verso, por isso mesmo designado pelos antigos de “Calimaqueio”.

¹⁹ Se os vinhos de Quios eram os mais famosos da Antiguidade, os de Lesbos eram tidos como os mais puros. O lematista acrescenta à margem a informação de que “o epigrama não está completo”.

²⁰ “Também incompleto”, segundo o lema.

²¹ O lema menciona “pentâmetros hiporquemáticos”, mas a designação não cumpre. Trata-se na realidade de três versos arquiloquianos, a saber e por ordem, um assinarteto arquiloquiano (*prosodiacon* + dímetero iâmbico), um arquiloquiano 3 (*hemiepes* + dímetero iâmbico) e um tetrâmetro iâmbico (dois tetrapodos cataléticos).

²² Vencedor olímpico no pancrácio em 432, 428 e 424 a.C., o mesmo indivíduo que, em 412 a.C., exilado em Tiro, tomou parte na guerra contra Atenas, na qual foi capturado e depois libertado por consideração à sua fama de atleta. A cronologia da sua vida torna o epigrama, naturalmente, impossível de atribuir a Simónides (morto em 468 a.C.).

12. DE HEGESIPO

hexâmetro datílico + trímetro iâmbico

Maldito seja esse dia, essa noite nefasta privada de lua
 e o terrível marulhar do mar batido pelo vento
 que açoitou o navio no qual uma tão doce alma,
 Abdério²³, em vão suplicava aos deuses!

Qual monte esparsos de destroços, uma vaga o arrastava
 para o escarpado Serifos²⁴, de onde, recebendo o fogo
 às mãos de piedosos hóspedes, regressou à pátria
 de Abdera envolto numa urna de bronze²⁵.

13. ANÓNIMO

hexâmetro datílico + pentâmetro datílico + trímetro iâmbico

Esta a oferenda de Pires²⁶, o filho querido de Polimnesto,
 pela dízima devida a Palas Tritogeneia²⁷.

Cresilau de Cidónia²⁸ a realizou.

²³ Desconhecido, ou o poeta quer simplesmente dizer “o homem de Abdera” (na Trácia).

²⁴ Nas ilhas Cíclades.

²⁵ O mesmo tema, o do cadáver de um naufrago devolvido à pátria, é tratado em *AP* 7.276, do mesmo poeta.

²⁶ Ateneu (14.620e) menciona um poeta milésio com o mesmo nome, mas a identificação não é segura.

²⁷ Atena, cujo epíteto “tritogeneia” a relaciona com o lago no qual terá nascido (Trítion ou Tritono).

²⁸ Escultor da região de Creta, autor de uma estátua de Péricles da qual se recuperou a base em Atenas.

14. DE SIMÓNIDES

distico elegíaco + dois trímetros iâmbicos + hexâmetro datílico

O Argivo Dândis²⁹, corredor do estádio, aqui repousa,
cujas vitórias glorificaram a pátria criadora de cavalos,
duas vezes em Olímpia, em Pito³⁰ outras três,
mais duas no Istmo e quinze em Nemeia;
as suas outras vitórias, não é tarefa fácil contá-las.

15. ANÓNIMO

dois hexâmetros + pentâmetro

Eu sou Dícon, filho de Calímbroto³¹, o que venceu
quatro vezes em Nemeia, duas em Olímpia, cinco em Pito
e três no Istmo – e coroo a cidade de Siracusa.

16. ANÓNIMO

três hexâmetros + pentâmetro

Os reis de Esparta foram meus pais e meus irmãos.
Eu, Cinisca³², vencedora com o carro de cavalos velozes,
ergui esta estátua. Afirmando ser a única, entre as mulheres
todas que há na Hélade, a granjear esta grinalda!

²⁹ Diodoro (11.53.1) menciona um atleta com este nome, vencedor olímpico em 472 a.C. – data compatível com uma atribuição a Simónides.

³⁰ Delfos.

³¹ Pausânias (6.3.12 ss.) atribui a este Dícon cinco vitórias píticas, três ístmicas, quatro nemeias e duas olímpicas.

³² Cinisca era filha de Arquidamo, irmã de Agis e Agesilau. Xenofonte (*Agesilau* 9.6) e Plutarco (*Apothegma Laconica. Agesilau* 49) contam que Agesilau obrigara a irmã a criar cavalos para demonstrar que a sua vitória tinha sido obra de feitiçaria.

17. ANÓNIMO

hexâmetro datílico + dímetro trocaico catalético

Ífion³³ me pintou com a sua mão, o próprio,
o que a água de Pirene outrora nutriu.

18. DE PARMÉNON

hexâmetro datílico + hendecassílabo falécio

Serás, brônzeo labor, dito o prémio dessa égua veloz
que, atizada pela espora, cuspiu fora o jóquei
e correu livre de monta pela pista uniforme. E por isso
Parménon conseguiu uma vitória dourada³⁴.
Agora, Fócrito, ao teu filho os reis de Amiclas³⁵
concederam ter parte nos triunfos paternos.

19. DE SIMÓNIDES

hexâmetros + hiponacteus

Dedicou esta estátua o Coríntio que triunfou
outrora em Delfos, Nicoladas³⁶,
e no pentatlo Panatenaico³⁷ granjeou o prémio
de sessenta ânforas de azeite;
[no sagrado Istmo, a praia do Senhor dos mares

³³ Pintor coríntio desconhecido, também mencionado em *AP* 9.757.

³⁴ Não se conhece a identidade do atleta. No entanto, o poema testemunha que, em Olímpia, quem vencia era na realidade o cavalo (i.e. o aristocrata seu dono ou patrocinador da equipa), não o jóquei.

³⁵ Ao sul de Esparta, a terra dos Dioscuros, que presidiam às corridas de cavalos em Olímpia.

³⁶ Pausânias (6.11.5) menciona um atleta desse nome, vencedor do pentatlo em Olímpia.

³⁷ As Grandes Panateneias realizavam-se, em Atenas, a cada quatro anos.

três vezes seguidas o viu levar o prêmio³⁸;
 venceu ainda em Nemeia por três vezes, quatro
 em Pelene³⁹, outras duas no monte Liceu;
 em Tégea e Egina, na escarpada Epidauro,
 em Tebas e na terra de Mégara;
 em Fliunte ganhou o estádio e o pentatlo,
 cobrindo assim de glória a grande Corinto.

20. DE SIMÓNIDES

hexâmetros datílicos + trímetros iâmbicos cataléticos

Ópis, para glória da sua pátria, a sagrada cidade de Atena,
 fabricando estas graciosas flautas, fruto da terra negra⁴⁰,
 com a ajuda de Hefesto a Afrodite as ofereceu em oblação,
 tomado que estava de amores pelo belo Bríson.

21. DE TEODÓRIDAS

trímetro iâmbicos + itifálicos

Memorial de Mnasalcas de Plateias⁴¹,

³⁸ Os vv. 5-6 estão profundamente coruptos, pelo que se traduz uma hipótese de leitura.

³⁹ Depois da menção dos jogos maiores (os Píticos, os Ístmicos e os Nemeus – faltam os Olímpicos), o poeta acrescenta ao curriculum do atleta os prêmios em outras competições menores do mundo grego.

⁴⁰ Ditas “fruto da negra terra”, as flautas referidas devem ser de prata, o que também justifica a menção de Hefesto.

⁴¹ De Mnasalcas (séc. III a.C.), dito aqui de Plateias (um demos da Sicíonia), conservamos cerca de vinte epigramas na *Antologia Grega*, distribuídos pelos livros 6, 7, 9 e 12. O tom azedo do poema de Teodóridas deve ser sintoma da rivalidade entre os poetas, já que, do que conhecemos, Mnasalcas ressaltava mesmo como um dos mais perfeitos poetas da *Grinalda* de Meleagro, e nada leva a supor que as suas elegias fossem tão piores do que os seus epigramas.

o autor de elegias.
 A sua Musa, pálido reflexo da rama
 de Simónides;
 vazio clamor de elevado estrépito,
 torrente de ditirambos;
 está morto, não o apedrejemos! Vivesse ele,
 e ressoaria como um tambor.

22. DE FÉDIMO

trímetros iâmbicos + decassílabos alcaicos

Do arco com que destruístes a força do Gigante⁴²,
 detém o poder, soberano que atiras de longe!
 Não se abra a tua aljava assassina de lobos;
 aos mancebos é melhor apontar a flecha
 de Eros, para que possam defender o seu país
 movidos pela ternura entre rapazes.⁴³
 Do fogo a chama, é ele o mais poderoso dos deuses
 que sempre inflamará os combates.
 E tu, objeto da veneração ancestral dos Esqueneus⁴⁴,
 aceita esta oblação de Melístion.

⁴² Tício, Tífon, Porfírio ou Efiates, esses alguns dos Gigantes assassinados por Apolo que podem estar implícitos.

⁴³ Melístion (v. 9) deveria ser um dos 300 integrantes do famoso “batalhão sagrado” constituído por amantes de Tebas, daí o destaque dado ao poder da flecha de Eros.

⁴⁴ Esqueno era uma cidade ao norte de Tebas, detentora de um templo de Apolo.

23. DE ASCLEPIÁDES

tetrâmetros iâmbicos cataléticos + trímetros iâmbicos cataléticos

Transeunte! Escuta um pouco, ainda que tenhas pressa,
as dores realmente extraordinárias de Bótris,
o ancião agora octogenário que sepultou um jovem
já sábio e com talento na maneira de falar.
Infeliz pai, e infeliz também tu, filho amado de Bótris,
que ignorante ainda de tantos prazeres morreste.

24. DE CALÍMACO

dímetros iâmbicos cataléticos + hendecassílabos falécios

Oferendas para Afrodite
de Simo⁴⁵, a meretriz: um retrato seu
lhe dedicou, o corpete
que lhe beijava os seios, a tocha
e os tirsos [que agitava],
desgraçada, correndo pelos montes.

25. DO MESMO

dois dímetros iâmbicos cataléticos + grande arquiloquiano

À Deméter de Pilas⁴⁶,
a quem este templo

⁴⁵ Nome pouco comum no feminino. Simo oferece a Afrodite um retrato de si própria e outras insígnias da beleza feminina e do seu ofício. A tocha e os tirsos da segunda parte do poema associam ao culto de Afrodite esse outro de Dioniso, dando o poeta a imagem da meretriz como uma bacante.

⁴⁶ Heródoto (7.200) informa da existência de um santuário de Deméter nas Termópilas.

Acrísio dos Pelasgos⁴⁷ erigiu, o Naucrátida,
 a ela e à filha subterrânea⁴⁸
 ofereceu estes dons Timodemo⁴⁹,
 a dízima dos seus lucros – esse era o seu voto.

26. DE SIMÓNIDES

grandes arquiloquianos + trímetros iâmbicos cataléticos

Recordá-la-ei, pois não é lícito que, anónima, aqui repouse,
 depois de morta, a ilustre esposa de Arquenautas,
 Xantipa, a neta de Periandro⁵⁰, o que outrora foi comandante
 de povos, segurando o timão de Corinto de altas torres.

27. DE FALICO

*grande arquiloquiano + trímetro iâmbico + hexâmetro datílico
 + trímetro iâmbico*

Foco foi morrer em terra estranha. A sua negra embarcação
 não resistiu à vaga nem [conteve] os seus assaltos.
 Afundou-se nas vastas funduras do Egeu, sob a força
 do Noto que sacudia bem fundo as ondas do mar.
 Uma tumba vazia⁵¹ recebeu na terra de seus pais, e aí a mãe,

⁴⁷ Trata-se do Acrísio mitológico, pai de Dânae.

⁴⁸ Perséfone.

⁴⁹ Timodemo, dito de Náucratis (no Egito), deve ser um dos muitos comerciantes gregos que nessa região se haviam fixado. A forma do epigrama sugere que se trataria de uma oblação real, e que Calímaco teria conhecido Timodemo no Egito.

⁵⁰ Periandro (morto c. 583 a.C.), o avô da defunta, foi o segundo tirano de Corinto, indivíduo reputado como um dos sete sábios da Grécia.

⁵¹ É frequente a referência a tumbas vazias, sobretudo, como aqui, no caso de morte em naufrágio.

Prométis, tal qual a sorte da ave plangente⁵²,
 ai!, a cada dia acorre a chorar o seu filho,
 dizendo que antes de tempo a morte o levou.

28. [DE BAQUÍLIDES OU SIMÓNIDES]⁵³

grandes arquiloquianos + verso composto de uma trípole iâmbica e um hiponacteu

Amiúde, nos coros da tribo de Acamante⁵⁴, as Horas
 aplaudiram ditirambos coroados de hera,
 elas, parceiras de Dioniso, e com bandas e botões de rosa
 ensombraram a cabeleira brilhante de talentosos cantores,
 os que dedicaram esta trípole, testemunho da competição
 de Baco. Antígenes foi quem treinou bem esses homens,
 e quem bem alimentou a sua voz foi Aríston de Argos,
 inflando o doce sopro nas flautas dóricas sem mácula;
 quem dirigiu o seu círculo de doce voz foi Hiponico⁵⁵,
 o filho de Estrutão, montado na quadriga das Graças,
 que lhe deram entre os homens nome afamado e brilhante vitória,
 com auxílio dos deuses e das Musas coroadas de violetas.

29. DE NICÉNETO

hexâmetro datílico + trímetro iâmbico

“O vinho, para o poeta charmoso, é como cavalo veloz;

⁵² O alcíone.

⁵³ Os editores e comentadores modernos apontaram o nome de Antígenes (séc. V a.C.) como possível autor do epigrama.

⁵⁴ Foi esta tribo da Ática quem dedicou um monumento coreográfico que ficaria conhecido como “lanterna de Antígenes”.

⁵⁵ Antígenes é o poeta (autor dos versos), Aríston o auleta e Hiponico o treinador do coro, no que deve ser a referência a uma performance ditirâmbica.

beber água, ao invés, talento algum traz consigo.”
 Isto dizia Cratino⁵⁶, ele que não cheirava como um odre,
 Dioniso, antes fedia mesmo ao tonel inteiro.
 Por isso era grande e tão premiado, e como tu, com a hera
 tinha a fronte pintada também da cor do açafráo⁵⁷.

30. DE SIMÓNIDES

*hexâmetro [datílico] transformado em tetrâmetro trocaico
 [catalético] pela troca da ordem das palavras⁵⁸*

Musa, canta-me o filho de Alcmena de belas pernas.
O filho de Alcmena, a de belas pernas, canta-me ó Musa.

31. DE TIMOCREONTE DE RODES

o mesmo

Este disparate de Ceos⁵⁹ me chegou contra-vontade.
Contra-vontade me chegou este disparate de Ceos.

⁵⁶ Representante maior da comédia grega antiga (c. 520-423 a.C.).

⁵⁷ Plínio (16.34.62) refere que os poetas faziam grinaldas de hera entrelaçada com flores jovens de açafráo. O amarelo (a cor do açafráo) cedo se tornou a cor da comédia e dos efeminados em concreto.

⁵⁸ Traduzimos, neste ponto apenas, todo o lema, por explicitar o jogo poético que assiste ao epigrama.

⁵⁹ Timocreonte deve aludir ao núm. 30, que teria sido composto a partir de um epigrama seu.

(Página deixada propositadamente em branco)

**PROBLEMAS, [ORÁCULOS] E
ENIGMAS (LIVRO XIV)**

ANTOLOGIA GREGA

(Página deixada propositadamente em branco)

1. DE SÓCRATES¹

“Bem-aventurado Pitágoras², rebento Helicónio das Musas, responde-me lá quantos há, em tua casa, que ao concurso da sabedoria se dedicam, competindo em excelência?
– Vou então responder-te, Polícrates: metade deles, pelas belas matemáticas se interessa; uma quarta parte, à natureza do imortal se aplica; uma sétima dedica-se ao total silêncio e aos discursos eternos do seu íntimo; e há três mulheres, das quais é Teano³ a que mais destaca. Tantos são os intérpretes das Piérides⁴ que eu dirijo.”⁵

2. ANÓNIMO

Sobre uma estátua de Palas⁶

Uma Palas em ouro martelado eu sou! O ouro,
esse foi oferta de poetas talentosos.
Metade deste ouro ofereceu-o Carísio,
a oitava parte Téspis e a décima Sólon;

¹ O núm. 1 deve corresponder ao primeiro epigrama da coleção de Sócrates. Vd. Introdução.

² Pitágoras, referido inicialmente pelos atributos de um poeta (v. 1), é o conhecido matemático do séc. VI a.C., aqui em diálogo ficcional com Polícrates de Samos – com quem tradicionalmente se relaciona – sobre os recursos humanos da escola do primeiro na Magna Grécia.

³ Teano, esposa de Pitágoras durante a velhice deste, e de quem se conserva não mais que umas cartas apócrifas, fazia parte do grupo das Pitagóricas mencionadas por Filocoro (*Suda*) e ainda referidas por São Jerónimo como exemplo de mulheres *innuptae*, juntamente com nomes como os de Cleobina, Timocleia, entre outras.

⁴ As Piérides (i.e. as Musas) eram as protetoras de todas as artes, não apenas da poesia.

⁵ Solução: 28 elementos, dos quais 14 matemáticos, sete físicos, quatro místicos e 3 mulheres.

⁶ Atena.

uma parte de vinte Témison⁷; o resto dos nove talentos, e o trabalho, ofertas de Aristodico.⁸

3. ANÓNIMO

Disse Cípris a Eros, uma vez que estava cabisbaixo: “Que dor te atingiu, meu filho?” Ele lhe responde: “As Piérides, arrancando-mas do regaço, dividiram em partes distintas as maçãs que trazia do Hélicon. Clio levou um quinto das maçãs, um doze avos delas levou Euterpe; e Talia tomou para si a oitava parte; Melpomene uma parte de vinte levou, Terpsícora um quarto; um sétimo delas se foi às mãos de Erato; Por sua vez, Polímnia guardou trinta maçãs, e a Urânia tocaram cento e vinte; e ainda Calíope, que com uma carga de trezentas maçãs se foi. Por isso venho a ti de mãos leves, trazendo só cinquenta maçãs que as deusas me deixaram.”⁹

4. ANÓNIMO

Sobre o estábulo de Augeu

A Augeu¹⁰ interrogava o braço forte do Alcida¹¹,

⁷ Todos os poetas referidos são pré-clássicos. Mais conhecidos são Sólon, o poeta e legislador do séc. VI a.C., e Téspis, o tragediógrafo do século seguinte.

⁸ Solução: 20 talentos; Téspis 5; Sólon 4; Témison 2; Aristodico 9. O peso total da estátua seria 40 talentos, i.e., cerca de 1,5 kg.

⁹ Solução: O número total de maçãs seria de 3360.

¹⁰ Um dos trabalhos de Hércules consistia em limpar os até então nunca limpos estábulos de Augeu, rei de de Élis conhecido por albergar o maior número de cabeças de gado na sua região.

¹¹ Hércules, cujo pai, em algumas tradições, recebia o nome de Alcides, não Anfitrião.

indagando o número dos seus bois; respondeu ele:
 “Junto às correntes do Alfeu¹², meu caro, metade deles;
 a oitava parte está agora a pastar na colina de Cronos;
 um doze avos lá longe, junto ao templo de Taraxipo¹³;
 uma vigésima parte alimenta-se na divina Élis,
 e uma trigésima parte deixou ficar na Arcádia;
 aqui vê as restantes cinquenta cabeças da manada.”¹⁴

5. ANÓNIMO

O fumo

De um pai branco sou o negro filho, ave sem asas
 que a voar atinge mesmo as nuvens do céu;
 às pupilas que encontro gero lágrimas sem dor;
 acabado de nascer, logo me dissolvo no ar.

6. ANÓNIMO

“Melhor dos relógios, que parte do dia passou já?
 – restam duas vezes dois terços do que já passou.”¹⁵

¹² Rio do Peloponeso.

¹³ Todos na região de Áltis, perto de Olímpia. O Taraxipo (lit. “Terror dos cavalos”) era, segundo Pausânias (6.20.15), um altar circular do Hipódromo perante o qual, quando passavam na pista, os cavalos inexplicavelmente se detinham, causando acidentes.

¹⁴ Solução: 240 cabeças.

¹⁵ Solução: Passaram já $\frac{3}{7}$ do dia. Trata-se de um problema algébrico com duas incógnitas, x (o tempo que passou) e y (o tempo que resta). Note-se que, nestes problemas, o dia conta com 12 horas (dia de trabalho), não 24.

7. ANÓNIMO

Um leão de bronze eu sou; por bicas tenho os dois olhos,
o focinho e também a planta do minha pata direita.
Enche o tanque em dois dias o meu olho direito,
o esquerdo em três e em quatro a ponta da pata;
seis horas bastam para enchê-lo o focinho; todos juntos,
focinho, olhos e pata, diz-me tu quanto tardariam.¹⁶

8. ANÓNIMO

Seis um, cinco dois, três e quatro – as faces do dado.

9. ANÓNIMO

O meu sogro matou o meu esposo, o meu esposo o meu sogro,
o meu cunhado o meu sogro e o meu sogro o meu pai¹⁷.

10. ANÓNIMO

Conheço os caldeirões¹⁸ que não sabem calar-se
e fazem o bronze ressoar de forma articulada,
respondendo o primeiro ao som do segundo
e o terceiro despoletando o som do quarto.
Porém, se a força motora está parada e não sopra,

¹⁶ Solução: O tanque encheria em 12/61 do dia, aproximadamente quatro horas e 43 minutos.

¹⁷ Fala Andrômaca, cujo esposo é primeiro Heitor e logo Pirro, os padrastrós Príamo e depois Aquiles (porque pai de Pirro) e o cunhado Páris.

¹⁸ Os caldeirões de Dodona estavam pendurados e produziam música sempre que o vento lhes batia. Calímaco refere-os.

mudo é o caldeirão – não é loquaz por natureza.
 Mas os teus *caldeirões* são naturalmente de voz bela,
 e o contacto contigo mais bela ainda a torna¹⁹,
 calando se necessário e falando quando cumpre.

11. ANÓNIMO

As mil moedas de ouro²⁰ do meu património
 aos meus dois filhos quero deixar em herança;
 e que um quinto do quinhão dado ao legítimo
 seja dez vezes o quarto do que ao ilegítimo coube.²¹

12. ANÓNIMO

O rei Creso²² dedicou seis pratos com um total de seis minas,
 cada um deles uma dracma mais pesado que o seguinte.²³

13. ANÓNIMO

Pesamos entre os dois vinte minas,

¹⁹ O epigrama, de versificação tardia e popular, deve aludir ao talento de um professor de retórica.

²⁰ Esta moeda de ouro (*statêr*) equivalia a 20 dracmas, i.e. cerca de oito gramas de ouro.

²¹ Solução algébrica: a parte do filho legítimo é de $577.7/9$ moedas, e a do ilegítimo de $422.2/9$

²² Creso (c. 560–546 a.C.), o último rei Lídio da dinastia Mermnada, anterior à tomada da cidade pelos Persas, tinha um filho mudo. Heródoto, que transmite o oráculo (1.85), conta que, na sequência da tomada de Sardes por Ciro, o filho de Creso pela primeira vez falou para implorar que não matassem o seu pai.

²³ Solução: cada prato pesava, respetivamente, 97,50 – 98,50 – 99,50 – 100,50 – 101,50 e 102,50 dracmas (6 minas = 600 dracmas).

eu, Zeto²⁴, e meu irmão; se me tiras
um terço, e um quarto aqui a Anfíon,
seis no total – eis o peso da nossa mãe.²⁵

14. ANÓNIMO

Um vento só, dois barcos, dez marinheiros a remar;
e um só comandante que ambos deve dirigir.²⁶

15. ANÓNIMO

Seis pés e igual número de posições tem o metro iâmbico²⁷,
o espondeu, o tríbraco, o dáctilo e também o anapesto,
o pírrico e o iambo. E cada um deles tem lugar próprio:
o pírrico está ao final; pé que comece por sílaba longa,
na primeira, na terceira e na quinta posições é aceitável;
os demais, igualmente se distribuem por toda a parte;
apenas o iambo todo-poderoso tem lugar onde quiser.

16. ANÓNIMO

A soma²⁸ é uma ilha, as partes o mugir do boi e o dizer do
[credor.

²⁴ Zeto e Anfíon eram os filhos gémeos que Antíope gerara de Zeus. O autor imagina um grupo escultórico com as três estátuas (mãe e filhos).

²⁵ Solução: Anfíon pesa oito minas, Zeto doze e Antíope seis.

²⁶ A flauta (de dois tubos). As naus são os dois tubos, os dez marinheiros os dedos de ambas as mãos e o comandante o auleta.

²⁷ Mnemónica para as regras básicas do trímetro iâmbico.

²⁸ Rodes – *Ro + dos* (imperativo do verbo “dar”).

17. ANÓNIMO

A caça *é uma escola* para a guerra, a caça ensina
a capturar o oculto, resistir ao agressor e perseguir o fugitivo.

18. ANÓNIMO

Heitor, o filho de Príamo, o varão *de Diomede* o matou,
quando contra *a terra* dos Troianos erguia a sua lança²⁹.

19. ANÓNIMO

Vi um dia uma besta³⁰ que por um bosque talhado pelo ferro
avançava, erecta mas de costas, sem que os pés tocassem a terra.

20. ANÓNIMO

Se ao centro de um fogo em chamas juntares cem,
acharás o que foi filho e assassino de uma virgem³¹.

21. ANÓNIMO

Se ao centro de Hefesto juntares uma só centena,
acharás o que foi filho e assassino de uma virgem.

²⁹ No original, o verso 1 parece referir *o varão Diomedes*, mas na realidade menciona *o homem de Diomede* (concubina de Aquiles), quem realmente matou Heitor. Bem assim, no verso 2 parece-nos que lemos o nome de Ájax, mas *aias* é na realidade genitivo singular do termo que significa “terra”.

³⁰ A besta é o pénis ereto, erguendo-se “direito” quando o homem está deitado de costas, e avançando sobre a zona íntima depilada da mulher.

³¹ *Pirro*, o filho de Aquiles, é a resposta ao enigma dos núms. 20 e 21. Trata-se de acrescentar um rô (r, letra usada para simbolizar o número cem) ao genitivo *pyros* (de *pyr*, “fogo”).

22. ANÓNIMO

Não fales, e falarás o meu nome. Tens mesmo de falar?
Espantoso: que mesmo falando tu falarás o meu nome³².

23. ANÓNIMO

Filho de Nereu que sou, um filho da terra me suporta,
eu, que num Estiges de doces correntes me banho³³.

24. ANÓNIMO

Em mim vês [um novo] Dioniso; um duplo ventre
me gerou, e o meu pai governa sobre a memória.
A mim, *porta-besta* implacável, primeiro gerou;
depois que matei o filho amado de minha irmã,
já não porto *besta* alguma, antes o céu, o mar, a terra
e o sagrado cortejo sempre imortal dos bem-aventurados.³⁴

³² O silêncio.

³³ Um prato (feito de barro, por isso “filho da terra”) suporta um peixe (filho de Nereu, senhor dos mares); o “Estiges de prazerosas correntes” será o molho.

³⁴ Obscuro, sobretudo nos versos iniciais. O final, no entanto, parece referir-se à palavra pantera (em grego *panther*), termo cuja primeira parte (*pan*) corresponde ao adjetivo que em grego significa “tudo”; ou seja, retirado *ther* (“besta”) da palavra, temos a totalidade do universo descrita nos vv. 5-6. Para explicar o início do enigma, Buffière (1970, repr. 2002: 171-172) viu aí a alusão a duas tabuinhas cobertas de cera – para o autor a solução do enigma – sobre as quais se escreveram as duas partes de *pan-ther*, tendo-se posteriormente apagado a que continha *ther*. Na sua leitura, o pai que “governa sobre a memória” seria o estilete – que conserva a memória por via da escrita

25. ANÓNIMO

Sinto a falta dos olhos de Cila³⁵, os que o próprio sol e a lua eclipsaram! Meu pai tem medo de mim, a sua filha; banham-me agora, *já morta, duas torrentes perenes* que a minha cabeça expele sobre o monte escarpado.

26. ANÓNIMO

Sobre um guardanapo de linho

Amarelo era eu no passado, mas depois de cortado
me tornei mais pálido que a neve branca;
deleito-me com um banho doce e cheio de peixes,
e sou o primeiro a chegar à reunião dos convivas.

27. ANÓNIMO

Buscando no mar a donzela que foi outrora leão³⁶,
acharás a sogra da Hécuba³⁷ que matou os filhos.

28. ANÓNIMO

Sou parente da raça dos peixes do mar; uma só prova
é capaz de trazer-me aos jogos Dionisíacos³⁸;

³⁵ Enigma mitológico, cuja resposta é Níobe. Os “olhos de Cila” são os seus doze filhos, mortos pelo sol (Apolo) e pela lua (Ártemis). Cila era um monstro de seis cabeças.

³⁶ Tétis, transformada em leão quando tentava fugir de Peleu.

³⁷ Hécuba foi um nome tardio dado a Medeia, significando, à letra, “a que vem de longe” (da Cólquida a Corinto, no seu caso). Como confirma um escólio às *Argonáuticas* de Apolónio de Rodes (schol. 4.815), segundo algumas tradições Aquiles (filho de Tétis) teria desposado Medeia nos Campos Elísios.

³⁸ Os comentadores avançaram, sem grandes certezas, com várias soluções. Dentre elas, F. Buffière (1970, repr. 2002: 174) prefere o termo grego *omos*, em simultâneo o nome de um peixe (a merluza) e de um vaso grego de grandes dimensões.

no estádio, uma vez ungido o corpo com azeite,
os filhos de Deo³⁹ matei com as minhas mãos;
em seguida, de um lado e do outro, outros Gigantes
faço brotar de mim, extirpados por muitas mãos.

29. ANÓNIMO

Sou o único que goza de intimar com mulheres
com o consentimento dos maridos⁴⁰.

30. ANÓNIMO

Um cordeiro tenho por pai, e para ele me gerou uma tartaruga⁴¹;
para nascer, a ambos os progenitores assassinei.

31. ANÓNIMO

Escreve a outra *mãe do vinho* e ao artigo acrescenta um artigo⁴²,
e acharás o que teve por pátria a esposa de seu pai⁴³.

³⁹ O mesmo termo, *oinos*, designa também o instrumento para moer cereais (os filhos de Deo, i.e., Deméter), assim como azeitonas, cujos caroços, muito maiores que os grãos de trigo, seriam os gigantes do v. 5. Mas esta leitura não é inequívoca.

⁴⁰ Um clister. Cf. núm. 55.

⁴¹ A lira, feita com a carapaça de uma tartaruga e as tripas de um cordeiro.

⁴² A “outra mãe” de Dioniso, depois de Sémele, foi a coxa (*meros*) de Zeus. Acrescentando a essa palavra o artigo masculino *ho*, a resposta é Homero.

⁴³ Das várias cidades que reclamavam ser o berço de Homero, o poeta assume aqui tratar-se de Esmirna, homónima da figura mítica (também conhecida como Mirra, a mãe de Adónis) que se unira incestuosamente a seu pai Teio (ou Cíniras).

32. ANÓNIMO

Já morto, matei o que me havia matado. Mesmo assim,
 não foi ele para o Hades – eu cá sim, morri⁴⁴.

33. ANÓNIMO

Matei o que me dera a morte, mas disso não me alegro;
 a morte fez imortal esse homem depois de morto.

34. ANÓNIMO

Há uma cidade que é ilha, cuja raça tem nome de planta⁴⁵,
 que um istmo e um estreito juntos oferece ao continente;
 nela se combinam o meu sangue e o sangue de Cécrops⁴⁶;
 nela Hefesto guarda, como alegria, Atena de olhos garços⁴⁷.
 Aí te ordeno que ofereças um sacrifício a Hércules⁴⁸.

35. ANÓNIMO

Sou uma parte do homem, e o ferro me corta;
 tira-me uma letra, e logo o sol se põe⁴⁹.

⁴⁴ A resposta para os núms. 32 e 33 é Nesso, o centauro, cujo sangue, embebido numa túnica, foi a causa da morte de Hércules, entretanto elevado ao Olimpo.

⁴⁵ Oráculo, sob a forma de enigma. A cidade é Tiro, cujos habitantes, os Fenícios, partilham o nome com a palmeira (*phoinix*).

⁴⁶ I.e., a cidade também tinha Atenenses.

⁴⁷ Referência à indústria (Hefesto) e à agricultura (Atena, simbolizada pela oliveira).

⁴⁸ Trata-se do Hércules Sírio (Melkarth), a quem Alexandre quis sacrificar em 332 a.C. O epigrama, com supressão do v. 3, é transmitido e explicado por Aquiles Estácio (*Leucipe e Clitofonte* 2.14).

⁴⁹ Retirando a primeira letra de *onyx* (“unha”), o resultado é *nyx* (“noite”).

36. ANÓNIMO

Amarga vida levo, morte doce – ambas de água –
e morro perfurado por lanças sem sangue;
e se alguém, morto eu, me esconde em viva tumba,
no sangue dos parentes primeiro mergulho⁵⁰.

37. ANÓNIMO

Sou amiga de Palas⁵¹ e dou à luz um sem fim de filhos
que os homens maceram com pedras; com a morte deles
têm luz a candeia⁵², remédio os mortais, elixir os concursos.

38. ANÓNIMO

Matei o meu irmão, e ele a mim; graças a nosso pai morremos.
E, depois de mortos, demos ainda morte à nossa mãe⁵³.

39. ANÓNIMO

Quem me chame ilha não se equivoca; em verdade,
a muitos barulhos o meu nome foi posto⁵⁴.

⁵⁰ Um peixe (ou, mais especificamente, um atum). A água “doce” na qual morre pode aludir a um rio ou à água da panela à qual é lançado ainda vivo. A “viva tumba” deve ser o estômago dos convivas, ao passo que o v. 4 alude a uma variedade do famoso *garon*, salsa feita com vísceras de atum e sangue.

⁵¹ A oliveira, símbolo de Palas Atena. Os filhos são as azeitonas, as quais, maceradas com pedras, produzem o azeite, usado nas três áreas descritas.

⁵² No original, “para o Pelida”, a partir de *pelos* (“argila”).

⁵³ Etéocles e Polinices, mortos um pelo outro em combate individual, o que, segundo as *Fenícias* de Eurípides, motivou o suicídio de Jocasta.

⁵⁴ Obscuro. Pensou-se em Rodes (*rhodos*, em grego, significa também “bruto”, “rude”), ou, segundo Buffière (1970, repr. 2002: 176), ilha (*nesos*

40. ANÓNIMO

Há duas irmãs que partilham a geração⁵⁵; uma dá à luz a outra, e esta é gerada por aquela que a gerou, tanto que, irmãs que são e do mesmo sangue, têm em comum serem irmã e mãe uma da outra.

41. ANÓNIMO

A minha mãe dou à luz e ela a mim; umas vezes sou maior, outras vezes menor do que ela.

42. ANÓNIMO

Sou mulher virgem e filha de uma mulher virgem, mas a cada ano dou à luz, virgem que sou⁵⁶.

43. ANÓNIMO

Sou feito à imagem do céu; duas bestas me puxam, pela frente a de Erígone, por trás a de Pasífae; a esposa de Hércules me guarda, e a noiva amada de Febo, encendida, muitas vezes me molesta⁵⁷.

ou *perinisesos*), nomes dados a um tipo de manto bordado a púrpura cujo toque, por isso, “faria lembrar as ondas contra as falésias”.

⁵⁵ O dia e a noite, ambos termos femininos em grego, são a resposta para os núms. 40 e 41.

⁵⁶ Pode tratar-se da palmeira de fruto (ou da tamareira), que apenas tem florescência feminina.

⁵⁷ Descrição astronómica da zona íntima masculina. A besta de Erígone é o cão, que ajudou a encontrar o pai Icário e, no epigrama, simboliza o pénis; a de Pasífae é o touro (*tauros*), palavra que em grego designa também a zona entre o ânus e os genitais; Hebe, esposa de Hércules

44. ANÓNIMO

Numa só noite ataquei os Troianos e, dividindo as tribos
dos Pelasgos, destruí-as sem recurso à lança;
nem o filho de Tideu nem Ulisses destruidor de cidades
puderam afastar a minha audácia de junto das naus;
antes, acrescentando-lhes força e coragem no peito,
destruí as armadas dos Argivos e dos Frígios⁵⁸.

45. ANÓNIMO

Sou negra, branca, amarela, seca e também húmida;
quando me espalhas sobre prados de madeira,
pela força de Ares e da mão eu falo, sem nada dizer⁵⁹.

46. ANÓNIMO

Acrescenta-lhe uma letra, e uma ferida no pé o meu nome
produz; ele, que sempre guarda os pés dos mortais de cair⁶⁰.

47. ANÓNIMO

Graças à luz a minha luz perdi; um homem se aproximou,
e deu-me uma luz querida, agraciando os meus pés⁶¹.

que servia de beber aos deuses, empresta o nome aos testículos; e a noiva de Apolo, Dafne, é o loureiro, usado para a depilação.

⁵⁸ O sonho enviado por Zeus a Agamémnon, conforme a *Iliada*.

⁵⁹ A cera, derramada sobre tabuinhas de madeira para sobre ela escrever. A “força de Ares” refere-se ao estilete, de ferro.

⁶⁰ Em grego, *sandalon* (“sandália”), acrescentado de uma letra, *skandalon*, significa “obstáculo”.

⁶¹ A lanterna. Esta graça aos pés é a reposição do azeite.

48. ANÓNIMO⁶²

As Graças levavam cestos de maçãs, em cada um deles a mesma quantidade. As nove Musas, encontrando-as, pediram-lhes as maçãs; elas então a cada uma deram igual número, com o mesmo ficando as nove e as três. Diz-me quantas deram, e como todas ficaram na mesma.⁶³

49. ANÓNIMO

Faz-me uma grinalda, misturando ouro, bronze e estanho, e com eles o ferro muito resistente, que pese sessenta minas; o ouro e o bronze juntos perfaçam dois terços; o ouro junto com o estanho três quartos; e o ouro e o ferro formem um total de três quintos. Quanto de ouro há que lhe pôr, diz-me tu, e quanto de bronze, diz ainda quanto de estanho e por fim qual a quantidade de ferro, para que a grinalda pese ao todo sessenta minas.⁶⁴

50. ANÓNIMO

Acrescenta, ourives, um terço, logo um quarto do peso desta taça e por fim um doze avos dela; leva ao forno e dá-lhes fogo; tudo misturado,

⁶² Os núms. 48-51 constituem um pequeno conjunto de epigramas aritméticos, deslocados dos dois maiores grupos do início e do fim do livro XIV, provavelmente da coleção de Sócrates. Vd. Introdução.

⁶³ Solução: qualquer número que, multiplicado por três, seja divisível por doze (3 Graças + 9 Musas), é aceitável. Trata-se do que atualmente se designa de equação diofântica.

⁶⁴ Solução: 61/2 minas de ouro, 19/2 de bronze, 29/2 de estanho e 11/2 de ferro.

saca de lá o lingote – deve pesar uma mina.⁶⁵

51. ANÓNIMO

Sobre três estátuas

- Peso o que pesa a segunda e um terço da terceira.
- Eu, o que pesa a segunda e um terço da primeira.
- E eu, dez minas e um terço do que pesa a segunda.⁶⁶

52. ANÓNIMO

Sobre o vinho

Tempos houve em que, como os Lápitas e o valente Hércules,
destruía na luta os Centauros de dupla natureza⁶⁷;
tempos houve em que o de uma só pupila⁶⁸ morria com três
[golpes
meus, e o Crónida que habita os mares eu afligia;
agora, a terceira Musa⁶⁹ misturado com afogueadas Ninfas⁷⁰
me contempla, repousando nesta cama de vidro⁷¹.

⁶⁵ Solução: Trata-se de saber o peso da taça a derreter – 3/2 minas.

⁶⁶ Solução: A primeira estátua pesa 45 minas, a segunda 37,5 e a terceira 22,5.

⁶⁷ Segundo a *Odisseia* 21.295, o vinho turvara o espírito do centauro Eurítion.

⁶⁸ Polifemo, embriagado por Ulisses e os companheiros, antes de ser morto.

⁶⁹ Talia, musa dos banquetes.

⁷⁰ O vinho era misturado com água.

⁷¹ A taça por onde se bebia.

53. ANÓNIMO

Sobre uma lanterna

Vencida por seus braços, Palas⁷² certa vez se deitou
 com Hefesto nos aposentos de Peleu.
 Então, uma vez cobertos por lençóis brilhantes,
 de imediato nasceu um Faetonte noturno.

54. ANÓNIMO

Sobre uma ventosa⁷³

Também a mim a hábil arte do Péan⁷⁴ fez aprisionar
 um fogo vivo sob lábios talhados em bronze;
 e, extraíndo o negro sangue dos desgraçados mortais,
 mato esse Hefesto⁷⁵ que conservo em meu ventre.

55. ANÓNIMO

Sobre um clister⁷⁶

Sou o único que goza de intimar com mulheres
 às claras, a pedido dos maridos;
 apenas eu monto rapazes, homens maduros, velhos
 e donzelas, ante a aflição dos parentes.

⁷² Enigma de tom mitológico: Palas (Atena), por via da oliveira, é o azeite derramado sobre Peleu (lâmparina de argila, a partir de *pelos* – vd. núm. 37 e nota ad loc.), fazendo nascer Faetonte (o sol, a chama).

⁷³ Trata-se de um instrumento de sucção frequente na medicina antiga para os sangramentos. O enigma, noutros termos, é referido por Aristóteles em mais do que uma ocasião (*Poética* 1.458a; *Retórica* 3.1405a 37).

⁷⁴ Em Homero, o Péan é o médico dos deuses, tendo passado a designar Apolo, deus curador.

⁷⁵ O fogo vital, sopro de vida. O verso significa que a ventosa, para curar, morre.

⁷⁶ O mesmo do núm. 29, mais desenvolvido.

Odeio a lascívia! Mas a mão curadora bem me quer
por realizar a tarefa do filho de Anfitrião⁷⁷.
Pelos meus amantes, contra Plutão⁷⁸ em pessoa lutaria
sempre pela vida daqueles com que me uno.
Sou o filho de belo nariz e brancos dentes, o resultado
da ciência dos mortais ao misturar o elefante e a cabra⁷⁹.

56. ANÓNIMO

Sobre um espelho

Olha para mim, e para ti eu olho. Porque me vês com olhos,
e eu sem olhos te vejo? – É que eu não tenho olhos.
Se quiseres, posso falar sem voz – pois és tu quem tem voz,
e eu apenas uns lábios que inutilmente se abrem.

57. ANÓNIMO

Sobre o fruto da tamareira

Tenho o nome de minha mãe, sou mais doce do que a que
[me gerou;
mas ela é alta, e eu calhei ser baixote;
ela não se pode comer, exceto a cabeça⁸⁰; de mim,
todo comestível, só as tripas⁸¹ se não comem.

⁷⁷ Hércules. Refere-se provavelmente à limpeza dos estábulos de Augeu. Cf. núm. 4 e n. ad loc.

⁷⁸ I.e. contra a morte.

⁷⁹ O clister seria feito de pele de cabra envolvendo uma cânula de marfim.

⁸⁰ A seiva dos galhos mais jovens da árvore é comestível.

⁸¹ i.e. os caroços.

58. ANÓNIMO

Sobre uma alcachofra

Suporto um cérebro sem cabeça; sou verde,
 e com pescoço alongado broto da terra;
 uma esfera sobre uma flauta pareço; se buscares
 dentro dos meus flancos, aí tenho o pai de minha mãe⁸².

59. ANÓNIMO

Sobre a nau Argo

Eu, que cinquenta filhos num só ventre carreguei,
 a golpes matei o que a todos comandava.
 Mas ele morreu duas vezes, já que dois ventres
 o geraram – um de bronze, e antes um humano⁸³.

60. ANÓNIMO

Uma tabuinha

A floresta me gerou e o ferro me transformou;
 sou o albergue secreto das Musas⁸⁴;
 fechada, nada digo; mas falo se me abres,
 e a Ares⁸⁵ apenas confio as minhas palavras.

⁸² O miolo da alcachofra, onde está a sua semente.

⁸³ Jasão, morto por um escolho da nau Argo, teria sido devolvido à vida por Medeia, num caldeirão – o ventre de bronze a que alude o enigma.

⁸⁴ I.e., do conhecimento, não apenas da poesia.

⁸⁵ O estilete, como no núm. 45.

61. ANÓNIMO

Nasci nas montanhas, uma árvore foi minha mãe
e o fogo meu pai, e formo um bloco enegrecido.
Se meu pai me dissolve no interior da argila, protejo
das chagas profundas o veículo dos mares⁸⁶.

62. ANÓNIMO

Sobre uma bola [de brincar]

Estou coberta de cabelo, mas as folhas escondem-me
a cabeleira; em nenhuma parte se vê um buraco;
com sem fim de crianças me divirto; um só que seja torpe
no lançamento, quieto se queda tal qual um burro⁸⁷.

63. DE MESOMEDES

Uma virgem que rasteja, voa e caminha,
leoa que ao correr deixa pegada estranha,
era ela mulher dotada de asas na frente,
no meio uma besta leonina que rugia
e por trás uma serpente enroscada.
Ao andar não deixa marca de mulher,
ave ou qualquer besta de corpo inteiro;
a uma rapariga sem pés se assemelha,
fera rugidora que sequer tem cabeça.
É de natureza estranhamente híbrida,
mistura perfeita de seres imperfeitos⁸⁸.

⁸⁶ Fala o pez (resina), utilizado para calafetar os navios.

⁸⁷ Além da adivinha do objeto em questão, o epigrama descreve um jogo infantil no qual o castigo do perdedor seria fazer de burro (*onos*), ao passo que o vencedor recebia o título de rei (*basileus*).

⁸⁸ A Esfinge.

64. ANÓNIMO

Enigma da Esfinge

Há sobre a terra um ser com dois, quatro e logo três pés,
mas um só nome; só ele muda de forma, de quantos seres
rastejam sobre a terra, voam no ar ou nadam no oceano.
Quando se move apoiado em maior número de pés,
é então que a agilidade das suas pernas é mais fraca.

65. ANÓNIMO

Oráculo dado a Homero

Há uma ilha, Ios, pátria de tua mãe, que te receberá
ao morrer: cuidado só com os enigmas dos rapazes⁸⁹.

66. ANÓNIMO

Outro para o mesmo

Bem-aventurado e infeliz (para ambas as coisas nasceste!),
buscas uma pátria⁹⁰; mas a terra de tua mãe, não a de teu pai,
está numa ilha, ao cabo da extensa Creta,
a terra de Minos, nem perto nem longe daí.
Nela dita a sorte que termines os teus dias,
quando da língua dos rapazes, sem o entenderes,
escutes um canto obscuro, de palavras ambíguas.
Uma vida dupla te calhou em sorte: uma sombria,

⁸⁹ O oráculo, amplamente desenvolvido no epigrama seguinte, alude ao enigma de AP 9.448.

⁹⁰ A busca da terra-natal de Homero ocupou muito tempo dos antigos, e foi matéria de poesia. Sete ilhas disputavam essa glória: Cime, Esmirna, Quios, Cólofon, Pilos, Argos e Atenas (APL. 294, 297), noutros casos também Ítaca (APL. 298) ou Salamina (APL. 296.3, 299.3). Segundo Aulo Gélio (3.11), Ios era a opção de Aristóteles.

sem ambos sóis⁹¹, e a outra da estirpe dos imortais,
em vida e já morto. Mesmo morto, por largo tempo resistirás
[à velhice.

67. ANÓNIMO

Oráculo dado a Laio de Tebas

Tu Laio, filho de Lábdaco, pedes descendência feliz.
Dar-te-ei um filho amado! Mas está fixado no destino
que às mãos desse filho deixes a luz. Assim o decretei!
[Zeus Crónida, pelas terríveis imprecações de Pélops,
cujo filho raptaste – foi ele quem determinou tudo isso!]⁹²

68. ANÓNIMO

Oráculo dado a Caristo

Caristo⁹³, filho amado do ilustre Quíron,
deixa o Pélion e vai para o cabo da Eubeia!
Aí, ditam os deuses que fundes uma terra sagrada.

⁹¹ I.e. cego.

⁹² Os últimos dois versos, não copiados nos manuscritos da *Antologia*, são acrescentados pelo anónimo autor do Argumento das *Fenícias* de Eurípedes. Do conhecimento geral é a história de vida de Édipo, assassino do pai Laio e esposo da própria mãe Jocasta.

⁹³ Fundador lendário da cidade homónima, situada ao sul da Eubeia. Era filho de Quíron, o também lendário centauro que teria sido preceptor de Aquiles, Jasão e mesmo de Apolo.

69. [DA PÍTIA]⁹⁴

Oráculo dado a Licurgo

Chegas, Licurgo, junto do meu templo opulento,
querido a Zeus e a quantos moram no Olimpo!
Não sei se deus ou homem te devo proclamar;
acho que me inclino para o deus, ó Licurgo!

70. ANÓNIMO

*Oráculo dado por Serápis a alguém cujo grande número de
desgraças levou a consultar e a acusar a divindade*

Não culpes a sorte nem os deuses de nada, estrangeiro!
Culpa antes o momento em que te concebeu teu pai⁹⁵.

71. DA PÍTIA

Oráculo da Pítia

Ao templo do deus sem mácula, estrangeiro, chega puro
de espírito, uma vez lavadas as mãos na água das Ninfas!
Para os justos, uma gota é suficiente; homem perverso,
nem sequer o oceano inteiro seria capaz de purificá-lo.

⁹⁴ Tem aqui início a série, que se estenderá até ao núm. 100 e será depois retomada pelos núms. 112 e 113, de oráculos maioritariamente retirados de Heródoto. O copista do *Palatinus* colocou, no espaço reservado à atribuição autoral, a proveniência do oráculo, no caso, pronunciado pela Pítia em Delfos. Todos estes epigramas, evidentemente, são anónimos. O núm. 69 foi também transmitido por Heródoto 1.65, Diodoro 7.12.1, Temístocles (*Or.* 19) e Eusébio (*Preceitos Evangélicos* 5.27).

⁹⁵ Serápis (vd. supra, *AP.* 13.7 e nota ad loc.) oferece esta resposta a alguém não identificado. Os versos lembram, contudo, as palavras do Jó bíblico (3.3).

72. ANÓNIMO

Oráculo dado a Rufino⁹⁶ sobre que juramento levar ao capitão do seu próprio navio

Quando, pela alvorada, o Titá inicie o trilho sobre a terra, dissipando com os seus raios as injúrias da noite sombria, quando a Aurora faça brilhar o seu mais recente facho, levando-o pela costa do mar, na praia que o mar banha se posicione ele, erguido de frente e olhando o brilho da luz do sol, o pé direito mergulhando dentro de água e sob a vaga, mantendo o esquerdo apoiado na areia; as mãos deve ele estender de um lado ao outro, tocando uma o mar, a outra terra firme, e selar o voto invocando o céu, a terra infinita, os refúgios marinhos e o soberano do fogo etéreo que dispensa a vida. Tal juramento, saído das duas bocas, sequer os deuses ousam menosprezar, os soberanos filhos de Úrano.

73. [DA PÍTIA]

[Os Megarenses], atingidos por uma série de calamidades, perguntaram ao deus qual seria o seu destino; ao que ele respondeu

De toda a terra, a Argos dos Pelasgos é a melhor, os cavalos da Tessália, as mulheres Lacedemónias e os homens que bebem a água da amável Aretusa⁹⁷. Melhores ainda que estes são os que habitam entre Tirinte e a Arcádia rica em rebanhos,

⁹⁶ Não é claro se se trata do senador romano cuja filha desposou Alexandre de Abonútico (c. 105-170), também chamado de Alexandre, o Paflogónio, o místico e oráculo grego que rapidamente alcançou grande popularidade no mundo romano e que Luciano retrata como fraude absoluta.

⁹⁷ Os Siracusanos.

os Argivos de couraça de linho⁹⁸, lanças de guerra.
Vós, Megarenses, não estais em terceiro, em quarto
em décimo-segundo ou qualquer outro lugar da lista.

74. DA PÍTIA

Oráculo da Pítia

Os altares dos deuses abrem-se aos justos, sem necessidade
sequer de purificar-se – mácula alguma tocou já a virtude!
Tu, de mau coração, vai-te daqui! Não vai a tua alma
ser purificada por um corpo que fez libações.

75. ANÓNIMO

*Oráculo dado em Heliópolis, quando naufragou o navio que levava as colunas do templo de Zeus, as que agora estão em Beirute*⁹⁹

Diz a Poseidon: “Deves dar ouvidos aos teus irmãos
mais velhos! Não está bem divertires-te com as colunas
do meu glorioso palácio!” Di-lo, três vezes agitando
o mar reluzente, e ele obedecerá. Caso não obedeça,
aprenderá a lição ao ver como abrasarei o mar inteiro;
pois ninguém, sequer o mar, pode apagar o raio de Zeus.

76. [DA] PÍTIA

Oráculo da Pítia

Pedes a Arcádia? Muito pedes tu – não ta darei!¹⁰⁰

⁹⁸ Esta segunda Argos é a do Peloponeso.

⁹⁹ Em Heliópolis, antiga Baalbek, encontram-se ainda seis das 54 colunas gigantescas de granito do Templo de Júpiter, iniciado no tempo de Antonino (138-161) e continuado por Caracala (211-217).

¹⁰⁰ Heródoto (1.66), que transmite o oráculo, diz que ele foi dado pela Pítia aos Espartanos.

Na Arcádia há muitos homens comedores de bolotas
que se te interporão. Por mim, não te ponho objeções;
dar-te-ei o terreno de dança de Tégea¹⁰¹ para dançares
e o seu amável prado para medires com uma corda¹⁰².

77. ANÓNIMO

*Oráculo citado nas vidas de Teseu*¹⁰³

Afortunado o homem que agora, junto ao limiar
marmóreo de Febo Apolo, entra no oráculo.
Veio em busca de uma lei justa; e eu lha darei,
uma como jamais alguma cidade dos mortais terá.

78. [DA] PÍTIA

Oráculo da Pítia

Há no planalto da Arcádia uma terra, Tégea,
onde dois ventos sopram necessidade extrema,
rajada contra rajada, e a miséria jaz sobre a miséria.
Aí, a terra que dá a vida guarda o filho de Agamémnon¹⁰⁴.
Leva-o para casa contigo, e então serás senhor de Tégea.

79. [DA] PÍTIA

Oráculo da Pítia

Homem da Lídia, rei de muitos, Cresos, grande néscio:

¹⁰¹ Ao sul da Arcádia, fazia fronteira com os domínios Lacónios.

¹⁰² Oráculo enganoso, pelo menos mal interpretado. Heródoto diz que os Espartanos decidiram atacar Tégea, tendo sido vencidos.

¹⁰³ O oráculo, parcialmente transmitido por Diodoro (7.12.1), não consta da *Vida de Teseu* de Plutarco.

¹⁰⁴ Heródoto 1.67. O oráculo informa onde encontrar o cadáver de Orestes, necessário para que os Espartanos vencessem Tégea.

não queiras em tua casa escutar o grito muito desejado
de teu filho a falar; muito mais te convém que isso
não aconteça – o primeiro dia em que ele fale será fatal!¹⁰⁵

80. [DA] PÍTIA

Oráculo da Pítia

Ao destino traçado, impossível fugir, mesmo para um deus¹⁰⁶.

81. [DA] PÍTIA

Oráculo da Pítia

O Istmo, não o fortifiqueis ou escaveis!
Zeus o teria feito uma ilha se quisesse.¹⁰⁷

82. [DA] PÍTIA

Oráculo da Pítia

Quando em Sifnos o Pritaneu se torne branco,
e branca a torre da ágora, deve o homem prudente
temer a emboscada de madeira e o arauto vermelho.¹⁰⁸

¹⁰⁵ Vd. núm. 12 e nota ad loc.

¹⁰⁶ O início da resposta da Pítia a Creso, que lhe perguntara pela piedade divina quando, preso por Ciro, estava para ser morto (Heródoto 1.91).

¹⁰⁷ Heródoto 1.174. Resposta – excepcionalmente em trímetros iâmbicos – da Pítia aos Cnídios, que queriam escavar um canal para isolar o Quersoneso de Triópio, na Cária.

¹⁰⁸ Heródoto 3.57. A “emboscada de madeira” e o “arauto vermelho” são um navio Sâmio enviado aos Sífnios para reclamar o pagamento de um empréstimo anterior, o que estes recusaram, tendo no final, derrotados, que pagar dez vezes a soma devida.

83. [DA] PÍTIA

Oráculo da Pítia

Vieste, Bato, em busca de voz, mas o soberano Febo Apolo à Líbia criadora de rebanhos te envia como fundador¹⁰⁹.

84. [DA] PÍTIA

Oráculo da Pítia

Se conheces, sem lá ter estado, a Líbia criadora de rebanhos melhor que eu, que lá estive, muito admiro a tua sabedoria¹¹⁰.

85. [DA] PÍTIA

Oráculo da Pítia

Quem quer que, tarde demais, venha à adorável Líbia, partilhada que esteja essa terra, digo que se arrependerá¹¹¹.

86. [DA] PÍTIA¹¹²

Oráculo da Pítia

Ninguém te honra, Eécio, tu que muitas honras mereces. Labda está grávida, e dará à luz grande rocha; uma que cairá sobre os seus governantes e desse modo destruirá Corinto.

¹⁰⁹ Heródoto 4.155. Bato (“rei” na língua Líbia) era filho de Polimnesto de Tera. Como era mudo, veio a Delfos em busca da solução para esse problema, mas a Pítia ordenou-lhe fundar uma colónia – Cirene.

¹¹⁰ Heródoto 4.157. Quando o mesmo Bato se queixou de não ser feliz na Líbia, o deus assim lhe respondeu. Apolo conhece bem a Líbia por aí ter levado a filha de um rei Lápita (cf. Píndaro, *Pítica* 5).

¹¹¹ Oráculo propagandístico, a propósito do convite de Bato para que novos colonos se fixassem em Cirene (Heródoto 4.159).

¹¹² Os núms. 86-88 (cit. Heródoto 5.92) dizem respeito ao nascimento e à vida de Cípselo de Corinto, filho de Eécio e Labda.

87. [DA PÍTIA]

Oráculo

Há uma águia¹¹³ prenhe nos rochedos¹¹⁴ que dará à luz um leão, poderoso e selvagem; os joelhos de muitos ele romperá!

88. [DA PÍTIA]

Oráculo

Afortunado o homem que entra no meu templo, Cípselo, filho de Eécio, o rei da ilustre Corinto, ele e os filhos, mas não os filhos dos seus filhos.

89. [DA PÍTIA]

Oráculo

Nesse dia, Mileto, artífice de pérfidas obras, serás tu o repasto e o rico espólio de muitos! Tuas esposas lavarão os pés a muitos homens de longa cabeleira e serão outros a encarregar-se do meu templo em Dídimis¹¹⁵.

90. [DA PÍTIA]

Oráculo

Quando a fêmea vença e por fim expulsa o macho, e entre os Argivos tenha obtido glória, a muitas Argivas fará virar o rosto de pranto.

¹¹³ Em grego, *aietos*, que recorda Eécio, o nome do pai de Cípselo.

¹¹⁴ Em grego, *en petresi*, recordando Petra, a cidade do pai do menino cujo nascimento se anuncia.

¹¹⁵ Heródoto 6.19. Consultada a Pítia pelos Argivos, com este oráculo e o seguinte lhes anunciava a tomada de Mileto pelos Persas em 494 a.C.

Então, entre a geração dos vindouros se dirá:
 “A terrível serpente enroscada morreu, vencida pela lança!”¹¹⁶

91. [DA PÍTIA]

Oráculo

Glauco, filho de Epicides, por agora mais te convém sair vitorioso por meio de perjúrio e espoliar riquezas. Jura, já que a morte também leva o homem de palavra. Mas o Juramento tem um filho sem nome, sem mãos e sem pés; persegue no entanto veloz, até apanhar e por completo destruir a sua raça e toda a sua casa¹¹⁷. Do homem de palavra, porém, próspera será a raça¹¹⁸.

92. [DA PÍTIA]

Oráculo

Néscios!¹¹⁹ Porque vos sentais aqui? Fugi para os confins da terra, deixando as vossas casas e as altas torres da cidade circular. Pois sequer a sua cabeça permanecerá de pé, o seu corpo, os pés nas extremidades ou as mãos, nem nada no meio dela restará, antes tudo se volverá em caos. Já a revolve no pó o fogo e o feroz Ares que chega a conduzir o carro Sírio.

¹¹⁶ Heródoto 6.77. Em concreto, a fêmea deve querer significar as tropas Persas comandadas por Cleómenes e vencendo o macho, os Argivos (a tradicional conotação do Oriente com o feminino). A “serpente enroscada” deve ser Argos.

¹¹⁷ Heródoto 6.86. Glauco, o Espartano, hesita se deve devolver uma quantia emprestada por um Milésio aos filhos deste, ao que a Pítia responde com este oráculo prático mas que deixa um aviso para o futuro.

¹¹⁸ O último verso é emprestado de Hesíodo, *Trabalhos e Dias* 285.

¹¹⁹ Este e o seguinte foram dados aos Atenienses antes da Batalha de Salamina (Heródoto 7.140, 141).

Muitas outras fortificações ele destruirá, não apenas a tua; muitos templos dos imortais entregará ao terrível fogo, os que agora ainda se perfilam em pé a transpirar suor e tremendo de medo; do ponto mais alto dos seus tetos escorre um negro sangue, presságio de sorte desgraçada. Tu, sai deste santuário e planta cara às adversidades!

93. [DA PÍTIA]

Oráculo

Palas não consegue tornar propício Zeus Olímpico com súplicas de muitas palavras e firme argumento. O oráculo que de novo te darei, é firme como o aço¹²⁰. Enquanto caem vencidas todas as terras que cabem entre os montes de Cécrops e o vale do divino Citéron, Zeus que tudo vê dará uma muralha de madeira¹²¹ à Tritogeneia, a única que se manterá inviolável e te ajudará a ti e a teus filhos. E tu, não fiques quieto ante o hoplita ou a grande armada de infantaria que chega do continente, antes vira costas e vai embora – tempo virá em que terás que enfrentá-los. Ó divina Salamina! Darás morte aos filhos das mulheres, quando toque semear Deméter, como quando toque colhê-la.

94. [DA PÍTIA]

Oráculo da Pítia

Odiada pelas vizinhas, mas querida aos deuses imortais, mantém-te à defesa, com a lança dentro das portas,

¹²⁰ No original, *adamante*, considerado pelos Gregos o mais duro metal.

¹²¹ Os navios.

e protege a tua cabeça – a cabeça salvará o corpo.¹²²

95. [DA PÍTIA]

Oráculo

Néscios! Queixais-vos de quantas lágrimas vos causou Minos, na sua cólera por vingar Menelau, pois que eles não se juntaram para vingar a sua morte em Câmico, ao passo que vós os ajudastes a vingar essa mulher que foi raptada de Esparta por um bárbaro¹²³.

96. [DA PÍTIA]

Oráculo de Her[ódoto]

Quanto a vós, habitantes de Esparta¹²⁴ de vastos terrenos, talvez a vossa grande e reputada cidade pelas gentes Persas seja saqueada, ou talvez não. Seja como for, o Lacedemónio monte chorará a morte de um rei da linhagem de Hércules. Nem a força dos touros nem a resistência dos leões conterà a força inimiga! Ela tem a força de Zeus. Digo-te que nada a conterà, antes que um ou outro seja completamente destruído.

¹²² Heródoto 7.148. Resposta da Pítia aos Argivos, que queriam saber se deviam juntar-se às restantes forças gregas contra os Persas.

¹²³ Em prosa poética, este oráculo transmitido por Heródoto (7.169) teria sido dado aos Cretenses quando fizeram a mesma pergunta que os Argivos no núm. anterior. Recordá-lhes que, depois de se juntarem uma primeira vez aos Gregos para vingar o rapto de Helena, estes não lhes retribuíram auxílio para se livrarem da tirania de Minos.

¹²⁴ Heródoto 7.220. Oráculo, possivelmente criado em Esparta *a posteriori*, para justificar a derrota de Leónidas na Batalha das Termópilas (480 a.C.).

97. [DE BÁQUIS]¹²⁵

Oráculo da Pítia

Recorda, quando o de língua bárbara lançar sobre o mar
[um jugo
feito de papiro, de afastar de Eubeia as cabras de forte balido.¹²⁶

98. [DE BÁQUIS]

Oráculo acerca da vitória dos Gregos [em Salamina]¹²⁷

Quando uma ponte de navios eles erguerem entre o promontório
sagrado de Ártemis¹²⁸ de espada de ouro e a marinha Cinosura¹²⁹,
depois de, com confiança louca, destruírem a ilustre Atenas,
a divina Justiça sufocará o poderoso Excesso, filho da
[Insolência¹³⁰,
o terrível desmesurado que pensa tudo submeter à sua vontade.
O bronze com bronze se entrelaçará, e com sangue há de Ares
ruborescer o mar. Então chegará a libertação para a Hélade
às mãos do Crónida que tudo vê e da soberana Vitória.

¹²⁵ Contrariamente ao que informa o lema, Heródoto atribui o oráculo a Báquis.

¹²⁶ Heródoto 8.20. Para os de Eubeia, ordem de evacuação para se protegerem do ataque Persa.

¹²⁷ Heródoto (8.77) transcreve este oráculo antes da descrição da Batalha de Salamina, como forma de demonstrar a veracidade dos oráculos na sua obra.

¹²⁸ Perto do Pireu, onde a deusa tinha um templo.

¹²⁹ Na baía de Maratona.

¹³⁰ A mesma genealogia em Píndaro (*Olímpica* 13.10) e Ésquilo (*Agamémnon*, 763 sqq.). O oráculo insiste no mesmo crime de insolência dos Persas que vemos ser central na tragédia de Ésquilo – o jugo sobre o mar.

99. [DE BÁQUIS]

Oráculo

...

a reunião dos Helenos nas margens do Termodonte e do Asopo verdejante e o grito de acento bárbaro, onde muitos Medos porta-arcos cairão antes da hora e do seu destino, quando o dia derradeiro lhes chegar¹³¹.

100. ANÓNIMO

*Oráculo dado a Menelau e Páris*¹³²

Por que razão vós, dois reis, um Troiano outro Aqueu, com cuidados que não são os mesmos a minha casa chegais, querendo um encontrar descendência para uma potra, o outro levar essa potra? Tu que aconselhas, grande Zeus?

101. [DE CLEOBULO]¹³³

Enigma

Um só pai, doze filhos; cada um destes tem duas vezes trinta filhos de distinto aspeto: uns vemos que são brancos, os outros negros;

¹³¹ Deste oráculo, que Heródoto (9.43) transcreve antes de contar a Batalha de Plateias, falta o início. De notar que o Termodonte referido não é o das Amazonas (na Ásia Menor), antes o que corre entre Tanagra e Glisas.

¹³² Um escólio à *Iliada* 5.64 conta que, antes da Guerra de Troia, Menelau e Páris foram ambos a Delfos consultar a Pítia um sobre a sua descendência, o outro sobre a sua união com uma mulher. A resposta, a ambos, é obviamente Helena (a “potra”).

¹³³ Atribuído pela *Suda* a Cleobulo de Lindos (séc. VI a.C.), um dos sete sábios.

imortais que são, todos acabam por morrer.¹³⁴

102. [DA PÍTHIA]

Da Pítia para o imperador Adriano

Perguntas-me o que ignoras, a raça e a terra pátria
da Sirene imortal. Certa Ítaca foi a pátria de Homero;
Telémaco o seu pai e Policasta, a filha de Nestor¹³⁵,
a mãe que gerou o mais sábio de todos os mortais.

103. ANÓNIMO

Sobre a uva-passa

De colher-me jovem, terias bebido o sangue que derramo.

Agora que o tempo me envelheceu por completo,
come-me assim enrugada, sem gota de líquido em mim,
mastigando os meus ossos junto com a carne.

104. ANÓNIMO

*Outro*¹³⁶

De algibeira às costas, cesto na mão e cabra aos ombros,
pastor, os símbolos todos das tuas terras ostentas.

¹³⁴ O pai é o ano, os doze filhos os meses, e os duas vezes trinta filhos são os dias e as noites de cada mês; todos morrem e são imortais, porque a um dia, um mês e um ano sempre sucede outro.

¹³⁵ Genealogia não encontrada em nenhum outro ponto, nem tampouco plausível. Sobre a fama do motivo da busca de uma pátria para Homero vd. núm. 66 e nota ad loc.

¹³⁶ Não deve na realidade tratar-se de um enigma, mas da descrição de uma estátua.

105. ANÓNIMO

Outro [enigma]

Dos animais sou o membro que toca o chão. Tira-me
uma só letra, e em parte da cabeça me volto.
Tira outra, e de novo sou um animal. E se outra me tiras,
não acharás um só, mas na verdade duzentos.¹³⁷

106. ANÓNIMO

Outro

Com quatro letras, sigo caminho; mas se a primeira letra
me tiras, então escuto; tira-me a que vem depois,
e descobrir-me-ás amigo do esterco; e se a última depois
me tirares, acharás então um advérbio de lugar.¹³⁸

107. ANÓNIMO

Outro

Eros deitou fora a sua tocha, o arco e as flechas,
e agora lança o pó dos Etíopes¹³⁹ em vez de setas.

108. ANÓNIMO

Outro

Nada tenho dentro, mas tudo está dentro de mim,
e sem custos dou a todos a graça da minha virtude.¹⁴⁰

¹³⁷ Em grego, e respetivamente: *pous* (“pé”), *ous* (“orelha”), *us* (“porco”) e *s* (sinal numérico de 200).

¹³⁸ Variante do anterior, sendo que apenas a última palavra varia: *pous* – *s* = *pou* (“onde”).

¹³⁹ O ouro.

¹⁴⁰ O espelho.

109. ANÓNIMO

Outro

Pelo fogo morreu a *pupila* adormecida¹⁴¹ – o vinho
 a traiu, a arma do crime foi um tronco de Palas
 e um náufrago o seu assassino. Em tumba com vida¹⁴²
 repousa agora, censurando os dons de Brómio.
 Palas, Brómio e o ilustre deus de ambos pés tortos¹⁴³,
 os três aniquilaram uma *única* donzela.

110. ANÓNIMO

Outro

Ninguém me vê quando vê, mas sem ver sim me contempla.
 Fala o que não está a falar, e corre o que não está a correr;
 passo por mentiroso, mas digo sempre toda a verdade.¹⁴⁴

111. ANÓNIMO

Outro

Filho estéril de pais estéreis, armado de setas, um menino,
 [um voo].¹⁴⁵

¹⁴¹ Em grego, *kore* significa tanto “rapariga” como “pupila”. O enigma refere-se ao olho do Ciclope, *morto* por Atena (o tronco de oliveira), Baco (o vinho) e Hefesto (o fogo), às ordens de Ulisses (o náufrago).

¹⁴² A cavidade do olho do Ciclope.

¹⁴³ Hefesto, assim dito na *Iliada* (1.607).

¹⁴⁴ O sonho, que o último verso considera, como era comum, profético.

¹⁴⁵ Eros, o Amor.

112. [DA PÍTIA]

Oráculo dado a Creso da Lídia

Quando uma mula¹⁴⁶ calhar ser rei dos Medos,
Lídio de pés delicados, foge para o Hermo pedregoso
e não resistas, sem vergonha de ser um covarde.

113. ANÓNIMO

Oráculo acerca de Arquíloco, pronunciado pelo oráculo da Pítia

Imortal e tema de canções, Telésicles, será teu filho¹⁴⁷
entre os homens, o primeiro que a ti se dirija
quando desembarcares do navio na tua amada terra.

114. ANÓNIMO

*Oráculo dado à mãe de Alexandre da Macedónia, Olímpia,
em Císico, quando perguntou como o seu filho podia conquistar o
país dos Persas*

Os Persas com braço violento mataram o meu escravo
mensageiro, e o pó da sua terra cobre agora o cadáver.
O que os seus brancos ossos se apresse a mostrar a Faetonte,
esse há de aniquilar por dentro o imenso poder dos Persas.
Esconde-se no interior da Ásia, numa ilha circundada
pelo loureiro e pelas correntes do ancestral Pélio¹⁴⁸.

¹⁴⁶ Heródoto (1.55) explica como Creso, ao receber este oráculo, não interpretou que essa “mula” havia de ser Ciro, o rei dos Persas assim dito por ser filho de mãe nobre e pai plebeu, o mesmo que tomaria a Lídia em 547 a.C.

¹⁴⁷ Este oráculo, conservado também numa inscrição epigráfica de Paros, teria sido dado ao pai de Arquíloco, o famoso poeta iâmbico da segunda metade do séc. VII a.C.

¹⁴⁸ Rio não identificado, mas que não deve tratar-se do que, com o mesmo nome, corria pela Tessália.

Procura um adivinho que sirva de guia para o caminho,
homem Feócio que habite as praias da costa de Apárnis.¹⁴⁹

115. ANÓNIMO

Constantino, tendo chegado perto de Troia, quis fundar uma cidade imperial e, recebendo este oráculo, partiu e fundou Constantinopla

Não convém, sobre as fundações há muito devastadas de Troia, ergueres o novo nome de Roma. Vai antes, com alegria, à cidade de Mégara do Proponto¹⁵⁰ que está junto ao mar, onde o peixe e o cervo se alimentam de um mesmo pasto¹⁵¹.

116. DE METRODORO

*Epigramas aritméticos*¹⁵²

Porque me fazes guerra, mãe, por estas nozes?
Dividiram-nas todas entre si umas moças
bonitas: Melíssio levou-me dois sétimos delas,

¹⁴⁹ Oráculo não transmitido por nenhuma outra fonte e obscuro. Aconselha à recuperação dos restos mortais de um arauto ou sacerdote de Apolo, não identificado, como não identificada é a ilha referida. Apárnis (ou Abárnis) fica perto de Lâmpsaco, no Helesponto.

¹⁵⁰ Zózimo (2.30) confirma que Constantino tinha inicialmente a intenção de fundar a nova capital do Império no local onde fora Troia, até que o deus (Apolo) lhe apareceu em sonhos e lhe ordenou um novo local para o efeito. Bizâncio havia sido fundada pelos Megarenses por volta de 650 a.C.

¹⁵¹ Referência às águas do Corno de Ouro que forma uma península com um profundo porto natural com o Mar de Mármara (*Popontis* em grego), estuário famoso pela quantidade de peixes que alberga.

¹⁵² Regressa, no *Palatinus*, uma longa série (núms. 116-146) de epigramas aritméticos, desta feita extraídos da coleção de Metrodoro, da qual o primeiro corresponde ao núm. 2 deste livro. Vd. Introdução.

Titana um doze avos; um sexto e um terço,
 têm Astíoque e Filina, dadas à brincadeira;
 Tétis roubou e levou vinte, outras doze Tisbe;
 e Glauce, ria da sua força e segurava nas mãos
 outras onze. Eis aqui a única noz que me resta¹⁵³.

117. DO MESMO

Outro

– Para onde foram as tuas maçãs, meu filho?
 – Ino tem dois sextos, Sémele a oitava parte;
 Autónoe levou-me um quarto, e Agave roubou-me
 do regaço um quinto e levou-o consigo.
 Para ti, consegui guardar dez maçãs. Mas juro,
 por Cípris¹⁵⁴ amada, que só esta aqui me restou¹⁵⁵.

118. DO MESMO

Outro

Mirto, um dia que foi colher maçãs, dividiu-as pelas amigas.
 A Crisis deu a quinta parte das maçãs, a quarta a Hero,
 a décima nona a Psamate e a décima a Cleópatra;
 deu ainda a vigésima parte a Partenopeia,
 e apenas doze a Evadne. Para si, restaram
 não mais que cento e vinte maçãs do total¹⁵⁶.

¹⁵³ Solução: um total de 336 nozes.

¹⁵⁴ Cípris (Afrodite) é a avó das quatro figuras antes referidas, todas elas filhas de Cadmo e Harmonia.

¹⁵⁵ Solução: ao todo, eram 120 maçãs.

¹⁵⁶ Solução: um total de 380 maçãs.

119. DO MESMO

Outro

Entre doze raparigas suas amigas que lho pediam,
 certa vez Ino e Sémele dividiram umas maçãs.
 Sémele deu-lhes a umas um número par, e número ímpar
 deu a outras a sua irmã, tendo esta mais maçãs.
 A primeira deu a três das suas amigas três sétimos,
 e a outras duas um quinto do número total;
 Astínome levou consigo onze, deixando-lhe assim
 apenas duas maçãs para levar às irmãs.
 A outra, a outras quatro deu dois quartos das maçãs,
 e uma sexta parte conseguiu a quinta moça;
 a Eurícora deu quatro de presente. Com as quatro maçãs
 que lhe sobraram, Sémele ficou toda contente¹⁵⁷.

120. DO MESMO

Outro

A noqueira estava carregada de muitas nozes,
 mas agora, de repente, alguém as cortou. Ela que diz?
 “Das minhas nozes Partenopeia levou um quinto;
 um oitavo, por sua vez, levou Filina, e Aganipe
 um quarto; com um sétimo se regala Orítia;
 Eurínome arrancou a sexta parte das nozes;
 as três Graças dividiram entre si cento e seis,
 e as Musas levaram nove vezes nove. Restam sete,
 que encontras ainda presas aos ramos mais altos¹⁵⁸.

¹⁵⁷ Solução: Ino tinha 35 maçãs e Sémele apenas 24.

¹⁵⁸ Solução: 1680 nozes.

121. DO MESMO

Outro

Da Gádira à cidade das sete colinas, um sexto do caminho
 leva às margens do Bétis¹⁵⁹ de forte rugido;
 daqui, outro quinto conduz ao Fócido país de Pílates:
 a terra Taura¹⁶⁰ à abundância de bois deve o nome;
 daí até Pirene de elevados cumes dista um oitavo
 mais um doze avos de um décimo do caminho.
 Entre Pirene e o Alpe¹⁶¹ de altiva frente, um quarto;
 logo começa a Ausónia¹⁶² e, um doze avos
 do caminho depois, eis que surge o âmbar do Erídano¹⁶³.
 Afortunado de mim, que completei dois milhares
 e desde lá percorri ainda mais cinco centenas [de estádios]!
 E tudo para a régia Tarpeia¹⁶⁴ poder contemplar¹⁶⁵.

122. DO MESMO

Manchei os véus da Justiça de belas pálpebras
 por ver-te crescer, ouro que tudo subjugas,
 e agora nada tenho! Quatro dezenas dos meus talentos

¹⁵⁹ Atual rio Guadalquivir.

¹⁶⁰ O autor parece confundir a Táurida (na Crimeia) – onde Pílates havia acompanhado a Orestes em busca de Ifigénia – com a Taura (atual Palântia), de qualquer forma um desvio no caminho para Roma.

¹⁶¹ Os Pirinéus e os Alpes, respetivamente.

¹⁶² I.e. a Itália.

¹⁶³ O atual rio Pó, no norte da Itália.

¹⁶⁴ O epigrama versa sobre a distância entre a Gádira (atual Cádiz) e Roma (dita Ausónia, a cidade das sete colinas ou pelo símbolo da rocha Tarpeia, erguida no Capitólio).

¹⁶⁵ Solução: distância total até Roma – 15.000 estádios. Etapas da viagem: Cádiz-Bétis (2.500), Bétis-Palântia (3.000), Palântia-Pirinéus (2.000), Pirinéus-Alpes (3.750), Alpes-Erídano (1.250) e Erídano-Roma (2.500). Um estádio equivale a cerca de 170-190 metros.

sob maus auspícios dei em vão aos meus amigos;
 a metade, um terço e um oitavo – ó variegadas maldades
 dos homens! – vejo agora nas mãos de um inimigo¹⁶⁶.

123. DO MESMO

Outro

Toma um quinto da minha herança, meu filho; e um doze avos
 recebe-o tu, mulher! E vós, os quatro filhos do meu filho
 desaparecido, os meus dois irmãos e a minha plangente mãe,
 recebei cada um a undécima parte da herança.
 Depois vós, os meus primos, recebei doze talentos,
 e que o meu amigo Eubulo receba cinco talentos.
 Aos meus criados mais feis, pelos seus serviços,
 outorgo a liberdade e a seguinte recompensa;
 recebam pois o seguinte: Onésimo, vinte e cinco
 minas, Dao outras vinte minas receba,
 Siro cinquenta, Sinete dez e Tíbio outras oito;
 sete minas dou ainda a Sineto, o filho de Siro.
 Com trinta talentos adornai o meu túmulo
 e fazei um sacrifício a Zeus Infernal!
 Com dois talentos pagai a pira, a comida e as roupas,
 e com outros dois fazei oferenda vã ao meu cadáver¹⁶⁷.

124. DO MESMO

Outro

O sol, a lua e os caprichosos astros do Zodíaco

¹⁶⁶ Solução: o capital inicial era de 960 talentos, e o inimigo ficou com 920.

¹⁶⁷ Solução: a herança é de 660 talentos.

determinaram para ti semelhante destino:
 uma sexta parte do teu tempo viver junto de tua mãe,
 mas órfão; uma oitava parte, servir em casa dos inimigos
 à força; no regresso a casa, uma esposa e dela um filho
 querido os deuses te darão, ao cumprires um terço da vida.
 Depois, sob as flechas dos Citas, o teu filho e a tua esposa
 hão de morrer. Tu, uma vez chorada a desgraça de ambos,
 ao cabo de vinte e sete anos acharás o termo da tua vida¹⁶⁸.

125. DO MESMO

Outro

Sou o túmulo que esconde os filhos tão chorados de Filina,
 fruto das suas entranhas infelizes, como se segue:
 uma quinta parte de rapazes, uma terça parte de donzelas,
 e três outras jovens recém-casadas Filina me confiou;
 os quatro restantes, sem experimentar a luz do sol ou a fala,
 das suas entranhas desceram diretamente ao Aqueronte¹⁶⁹.

126. DO MESMO

Outro

Este túmulo guarda Diofanto¹⁷⁰. Ó maravilha imensa!
 O túmulo com astúcia conta a duração da sua vida.
 A sexta parte da sua vida, o deus permitiu-lhe ser criança;
 um doze avos da vida depois, a primeira barba cresceu;
 uma sétima parte depois, acendeu nele o fogo do himeneu,

¹⁶⁸ Solução: viverá 72 anos.

¹⁶⁹ Solução: o túmulo alberga quinze filhos.

¹⁷⁰ Problema para averiguar a idade com que morreu Diofanto (séc. III), matemático de Alexandria considerado o pai da álgebra.

que ao quinto ano de casado lhe concedeu um filho.
 Ah, infeliz filho tão amado! Ao atingir metade da idade
 com que morreria seu pai, queimou-se o seu corpo frio.
 Ao cabo de quatro anos a enganar a sua dor com o estudo
 dos números, encontrou enfim o cabo dos seus dias¹⁷¹.

127. DO MESMO

Outro

Do total da sua vida, por um quarto foi criança
 Demócares, por um quinto foi jovem adulto
 e por um terço homem feito; ao chegar dos cabelos brancos,
 restavam-lhe ainda treze anos até ao cabo velhice¹⁷².

128. DO MESMO

Outro

Que ultraje me foi fazer meu irmão, ao dividir
 injustamente os cinco talentos de nosso pai!
 Desgraçado! Um quinto de sete vezes onze avos da parte
 de meu irmão me calhou. Zeus, como dormes tu!¹⁷³

129. DO MESMO

Outro

Na travessia de barco do vasto golfo Adriático,
 perguntou ao piloto: “Que mar nos falta cruzar?”

¹⁷¹ Solução: segundo este epigrama, Diofanto viveu 84 anos.

¹⁷² Solução: Demócares viveu 60 anos.

¹⁷³ Solução: O irmão herdou $55/62$ dos cinco talentos e ele apenas $7/62$.

Respondeu ele: “Nauta! Entre o cabo Crio, em Creta, e Peloron¹⁷⁴, na Sicília, são seis mil estádios; duas vezes os dois quintos do caminho já feito há ainda que fazer até desembarcar na Sicília¹⁷⁵.”

130. DO MESMO

Há quatro fontes; uma enche o tanque num dia, a outra em dois dias, a terceira em três dias e a quarta em quatro. Quanto tempo para enchê-lo juntas?¹⁷⁶

131. DO MESMO

Outro

Abre-me, e em quatro horas encherei o tanque, eu, uma fonte de abundante caudal.
A que tenho à direita outras tantas horas necessita para o encher, e o dobro disso a terceira.
Mas se com o meu juntas os caudais de ambas, numa pequena parte do dia o encheremos¹⁷⁷.

132. DO MESMO

Outro

Eis aqui um ciclope, Polifemo, em bronze¹⁷⁸; que bem

¹⁷⁴ Ambos reais. O cabo Peloro chama-se, atualmente, Faro.

¹⁷⁵ Solução: falta percorrer 2.400 estádios, i.e. cerca de 4.320 km.

¹⁷⁶ Solução: 12/25 de um dia.

¹⁷⁷ Solução: 2/11 de um dia.

¹⁷⁸ Como noutros epigramas deste género, a base é uma estátua de uma figura mitológica que jorra água. No caso, trata-se de Polifemo, o ciclope morto por Ulisses, conforme a conhecidíssima passagem da *Odisseia*.

se lhe ajustaram o olho, a boca e a mão,
 unidos por tubos. Parece que todo ele verte água,
 e dá a sensação de jorrá-la também da boca.
 Nenhuma das bicas é irregular: a que tem na mão,
 correndo encherá o tanque em apenas três dias,
 num dia a do olho, e a da boca em dois quintos de um dia.
 Quem diz o tempo que tardariam as três juntas?¹⁷⁹

133. DO MESMO

Outro

Que belo caudal derramam na vasilha os deuses,
 estes dois rios¹⁸⁰ e a graça de Brómio¹⁸¹!
 Não é igual o fluxo do caudal de todos; sozinho,
 o Nilo enche-o correndo por um só dia,
 tanta a água que brota da suas entranhas; o tirso
 de Baco, em três dias, destilando vinho;
 e o teu corno, Aqueloo, em dois dias. Uni-vos todos,
 correi juntos, e em poucas horas o enchereis¹⁸².

134. DO MESMO

Outro

Ó mulher, esquecida da miséria! Mas ela sempre te oprime,

¹⁷⁹ Solução: 6/23 de um dia.

¹⁸⁰ O Nilo e o Aqueloo eram rios que correspondiam também a figuras mitológicas. Contra Aqueloo (filho de Oceano e Tétis, situado na fronteira entre a Acarnânia e a Etólia), diz o mito que tinha lutado Hércules pela posse de Dejanira.

¹⁸¹ Epíteto de Dioniso, no epigrama dito Baco. O epigrama descreve um grupo escultórico com três divindades.

¹⁸² Solução: a vasilha seria enchida em 6/11 de um dia.

trazendo por necessidade as agruras do trabalho.
 Uma mina de lã costumavas fiar ao dia; a mais velha
 das tuas filhas, uma mina mais um terço retirava da roca;
 a mais nova aportava metade de uma mina. Eis-te agora
 preparando o jantar, tendo pesado entre todas só uma
 [mina¹⁸³.

135. DO MESMO

Nós, três Amores que destilam água, aqui estamos,
 jorrando a água dos banhos no tanque de belas correntes.
 Eu, o da direita, com a ponta das minhas longas asas
 na sexta parte de um dia o encho por completo;
 o da esquerda, com a sua ânfora, em quatro horas;
 e o do meio, com o seu arco, em meio dia apenas.
 Diz-me pois em quão pouco tempo o encheríamos,
 jorrando em simultâneo das asas, do arco e da ânfora¹⁸⁴.

136. DO MESMO

Tijoleiros! Tenho pressa de construir esta casa;
 hoje o céu não tem nuvens, e já não preciso
 de muitos; com mais trezentos, já terei os tijolos
 suficientes. Tu, sozinho, num dia farias esse número;
 o teu filho saiu do trabalho com duzentos feitos;
 e o teu genro com o mesmo número, mais cinquenta.
 Se aos três fizer o pedido, quantas horas tardaríeis?¹⁸⁵

¹⁸³ Solução: as três juntas, trabalharam apenas 2/5 do dia.

¹⁸⁴ Solução: tardariam 2/19 de um dia.

¹⁸⁵ Solução: 2/5 de dum dia seriam necessários para fabricar os tijolos necessários.

137. DO MESMO

Outro

Uma lágrima deixai cair ao passar: nós somos esses,
 os convidados de Antíoco que a sua casa matou
 ao cair, e o deus transformou a sala dos banquetes
 no nosso túmulo¹⁸⁶; aqui jazemos – quatro de Tégea,
 doze oriundos de Messene, cinco vindos de Argos,
 de Esparta a metade dos convivas,
 além de Antíoco; um quinto da quinta parte dos mortos
 eram Cécropidas¹⁸⁷; tu, Corinto, chora apenas Hilas.¹⁸⁸

138. DO MESMO

Outro

Nicarete, brincando com cinco amigas da sua idade,
 deu um terço das nozes que tinha a Cleis,
 uma quarta parte a Safo, uma quinta a Aristodice,
 uma parte de vinte e outra de doze a Teano,
 e por fim uma de vinte e quatro a Filine. Cinquenta nozes,
 e não mais, sobraram para a própria Nicarete.¹⁸⁹

139. DO MESMO

“Diodoro, glória maior dos relojoeiros¹⁹⁰, diz-me tu a que horas,

¹⁸⁶ Nenhuma outra fonte transmite o episódio, que pode de resto ter-se inspirado na morte de Simónides em circunstâncias semelhantes – no seu caso na Farsália, em casa de Escopas –, como transmitem Calímaco (fr. 64 Pfeiffer) ou Fedro (*fábula* 4).

¹⁸⁷ I.e. Atenienses. Cécrops fora o primeiro rei lendário de Atenas.

¹⁸⁸ Solução: foram sepultados pela derrocada, ao todo, 50 indivíduos.

¹⁸⁹ Solução: a jovem tinha um total de 1.200 nozes.

¹⁹⁰ No original, a arte gnomónica, i.e., de construir relógios solares.

vindos do oriente, atingiram o polo as rodas douradas do sol.
 – Quatro vezes três quintos do trajeto já percorrido
 lhe falta, antes que se vá banhar no mar do ocidente.”¹⁹¹

140. DO MESMO

Outro

Afortunado Zeus! Agradam-te estes jogos com que as mulheres da Tessália se entretêm? Apagar-se o olho da Lua por ação de mortais – isso vi eu! Faltava ainda à noite, até à aurora, duas vezes dois sextos e duas vezes um sétimo do tempo
 [passado].¹⁹²

141. DO MESMO

Outro

O trânsito das estrelas fixas, e com elas o dos planetas,
 diz-me qual era, quando ontem a minha mulher deu à
 [luz]¹⁹³.
 Era dia e, para o mar da Hespéria¹⁹⁴, faltava ainda seis vezes
 dois sétimos do tempo passado desde que se levantara¹⁹⁵.

¹⁹¹ Solução: já passaram 3 horas 9/17 e faltam 8 horas 8/17.

¹⁹² Solução: tinham passado 6 horas 6/41 e faltavam passar 5 horas 35/41.

¹⁹³ O sujeito poético procura saber, em jeito de problema matemático, a hora em que nasceu o seu filho, de forma a traçar o mapa astrológico deste.

¹⁹⁴ I.e., para o pôr do sol.

¹⁹⁵ Solução: tinham passado 4 horas 8/19 do dia e faltavam 7 horas 11/19.

142. DO MESMO

Outro

Toca a levantar, criada! Já saiu a Aurora! Um quinto
de três oitavos do dia que ainda resta já se foi.¹⁹⁶

143. DO MESMO

Outro

Nos pântanos de Sirtes morreu o meu pai. E o marinheiro
regressou dessa viagem trazendo cinco talentos,
ele, o mais velho dos meus irmãos. A mim, ofereceu-me
o dobro de dois terços da parte que lhe tocara,
e à nossa mãe concedeu dois oitavos da *minha*¹⁹⁷ parte,
sem com isso transgredir a justiça dos imortais.

144. DO MESMO

Outro

“O pedestal onde estou, comigo, tem peso considerável.
– A minha base e eu pesamos os mesmos talentos.
– Já eu, sozinho, peso o dobro da tua base.
– E eu, sem mais, o triplo do teu pedestal.”¹⁹⁸

¹⁹⁶ Solução: passou já $3/43$ do dia ou $36/43$ de uma hora (aprox. 50 minutos).

¹⁹⁷ Ou “nossa”, o que implica diferentes resultados.

¹⁹⁸ Solução: As estátuas pesam 4 e 3 talentos, e os seus respectivos pedestais 1 e 2. Qualquer múltiplo destes números pode ser solução.

145. DO MESMO

Outro

“Dá-me três minas, e terei três vezes o teu peso.

– Dá-me o mesmo, e pesarei cinco vezes o teu peso.”¹⁹⁹

146. DO MESMO

Outro

“Dá-me duas minas, e terei o dobro do teu peso.

– Dá-me o mesmo, e pesarei quatro vezes o teu peso.”²⁰⁰

147. [DE HOMERO]

Resposta de Homero a Hesíodo, que lhe perguntava o número de Gregos que lutaram contra Troia

Sete fogueiras ardiam, e diante de cada uma cinquenta espetos com cinquenta peças cada; junto a cada peça havia novecentos Aqueus²⁰¹.

148. ANÓNIMO

Oráculo dado a Juliano, o Apóstata²⁰², quando, celebrando o seu aniversário em Ctesifonte, organizou umas corridas de cavalos.

Outrora, Zeus destruiu a raça dos Gigantes, tão odiada

¹⁹⁹ Solução: um pesa 110/7 minas e o outro 130/7 minas.

²⁰⁰ Variante do anterior. Solução: um pesa 26/7 minas e o outro 34/7 minas.

²⁰¹ Solução: 315.000 Aqueus.

²⁰² Último imperador pagão do mundo romano – por isso ficou conhecido na história como “o Apóstata” –, reinou desde 361 até a sua morte, dois anos depois.

pelos Bem-aventurados que têm morada no Olimpo.
 O rei dos Romanos, Juliano semelhante a um deus,
 na luta destruiu as cidades e altas torres dos Persas²⁰³
 hábeis no corpo a corpo com o poderoso fogo e o bronze
 e, imparável, subjugou também muitos outros povos;
 ele, que conquistou a terra Alemã²⁰⁴ das tribos do poente
 depois de frequentes batalhas e arrasou os seus campos.

149. ANÓNIMO

Oráculo dado a Timócrates, o Atenense, que perguntava sobre epilepsia.

Retira o maior verme da cabeça de um animal sangrado
 e estende no solo o corpo de um carneiro de pasto campestre;
 esse bicho que rasteja vagabundo pela cabeça cheia de lá...²⁰⁵

150. ANÓNIMO

Oráculo dado a Egeu, que perguntava como ter filhos.

Não dês um pontapé no odre²⁰⁶, melhor dos mortais,
 não sem antes teres chegado ao solo dos Atenenses.

²⁰³ Juliano cercou Ctesifonte ao cabo da guerra contra os Persas, em maio de 363. Como sabemos que morreria dias depois, a 26 de junho, o oráculo pode datar-se de maio desse mesmo ano.

²⁰⁴ Quando ainda não era imperador, em Estrasburgo, em 357.

²⁰⁵ O escoliasta explica o oráculo, copiado parcialmente. Trata-se de um rito para curar a epilepsia.

²⁰⁶ À letra, “não lances o pé que está atrás ao odre”, i.e., não tenhas relações sexuais com mulheres, como já interpretava o escoliasta. O termo *askos*, em grego, designa qualquer recipiente feito de pele animal e, por extensão, o ventre.

(Página deixada propositadamente em branco)

EPIGRAMAS DIVERSOS (LIVRO XV)

ANTOLOGIA GREGA

(Página deixada propositadamente em branco)

1. ANÓNIMO

*Sobre o poemário de João, o Gramático*¹

Atreveu-se o artista a pintar no retrato o que não é lícito,
e a poesia completou uma natureza falsa do mundo,
porém próxima do real. Em tudo a pintura mentiu.

2. ANÓNIMO

Epigrama para a cidade dos Miros na Lícia

A muralha desta cidade de belos coros alargou-a
o imperador Marciano, sob as indicações do prefeito
Paládio² e os planos do engenhoso Arteméon³.
E a cidade, com o tempo, recuperou o antigo tamanho.

3. ANÓNIMO

Para o túmulo de São Nicandro

Eu, jovem de dezassete anos, puro e imaculado,
Nicandro⁴, deus me fez o seu fiel mártir.

¹ Espécie de prefácio à descrição efrástica de João de Gaza (dito “o Gramático” – séc. VI) das pinturas das *tabula mundi* nas paredes dos Banhos de Inverno de Gaza. Trata-se de um longo epigrama em 703 hexâmetros, ao estilo de Nono de Panópolis, que no *Palatinus* vem copiado após este livro XV.

² Paládio fora prefeito de Oriente no governo de Marciano (450-457).

³ Arquiteto desconhecido.

⁴ Sofreu, em Mitilene, a perseguição de Diocleciano, imperador de 284 a 305.

4. ANÓNIMO

Epitáfio em Niceia, perto do lago, no Obelisco⁵

Proclama, Niceia, o túmulo que se eleva aos céus
 e esta pirâmide que é vizinha do sol,
 ela que o hierofanta, célebre entre os que ainda vivem,
 esconde dentro de imenso monumento.
 É de Sacerdote tamanha tumba, e de Severa
 o memorial, vizinho do céu⁶, não do Érebo.

5. ANÓNIMO

Outro

Este é o memorial celeste, com a ponta em ouro batido,
 de um homem que recebeu túmulo igual à vida,
 vizinho das estrelas. Guarda esta tumba um homem
 como nenhum outro, ministro dos ritos celestes,
 ele que reergueu a sua cidade quando estava em ruínas⁷
 e recebeu o prémio máximo do espírito e da palavra;
 por ele se bateram a que pôs o seu corpo na pira,
 a Ática⁸, e a que no seu seio lhe recolheu os ossos.

⁵ Os núms. 4-8 são cinco epitáfios que estariam inscritos nos lados de um mesmo mausoléu em Niceia, local de sepultura de Sacerdote e a esposa Severa.

⁶ A repetição de “sol” (*aelios*) sugere que Sacerdote fosse ministro do templo de Hélios, o que faz sentido se recordarmos que os obeliscos costumavam construir-se em homenagem a esse deus e que Niceia era território romano desde 74 a.C.

⁷ Pode haver alusão ao sismo de 111 que destruiu Niceia, depois reconstruída por Hadriano no ano 120, e com isso se supor uma datação para Sacerdote.

⁸ Como se percebe também do epigrama seguinte, Sacerdote terá morrido na Ática e aí sido cremado, antes de as suas cinzas serem enviadas para Niceia.

6. ANÓNIMO

Outro

Para o grande Sacerdote se construiu este túmulo
 brilhante, astro terrestre da terra Ascânia⁹,
 espelho dos raios do sol; tranquilo, dentro dele repousa
 o espírito que estendeu a mão direita à pátria
 destruída e à sua cabeça ajustou a grinalda sagrada
 de seu pai, que de novo brilhou para o filho¹⁰;
 ele, cujo corpo amável a pátria recebeu, a Ática purificou
 pelo fogo e qualquer cidade da Hélade agora venera.

7. ANÓNIMO

Outro

A minha pátria é Niceia, o meu pai o hierofanta
 do céu, e eu, o herdeiro do rito sagrado;
 sou quem resgatou do Hades a minha cidade sacudida
 pelo terramoto, graças aos dons do Zeus Ausónio¹¹;
 Morri longe da Ascânia, e aí, na terra da Ática,
 pátria ancestral, me fizeram subir a uma pira.
 O meu memorial o meu filho o ergueu, o que do avô
 leva o nome; a Virtude, essa, olha por ambos.

8. ANÓNIMO

Um casamento a dois, uma vida em comum, e nem mortos,
 zelosos sempre um no outro, eles se separaram.

⁹ A Ascânia é uma região da Bitínia onde fica Niceia e o lago Ascânio.

¹⁰ I.e., terá herdado o posto de sacerdote do pai.

¹¹ Forma comum de se referir ao Imperador.

A ti, Sacerdote, os ritos sagrados e as obras varonis
 te proclamarão pelos dias que dure a vida humana;
 a mim, Severa, o esposo, o filho, a virtude e a beleza
 me farão mais famosa que a Penélope¹² de outrora.

9. DO POETA CIRO¹³

Elogio do imperador Teodósio

Todas as proezas memoráveis de Aquiles tu emulas,
 menos o seu amor oculto¹⁴; com o arco és Teucro,
 sem ser bastardo¹⁵; possuis a muito aclamada beleza
 de Agamémnon, mas o vinho não te turva o espírito;
 em prudência em tudo te comparo ao hábil Ulisses,
 mas sem pérfidos enganos; como o velho de Pilos¹⁶,
 ó rei, também tu destilas uma voz doce como o mel,
 quando sequer viste o tempo tocar a terceira geração.

10. [DO MESMO]

Onde encontrar os mártires em mar-alto? Dizei-me, rochas,
 dizei-me, vagas imensas, com quantas tormentas se bateram.
 O navio partiu, o mastro caiu, a quilha afundou, a carga
 [morreu¹⁷.

¹² A esposa de Ulisses, sempre o modelo da mulher casada fiel e devota.

¹³ Ciro de Panópolis, prefeito de Constantinopla em 439 e cônsul em 441, indivíduo muito próximo a Teodósio, imperador entre 379 e 395.

¹⁴ Em Siros, no palácio de Licomedes, diz o mito que Aquiles se disfarçou de mulher para unir-se a Deidamia, daí nascendo Neoptólemo.

¹⁵ Modelo homérico do arqueiro, Teucro era filho bastardo de Télamon com Hesíone.

¹⁶ Nestor, modelo de eloquência – a mesma que Teodósio atinge, apesar de muito mais jovem.

¹⁷ Fragmento dedicado a um naufrágio não identificado. Copiado

11. ANÓNIMO

No palácio da [acrópole] de Lindos

Imensa é a glória da antiga Lindos, que recebeu Atrítone¹⁸
 nos picos da sua cidadela que tocam os céus!
 E mais se acrescenta na terra a fama dessa amável cidade,
 cheia com os dons verde-escuros da deusa virgem;
 Agora, a terra autoproclama-se a morada florescente
 de Atena, ao ver os seus rochedos dar frutos.
 Esta agradável oblação, a Atena a ofertou o sacerdote
 Aglocarto, prescindindo dos próprios bens,
 ele que foi mais forte que Celeu¹⁹ e Ícaro²⁰ ao difundir
 sobre a terra inteira a oliveira sagrada.²¹

12. DE LEÃO, O FILÓSOFO²²

Sobre si mesmo, a quem chamamos o Grego

Fazes-me bem, Fortuna, adornando-me com os mais doces
 prazeres de Epicuro²³ e com a tranquilidade para os gozar.

juntamente com o núm. anterior no *Palatinus*, cedo foi editado como autónomo. A autoria de Ciro não é segura.

¹⁸ Atena.

¹⁹ Rei de Elêusis, teria com o filho Triptólemo dado guarida a Deméter e por tal recebido a primeira semente. É tomado como o criador da agricultura.

²⁰ Oferecendo hospitalidade a Dioniso, com isso trouxe o vinho para a terra.

²¹ A inscrição, que ainda se conserva (*IG* 12.1.783), celebra o ofício de Aglocarto, sacerdote de Atena que terá plantado uma grande quantidade de oliveiras na acrópole de Lindos, uma das cidades mais antigas da ilha de Rodes.

²² Próximo do imperador Teófilo (que reinou entre 829-842), este Leão foi durante três anos arcebispo de Tessalónica e depois diretor da escola da Magnaura de Constantinopla. Terá morrido depois de 869. Cf. nota ao núm. 36.

²³ Epicurista de convicção, Leão diz que vivia à margem dos prazeres e dos negócios do mundo.

Que falta me faz a rotina cheia de cuidados dos homens?
 Não busco riqueza, companheira sem vista e inconstante,
 nem honras – as honras dos mortais são um sonho fugaz.
 Longe de mim, sombrio antro de Circe! Tenho vergonha,
 filho do céu que sou, de comer bolotas tal qual uma besta;
 odeio a doce comida dos Lotófagos que afasta da pátria,
 e o canto sedutor das Sirenes repudio como meu inimigo²⁴.
 Ao invés, rezo para obter de Deus a flor que salva a alma,
 a *moli*²⁵ que protege das doutrinas do mal; tapando bem
 com cera os ouvidos²⁶, logro escapar ao impulso da carne.
 Assim falando e escrevendo, atinja eu o fim dos meus dias!

13. DO BEM-AVENTURADO CONSTANTINO DA SICÍLIA²⁷

Sobre a sua cadeira de professor

Se és homem sábio, senta-te; mas se a Musa
 tocaste só com a ponta do dedo, mantem-te
 longe de mim e busca assento noutra parte:
 sou cadeira só de homens dados à sabedoria.

²⁴ Recorrendo a episódios da *Odisseia*, Leão diz ser indiferente aos pecados da gula e da luxúria.

²⁵ Planta fabular que surge já na *Odisseia* 10.305, impossível de verter para Português.

²⁶ Como Ulisses aos companheiros, uma vez mais, para escapar ao canto das sereias (as tentações).

²⁷ Parece haver um erro no título manuscrito do epigrama. Constantino da Sicília, autor de poemas anacreônticos e dois poemas panfletários que acusam de paganismo Leão o Filósofo (autor do núm. 12), não chegou a ser canonizado. Pode haver confusão com outro Constantino, que quando foi nomeado bispo recebeu o nome de Cirilo (827-869), mas dessa forma o autor deste epigrama seria mais jovem do que o do seguinte, sua réplica, Teófanos. Vd. nota ao núm. 14.

14. DO BEM-AVENTURADO TEÓFANES²⁸

Resposta ao anterior

E que marca te distingue a ti, sua orgulhosa,
para amar os sábios e recusar os ignorantes?
Não levas ouro, nem prata, marfim sequer,
antes uns mestres de carpintaria te fizeram,
estranhos a Calíope²⁹ e ignorantes de Hefesto³⁰,
para todos, sábios e incultos, uma cadeira de madeira.

15. DE CONSTANTINO DE RODES³¹

Sobre a cruz que erigiu em Lindos

Constantino, o filho ilustre de João e Eudócia
me forjou, o que Lindos, cidade muito ilustre,
gerou, varão superior à geração de seus pais
e fiel servidor de Leão, que outrora portou o cetro,
de quem o irmão Alexandre e o filho Constantino
receberam os cetros que Deus sustenta do Império³².

²⁸ Não é claro se se trata do historiador bizantino (758-818) ou do autor de hinos com o mesmo nome (m. 845), ambos inscritos nas *Acta Sanctorum*, ou de qualquer outro indivíduo dos muitos que, no séc. IX, ostentavam esse nome.

²⁹ Calíope, musa da poesia, simboliza aqui as Humanidades, de todo desconhecidas pelos carpinteiros que executaram a cadeira.

³⁰ I.e., não é de metal.

³¹ Secretário de Constantino VII Porfirogeneta (imperador entre 913-959), terá por esse imperador sido enviado a Lindos, onde dedicou a cruz implícita nos núms. 15, 16 e 17. Escreveu também uma *Descrição da Igreja dos Santos Apóstolos* de Constantinopla, poema em 981 trímetros iâmbicos.

³² Alexandre apenas reinou por treze meses com o sobrinho Constantino, que logo assumiu o império sozinho. O epigrama pode portanto datar-se entre a morte de Leão VI (março de 912) e a do seu irmão Alexandre (junho do ano seguinte).

16. DO MESMO

*Sobre a mesma cruz. Iambos. Para a Mãe de Deus*³³

Qualquer obra de arte é indigna de ti,
muito admirável soberana do mundo!
Além das obras e da corrupção está a tua glória!
Mas esta obra, a que te dedicou Constantino,
é de ti digna, ó Virgem, se com efeito
representa bem o cetro do teu Filho
e a três vezes bendita paixão da sua carne.

17. DO MESMO

Sobre o retrato da Mãe de Deus

Alguém que queira pintar-te, ó Virgem,
necessitaria de estrelas e não de cores,
para te pintar com as luzes do céu, qual porta de luz.
Mas elas não obedecem à voz dos mortais.
Por isso, com o que dá a natureza e as leis da pintura,
permite que contemos a tua história e te pintemos.

18. ANÓNIMO

Sobre um tabuleiro de jogo

Os teus ossos, Palamedes, deviam ter sido esculpidos
para peças de um jogo nascido da guerra³⁴.
Pois tu, entre guerras, outra guerra inventaste,
guerra de amigos num tabuleiro de madeira.

³³ Se o lema é correto, há que considerar a existência de um retrato de Maria aos pés do referido crucifixo, motivo dos núms. 16 e 17.

³⁴ Palamedes teria inventado, enquanto os Gregos esperavam em Áulide pelos ventos que lhes permitiriam rumar a Troia, um jogo parecido às damas (ou ao xadrez).

19. ANÓNIMO

Sobre um médico chamado Asclepiades

Asclepiades³⁵, o médico, raptou uma moça;
passado o ultraje da boda com a raptada,
chamou à boda verdadeira uma multidão
de dançarinos e mulheres de má-vida.

Quando, nessa noite, a casa toda veio abaixo,
todos se foram para as mansões do Hades,
corpos jazendo amontoados sobre corpos.

A augusta câmara nupcial, coroada de rosas,
graças à matança gotejava de rubro sangue.

20. [DE PÁLADAS DE ALEXANDRIA]

Outro parecido

Em silêncio transcorre esta vida miserável,
em silêncio imitando o mesmíssimo tempo:
vive sem ser notado, ou isso serás ao morrer³⁶.

³⁵ O poema é uma anedota sobre a punição de um rapto, cujo autor, a existir, não foi identificado.

³⁶ O pessimismo é caraterístico dos epigramas conservados de Páladas.

21. A FLAUTA DE TEÓCRITO³⁷

A esposa do Ninguém e a mãe daquele que combate ao longe³⁸
gerou o veloz guardião da ama do substituído por uma pedra³⁹,
não Cerastas⁴⁰, o que a filha do touro⁴¹ no passado criara,
mas o que o coração inflamou por esse escudo sem *pi*⁴²,
dito Todo⁴³, ser híbrido que desejou essa donzela 5
merópida⁴⁴, a filha da voz e também do vento;
o que à Musa coroada de violetas provocara
dura ferida, símbolo de uma paixão ardente⁴⁵,
que eliminou a força que lembrava o nome
do que lhe matou avô⁴⁶ e [libertou] a Tíria⁴⁷; 10

³⁷ Os núms. 21, 22, 24-27 são os famosos *technopaignia* (ou *carmina figurata*), conservados juntos apenas no *Palatinus*, mas transmitidos por outros manuscritos de Teócrito e dos bucólicos gregos. A nossa tradução, em verso branco, tentou manter a forma gráfica do original associada ao título dado a cada composição, para tal fazendo uso de algumas liberdades.

³⁸ Penélope, esposa de Ulisses (que disse ser *Ninguém* ao ciclope em *Odisseia* 9.366) e mãe de Telémaco (à letra, “o que combate ao longe”).

³⁹ Pã, segundo algumas versões tardias filho de Penélope com *todos* os pretendentes. Ele é dito guardião de Amalteia, a cabra que alimentou Zeus (“o substituído por uma pedra”, que o pai Cronos pensava engolir quando engolia um calhau).

⁴⁰ À letra, *o Cornudo*.

⁴¹ A abelha, que se acreditava nascer das entranhas dos animais mortos.

⁴² Pã apaixonou-se por Pítis (em grego *Pitys*, que sem o *p-* fica *itys*, “escudo”).

⁴³ *Olon* e *Pan*, enquanto adjetivos, são sinónimos.

⁴⁴ A ninfa Eco; *merops* significa “em parte voz”, e Eco, de facto, apenas repetia o final das palavras.

⁴⁵ Fala da flauta, em grego *syrix*, também o nome de uma ninfa amada por Pã e em cuja homenagem nomeou o instrumento musical. O jogo de palavras do original é difícil de manter.

⁴⁶ Pã teria ajudado os Gregos a derrotar os Persas, povo cujo nome evoca o do assassino de seu avô Acrísio – Perseu.

⁴⁷ I.e. a Europa, etiológicamente filha de Cadmo, de Tiro.

ele, a quem o belo dom dos porta-alforjes⁴⁸
 oferecera outrora o Páris Simiquídes⁴⁹;
 Dele disfrutando, ó pisa-mortais⁵⁰,
 tormento da mulher da Sécia⁵¹,
 filho sem pai de um ladrão⁵², 15
 o de pés fendidos ao meio⁵³,
 alegre possas cantar
 à muda donzela⁵⁴,
 essa Calíope⁵⁵
 invisível. 20

⁴⁸ À letra, “dos porta-cegos”. Refere-se aos homens do campo. O dom referido continua a ser a flauta.

⁴⁹ Teócrito. Simiquídes significa, como a primeira designação, “juiz dos deuses” – e por isso também se lhe chama Páris, o filho de Príamo que arbitrou o concurso de beleza entre as três deusas.

⁵⁰ Pã é normalmente dito “pisa-pedras”, e o poeta substituiu *petros* pelo sinónimo *laas* (ou *laos*), usando depois um homónimo do último, *laós*, que substituiu por *brotos* (“mortal”).

⁵¹ Ônfale, outra amada de Pã. A Sécia fica na Lídia.

⁵² Hermes.

⁵³ No original, “o de pés de cofre”, a partir do jogo semântico entre *chelos* (“cofre”) e *chelê* (“pés fendidos”).

⁵⁴ De novo Eco, que não tem voz própria.

⁵⁵ Mesmo sem voz, inspira Eco a musa do canto.

22. O MACHADO DE SÍMIAS⁵⁶

[A]

À deusa varonil, Atena, Epeio⁵⁷ da Fócida, grato pela sua
 [potente ajuda⁵⁸,
 ofereceu este machado que fez cair altos muros erguidos por
 [deuses,
 quando reduziu a cinzas com morte de fogo a cidade sagrada
 dos Dardânidas⁵⁹ e expulsou os áureos príncipes dos tronos,
 ele que não era tido entre os melhores guerreiros Aqueus
 mas transportava água das puras fontes, sem honra.
 E agora forma parte dos trilhos de Homero,
 graças a ti, ó Palas de muitos conselhos.
 Três vivas ao homem que com coração
 propício tu proteges!
 Para sempre vive
 esta fortuna!

⁵⁶ Apresentamos, para os núms. 22 e 27, duas traduções (A e B), quando o manuscrito apenas copia a primeira ordenação dos versos de ambos os poemas. Como informa o escoliasta, os Antigos deviam também lê-los pela ordem que apresentamos em B, e esse seria o efeito pretendido pelo autor – uma leitura distinta consoante igualmente diferente disposição dos versos maiores e menores, ambas colhendo sentido, que graficamente representasse o objeto que dá título a cada um dos poemas.

⁵⁷ Conotado de guerreiro covarde na *Iliada*, Epeio participou nos jogos dos funerais de Pátroco e ganhou a Euríalo no pugilato. Foi quem construiu o cavalo de madeira a mando de Ulisses, e quem melhor conhecia os seus segredos.

⁵⁸ Refere-se ao estratagema do cavalo de madeira, na realidade inspirado por Atena a Ulisses.

⁵⁹ Os Troianos.

[B]

Ofereceu este machado que fez cair os altos muros erguidos
[por deuses
dos Dardânidas e expulsou os áureos príncipes de seus tronos,
enquanto, sem honra, transportava água das puras fontes,
graças a ti, ó Palas de muitos conselhos,
que propícia o proteges!
Não fenece
esta graça!
Três vivas ao homem que de coração
agora forma parte dos caminhos de Homero,
ele que não era tido entre os melhores guerreiros Aqueus
quando reduziu a cinzas com morte de fogo a cidade sagrada.
À viril deusa, Atena, Epeio da Fócida, grato pela sua potente
[ajuda!

23. ANÓNIMO

*Sobre o livro de Marco*⁶⁰

Se vencer a tristeza é o que buscas,
desenrola este livro afortunado
e percorre-o com todo o cuidado;
dele retirarás, com facilidade,
a máxima tão feliz de que o passado,
o presente e o que futuro trará,
os prazeres e os sofrimentos,
mais não valem do que fumaça.

⁶⁰ Estes versos devem ter servido de epígrafe aos *Pensamentos* de Marco Aurélio, de índole marcadamente estoica.

24. *AS ASAS DO AMOR [DE SÍMIAS]*

Vê-me bem, o senhor da terra de profundo seio que destronou
 [o Acmónida⁶¹!
 E não receies, sendo como sou, que o queixo me pese de
 [espessa barba.
 Nasci num tempo em que reinava a Necessidade,
 quando todos os seres aos seus tristes caprichos
 se dobravam, todos quantos se movem
 pelos céus
 e abismos.
 E há mais: sou filho de Cípris,
 e Eros de doce voo costumam chamar-me,
 pois triunfei não pela força, antes pela gentil persuasão.
 Sob o meu poder tenho a Terra, as funduras do Mar e o Céu
 [de bronze;
 do ancestral cetro de todos me apoderei, e agora sou eu
 [quem dá leis aos deuses.

25. *O ALTAR [DE VESTINO]*⁶²

O negro e escuro licor das vítimas,
Lapa como é com as suas gotículas
Instadas de púrpura, não me tinge;

⁶¹ Cronos, também ele vencido por Eros, o Amor.

⁶² O poema, imitação do seguinte – o *Altar de Dosiades*, da época de Teócrito – deve ter sido composto no tempo de Adriano (imperador entre 117-138). As iniciais de cada verso formam o voto *Olympie pollois etesi thyseias*, cuja tradução (*Olímpio, sacrifica muitos anos*) logramos manter com o início de cada um dos nossos versos brancos. Igualmente mantida foi a forma gráfica de um altar de pedra encimado com uma cruz. Fala o próprio altar.

Mas as adagas, as que eram afiadas na pedra de Naxos⁶³,
 Poupam as posses de Pã⁶⁴; com as suas espirais de fumo
 Impossível é sujar-me o suco olente de árvores Nísias⁶⁵;
 O altar que aqui agora vês não foi construído
 Sobre áureos blocos ou de barro de Álibe⁶⁶;
 Ao outro que os gémeos de Cinto edificaram
 Com os chifres dessas cabras
 Ruminantes pelas imediações
 Idas lá nas encostas do Cinto⁶⁷
 Faz sentido algum comparar;
 Ideia a das filhas de Urano⁶⁸
 Com as nove filhas da terra⁶⁹,
 A cuja técnica⁷⁰ imortalidade
 Mandou dar o rei dos imortais;
 Urge pois, por beber desta fonte
 Irrigada pelo filho da Górgona⁷¹,
 Tender-me um sacrifício, aqui,
 Onde vertas libação que a das irmãs do Hímeto⁷²
 Supere em doçura. Com coração disposto chega,
 Aproxima-te! Estou já bem purificado, e de todo,
 Nem cá tenho monstros lança-veneno⁷³, como esses que oculta

⁶³ Naxos era conhecida por fornecer boas pedras de afiar.

⁶⁴ I.e., não degolam os rebanhos.

⁶⁵ O incenso, da resina odorífera das árvores de Nisa.

⁶⁶ Álibe, segundo o escoliasta, era o país da riqueza para Homero.

⁶⁷ Um altar que a lenda diz ter sido erguido por Ártemis e Apolo em Delos, usando apenas os cornos direitos dos animais.

⁶⁸ As Graças.

⁶⁹ As Musas.

⁷⁰ O altar, a obra de arte.

⁷¹ A fonte Hipocrene, que passou a jorrar água de uma fenda aberta por uma patada de Pégaso, filho da Górgona.

⁷² Uma libação de poemas, que supera a doçura do mel das abelhas (as “irmãs do Hímeto”).

⁷³ Serpentes.

O outro altar que lá em Nea, em Mirina⁷⁴, na Trácia, dedicar-te
Soube o ladrão do carneiro de púrpura⁷⁵, ó filha de três pais⁷⁶!

26. O ALTAR DE DOSÍADAS⁷⁷

O esposo da mulher travestida⁷⁸,
esse que foi duas vezes jovem⁷⁹
me fabricou, não o filho de Empusa que repousa sobre a cinza⁸⁰,
cuja morte ao teucro boieiro se deveu, descendente de um cão⁸¹,
mas o querido a Crisa⁸², quando a Cozinheira de homens
aniquilou o vigilante que tinha os membros em bronze⁸³,
feito por um sem pai e dupla
cama, dejetos de sua mãe⁸⁴.
Quando a forma esta me viu

⁷⁴ O altar junto ao qual foi picado Filoctetes, na ilha de Lemnos.

⁷⁵ Jasão.

⁷⁶ Atena, normalmente dita *Tritogeneia* (“a de três nascimentos”).

⁷⁷ Segundo proposta tentadora de Wilamowitz, este Dosíadas seria um amigo de Teócrito, a quem o último chamara de Lícidas nas *Talísias*.

⁷⁸ I.e., com caráter varonil. Refere-se a Medeia.

⁷⁹ Depois de morto, Jasão terá sido ressuscitado pelas artes mágicas de Medeia. Vd. supra, 14.59 e nota ad loc.

⁸⁰ Advertência para não confundir com Aquiles, filho de Tétis. Como Empusa, a noite, gostava de se metamorfosear, também Tétis mudou a sua forma para a de distintos animais para escapar a Peleu.

⁸¹ Páris, filho de Hécuba, cuja mudança na forma de uma cadela é sugerida pelo final da peça de Eurípides a que dá título.

⁸² De novo Jasão, que a Atena – deusa tardiamente confundida com frequência com Crisa – dedicou um altar em Lemnos.

⁸³ A “Cozinheira de homens” volta a ser Medeia, que matou Talos, guardião de Creta.

⁸⁴ Talos, uma espécie de robot, era obra de Hefesto, dito “sem pai” (nascera apenas de Hera), “de dupla cama” (duas esposas, Afrodite e Aglaia, a última uma das Graças) e “dejetos de sua mãe” (Hera lançara-o do Olimpo para cair em Lemnos).

o matador do Julga-deuses⁸⁵
 que queimou O-das-três-noites⁸⁶,
 grande gritaria fez ele ouvir:
 o veneno da arrastra-ventre
 e da larga-velhice⁸⁷ o atingira.

Entre gemidos estava na ilha que dois rios banham,
 e o esposo da mãe de Pá, ladrão com vida dupla⁸⁸,
 com o filho do Come-homens⁸⁹, porque queriam essas setas
 [que Ílion
 deviam destruir, o levaram para a Têucria⁹⁰ por três vezes
 [saqueada⁹¹.

⁸⁵ O mesmo é dizer “o assassino do Teócrito”, i.e. de Páris. Quem o matou foi Filoctetes. Vd. núm. 21 (v. 12 e nota ad loc.).

⁸⁶ Hércules, assim parodicamente chamado pelas três noites durante quais Zeus fizera parar o tempo para melhor disfrutar da sua mãe Alcmena, foi cremado por Filoctetes, que jurou nunca revelar o paradeiro das suas cinzas.

⁸⁷ Alusão à mordida de Filoctetes por uma serpente junto deste altar, em Lemnos. A serpente é dita pelas ações de rastejar no chão e com isso ir mudando de pele.

⁸⁸ Penélope é igualmente dita mãe de Pá na *Flauta de Teócrito* (núm. 21).

⁸⁹ Diomedes. Seu pai, Tideu, tinha devorado a cabeça do irmão Melanipo.

⁹⁰ Troia.

⁹¹ Por Hércules, pelas Amazonas e, por último, pelos Aqueus.

27. O OVO DE SÍMIAS

(A)

Eis da tagarela
o mais recente fruto⁹²;
colhe-o, alma propícia: à força o puro
arauto dos deuses, Hermes de voz poderosa, o levou,
e de um pé de um só verso foi aumentado mais e mais
e, em nada, fez o desenho que desce oblíquo dos distintos pés,
movendo os seus pés como velozes corças ou crias de cordeiros
[de pé gentil –
todas elas, de pé ligeiro, saltam até aos picos elevados em busca
[de ama confiável,
quando uma fera selvagem, ao escutar a voz que retumba no
[profundo do seu antro,
em nada, guiada pelo som da voz sai furiosa a caçar pelo vale
[coberto de neve das montanhas –
assim agitado, pés igualmente velozes, o glorioso deus marcava
[os complexos metros da dança.
Salta veloz da cama do rochoso covil buscando caçar o rebento
[de uma mãe que antes marcara;
o balir das cabras no pasto dos montes férteis chega às covas de
[Ninfas de belas ancas,
essas que se enlaçam de um salto à mãe tão querida em seu
[anseio pela teta
e batem o pé [[a imitar]] a voz uníssona e múltipla das musas
[da Piéria,

⁹² O poeta, que se compara a uma mãe rouxinol – e não é por acaso que o *Palatinus* ostenta o título *O ovo da andorinha* – lamenta ter perdido o seu mais recente filho, um poema com a forma de ovo. Este foi recolhido por Hermes, deus da Palavra, o mesmo deus que depois é dito ter ditado a criação do poema, que vai crescendo de um só pé até dez. Esta constante mudança de ritmo é comparada à corrida das corças pelos montes.

até um máximo de dez pés, sempre mantendo a ordem rítmica,
 deu aos humanos, recolhendo-o da asas de sua mãe,
 o rebento barulhento de uma mãe,
 o dório rouxinol
 de sua mãe.

(B)

De tagarela
 mãe filho,
 do rouxinol dório,
 eis o mais recente fruto:
 colhe-o, alma propícia. À força o parto
 barulhento de uma mãe pura o deu ao mundo;
 o arauto dos deuses, Hermes de voz poderosa o levou
 para os humanos, recolhendo-o das asas da mãe querida,
 e de um pé de um único verso foi aumentando mais e mais,
 até um máximo de dez pés, sempre mantendo a ordem rítmica.
 E por si, ágil, marca o desenho que desce oblíquo dos distintos pés,
 batendo o pé [[a imitar]] a voz uníssona e múltipla das musas
 [da Piéria.
 Movendo os pés como velozes corças ou crias de cordeiros de
 [pé gentil,
 – das que se enlaçam de um salto à mãe tão querida em seu
 [anseio pela teta,
 todas, pé ligeiro, saltando até aos mais altos picos em busca de
 [ama confiável;
 o balir das cabras no pasto dos montes férteis chega às covas de
 [Ninfas de belas ancas
 e, de repente, uma fera selvagem que escutou a voz que retumba
 [no profundo do seu antro
 salta veloz da cama do rochoso covil buscando caçar o rebento

[de uma mãe que antes marcara;
 logo, guiado pelo som da voz, num ápice sai a caçar pelo vale
 [coberto de neve das montanhas –
 assim agitado, de pés igual de velozes, o glorioso deus marcava
 [os complexos metros da dança.

28. DE ANASTÁSIO O GAGO⁹³

Sobre o Crucificado

Cristo estava outrora pendurado numa cruz, nu,
 ao centro, com ladrões de um lado e do outro;
 devastada, lamentava-o aos prantos a sua Mãe,
 em soluços, postada junto ao discípulo virgem⁹⁴;
 as gentes, ao passar, insultavam esse homem
 desgraçado, chamando-lhe mesmo inútil e fraco;
 quando tinha sede, bebida odiosa lhe acercava
 o povo infiel e amante de sangue dos Judeus,
 mistura de vinagre, amargo cálice, mortal poção.
 Em silêncio, colgado e sem defesa estava Cristo,
 Cristo, o que era filho de Maria e do Pai imortal.
 Um homem adulto em criança se volverá se isto
 guarda no coração ou o contempla em pinturas;
 Deus supera o homem, mas o mortal a Deus não.

⁹³ Também dito o Questor, cargo que ocupou em 907 em Constantinopla. Dele apenas resta este epigrama.

⁹⁴ João.

29. DE INÁCIO⁹⁵*Sobre o mesmo*

Eu, Inácio, o que viveu entre muitos pecados,
 deixei o brilho do sol de doce luz
 e eis-me escondido aqui, em sombrio túmulo,
 ai de mim, com a alma muito castigada.
 Julga-me pois! Sou mortal, tu eterno e piedoso;
 piedade, piedade comigo, com esse olhar dócil!

30. DO MESMO

Sobre o monge Paulo

O corpo, não a virtude do venerável Paulo⁹⁶
 esta tumba oculta: como a luz do sol,
 os seus famosos escritos resplandecem de luz
 e os esforços da sua virtude se volvem gloriosos.
 Por vinte anos mais três permaneceu nesta terra,
 submetido ao Verbo viveu e teve glorioso fim.

31. Do mesmo

Sobre Samuel, diácono da Grande Igreja⁹⁷

O santo Samuel repousa nas entranhas da terra,
 ele que deixou a Deus quanto possuía.
 Corre já para a brilhante corte dos bem-aventurados,
 a cobrar o prémio das suas grandes obras.

⁹⁵ Guardião dos vasos sagrados de Santa Sofia de Constantinopla entre 784-85. Trata-se do seu epitáfio, onde assume todos os seus pecados.

⁹⁶ Um monge desconhecido, que seria também autor ou comentador de textos religiosos.

⁹⁷ Não sabemos quem foi este Samuel, mas a Grande Igreja é sem dúvida, e de novo, Santa Sofia.

32. DO DIÁCONO ARETAS⁹⁸

Sobre a sua própria irmã

Se de facto o veloz destino me eclipsou vida,
extinguindo a chama da minha lucerna,
ainda assim, com a sua cólera terrível, o demónio
mau veio assombrar-me os dias até ao fim;
fez-me viúva justo quando se inflava o meu seio,
e nem vi um filho querido a brincar,
doce tesouro nos braços dos pais. Por isso a insuportável
dor da desgraça me venceu numa febre
violenta; com vinte e três anos apenas me recebeu
este túmulo, o repouso dos da minha raça,
Aí os meus velhos pais, aos olhos de todos,
arrancando cabelo grisalho entoaram o lamento,
e o coro dos nobres irmãos de Ana, entre gemidos,
recordou com prazer a sua beleza radiante.

33. DO MESMO

Sobre a mesma

O seu coração bom, a sua graça amistosa,
o seu espírito de obediência aos pais
(a modéstia, qual grande mestre, sempre
a guiava), os méritos brilhantes da sua raça,
as recusas de outros homens contra a natureza
que testavam a sua fidelidade solitária pela força,
sempre vencida pela sua ânsia pelas Alturas
(onde brilhantes grinaldas resplandecem pelo valor

⁹⁸ Arcebispo de Cesareia, na Capadócia, a partir de 907. Natural de Patras, foi discípulo de Fócio.

da fidelidade conjugal), por fim a lealdade de Ana, não poderá apagá-los esta tumba. A boca de todos não poderá jamais esquecer alguém que deu bom testemunho com a vida. Se não, mais do que todos falará esta inscrição que junto ao seu túmulo está agora colocada.

34. DO MESMO

*Sobre a monja Febrónia*⁹⁹

Mesmo entre as almas defuntas dos homens

Febrónia deu mostras da sua bondade,
se também aí os pobres necessitam dos ricos;
sequer nesse lugar as almas dos generosos
esquecem por completo a sua benevolência.

Seja como for, o tempo que nos é dado viver
bastaria para destiná-la ao tálamo divino de Cristo,
que tomou por nobre esposo da sua castidade,
de lamparina acesa com o azeite da caridade.

Eis o monumento do seu eterno sono.

35. DE TEÓFANES

*Um erótico de Teófanês*¹⁰⁰

Pudesse eu ser a branca açucena que seguras nas mãos,
e assim melhor saciar esta sede do teu corpo.

⁹⁹ Desconhecida.

¹⁰⁰ O lema do *Palatinus* parece estranhar a atribuição deste dístico erótico a um indivíduo elevado ao estatuto de santo. Vd. núm. 14 e nota ad loc.

36. DE COMETAS¹⁰¹

Cometas, ao ver que ambos os teus poemas envelheciam,
cantor de muitos mitos, de novo os fez florescer.

37. DO MESMO

Todos este versos insuportáveis são de Cometas
Aos teus poemas, Homero, achando-os envelhecidos,
Cometas lhes devolveu o viço da juventude;
despojando-os das marcas da idade, com novo brilho
os mostrou aos mortais eruditos que são sensatos.

38. DO MESMO

Eu, Cometas, achando os poemas de Homero
corrompidos e sem pontuação alguma,
pontuei-os e limei-os com o meu engenho,
deitando fora o lixo, por ser desnecessário,
e por minha mão rejuvenesci o que era útil.
Por isso, os copistas desejam aprendê-los
não com erros, mas como convém.

¹⁰¹ Professor de Gramática na escola de Magnaura, fundada por Leão o Filósofo. Há que situá-lo na segunda metade do séc. IX. Terá editado os poemas de Homero, os quais se gaba de ter alterado para supostamente os corrigir e modernizar (núms. 36-38). Talvez por isso, a sua obra recebeu pouca aceitação e muitas críticas.

39. DE INÁCIO¹⁰²*Sobre si mesmo*

Inácio é o autor desta obra, experto em arte poética;
 Inácio é o autor desta obra, ele que trouxe à luz a arte
 da gramática, oculta no mar do esquecimento.

39b. DE INÁCIO

Quem explore as profundezas das discussões
 de Platão, há de livrar-se dos sofrimentos.

40. DE COMETAS

Quando o bom filho do Todo-Poderoso, pastor de homens,
 o que sobre quantos mortais e imortais há exerce poder,
 disse aos pescadores, os seus muito sábios discípulos
 “Lázaro¹⁰³, o nosso amigo, a luz do sol não o abandonou
 ainda, mas há já quatro dias que o cobre a terra imensa”, 5
 estava ele ainda jazente, de lábios cerrados pelo silêncio,

¹⁰² Será este Inácio o mesmo autor dos núms. 29-31, de temática cristã? Vd. núm. 29 e nota ad loc.

¹⁰³ Trata-se de uma ainda longa paráfrase poética do episódio da ressurreição de Lázaro, apenas narrado por *João* (11.1-44). Há que inscrever este texto na tradição dos *Homerocentones* bizantinos, com frequência de acento pagão, que reescreviam outros textos (bíblicos em muitos casos) com o vocabulário, as fórmulas e, claro, a métrica dos Poemas Homéricos. Para uma visão do género literário em causa, e a sua evolução, vd. Prieto Domínguez 2009: 217-232. O texto de Cometas foi ao mal considerado ao longo dos tempos, e já o escoliasta do *Palatinus* acrescentava, em jeito de comentário poético, os seguintes trímetros iâmbicos: *Sem sentido (gr. akosmá) são todos estes versos de Cometas. / Cometas, eras um Tersites! Então porque foste tu/ dar-te ares de Aquiles, miserável?! Afasta estas coisas do teu espírito sem Musas/ e manda aos corvos ou para trás das tuas costas/ concun- das estes versos cheios de esterco.*

o corpo, os ossos e a sua bela pele em decomposição,
 e a alma, esvoaçando dos membros, atingira já o Hades,
 causando dor impronunciável e pranto aos que o amavam,
 em especial a Marta e Maria, suas irmãs de sangue: 10+11
 com a alma amavam este irmão que agora se encontrava
 entre os mortos, como eles livre de sofrimento e sem vida.
 Entre prantos e gemidos lamentavam o seu destino,
 permanecendo fora da gruta, sentadas junto ao túmulo. 15
 Pela hora em que o sol inicia a terceira viagem pela terra,
 já Lázaro, sem vida, se decompunha entre os mortos.
 Porém, ao romper da quarta aurora de róseo aspeto,
 o Filho do magnânimo Deus então se dirigiu
 aos seus muito nobres amigos de origem divina, 20
 superiores a todos os mortais pela sua vontade,
 que ele tanto amava como filhos de Deus que eram,
 de cuja língua fluía uma voz mais doce do que o mel¹⁰⁴
 e cujas palavras pareciam flocos de neve inverniais¹⁰⁵:
 “Amigos de nobre coração! Posto que Deus está entre nós, 25
 escutai-me todos, vós que levais a Deus na alma,
 para que diga o que no fundo do peito me ordena o coração¹⁰⁶.
 Para a Betânia, onde o espírito abandonou Lázaro,
 vamos quanto antes, e que eu consiga glória imortal!
 Estou a ponto de levantar do próprio Érebo¹⁰⁷ o meu amigo.” 30
 Isto responderam esses homens valentes e de nobre coração:
 “Vamos pois, como tu ordenas, ó semelhante a teu Pai!”
 Assim falaram. E ele pôs-se a caminho, guiando os discípulos.

¹⁰⁴ v. 23 = *Iliada* 1.249.

¹⁰⁵ v. 24 = *Iliada* 3.222.

¹⁰⁶ v. 27 = *Iliada* 7.349.

¹⁰⁷ Filho do Caos, Érebo era para os Gregos a personificação das trevas.

A toda a pressa seguiram no encalce do Todo-Poderoso,
 – feito os enxames compactos de abelhas que se lançam 35
 de uma côncava rocha, saindo sempre uma após a outra¹⁰⁸,
 assim os discípulos seguiam os passos do supremo Deus. –
 Quando chegaram ao túmulo, local de tanto pranto,
 a seus pés vieram prostrar-se as irmãs e os familiares
 do morto, que suplicavam a Cristo Todo-Poderoso: 40
 “Abraçamos-te os joelhos, Senhor que habitas as mansões
 [celestes!

Lázaro, o que tu tanto amas, partiu nos braços do Hades.
 De cá teres estado tu, o soberano dos mortos, Aidoneu¹⁰⁹,
 não teria ousado enfrentar-te, pois és de longe o mais poderoso;
 por isso, se assim o quiseres, serás capaz de o ressuscitar.” 45
 Isto lhes respondeu o Senhor das alturas: “Onde jaz ele?”
 Então elas, num ápice, dirigiram-se ao alto do sepulcro;
 quando mostraram ao Senhor esse túmulo tão infeliz,
 disse-lhes ele: “Rápido, levantai a pedra do túmulo!”
 Quando por fim o infeliz túmulo do defunto foi aberto, 50
 num grito disse esse grande deus que se fez homem:
 “Lázaro, vem cá! Escuta a minha voz e sai cá para fora!”
 O morto, ao escutar o que dissera o deus da Palavra,
 saiu meio decomposto, atordoado, vivo mas fedorento.
 Ao vê-lo, os presentes maravilhavam-se em seus corações, 55
 dando graças ao piedoso deus que governa as alturas,
 e o Pai supremo desse bom filho recebeu glória imortal.

¹⁰⁸ vv. 35-36 = *Iliada* 2.87-88.

¹⁰⁹ Nome tardio dado a Hades.

EPIGRAMAS DO HIPÓDROMO DE CONSTANTINOPLA¹¹⁰

41.

... para as estátuas do auriga Constantino

Em vida não te ergueste em bronze, Constantino,
pois a inveja eclipsou a tua boa-reputação!
Agora que morreste, em unísono te honra toda a cidade
como pode. Que honra é digna de tal auriga?

42.

Sobre o mesmo

Desde que Constantino entrou na mansão do Hades,
com ele desapareceu toda a glória dos aurigas!

43.

Sobre o mesmo

Constantino mereceu a recompensa do ouro pelo seu talento,
pois nenhum outro como ele produziu a sua arte.

¹¹⁰ Os núms. 41-50 fazem parte de um conjunto bastante mais extenso de epigramas, a maior parte dos quais apenas foram copiados pela re-censão de Planudes e, atualmente, são editados no final do Livro XVI da *Antologia* (núms. 385-386), espaço no qual também estes exemplares do Livro XV costumam ter lugar. Trata-se, originalmente, de inscrições que celebravam as vitórias na corrida de carros de quatro cavalos de alguns dos mais ilustres aurigas do seu tempo (séculos V e VI) no Hipódromo de Constantinopla – Urânio, Faustino, Constantino e Porfírio os seus nomes. Assim, as traduções que aqui apresentamos são repetidas da nossa tradução da *Antologia de Planudes*, editada nesta mesma coleção. Remetemos, por isso, para a introdução e as notas à tradução desse volume para o entendimento do contexto destas composições em particular.

Jovem ainda, triunfou sobre os mais celebrados condutores,
 e já velho mostrou a inferioridade dos mais jovens.
 Celebrando-o após a morte, o povo e o Imperador esta estátua
 lhe ergueram, por decreto que sempre será lembrado.

44.

Sobre o auriga Porfírio

Porfírio, já retirado de competição e deposta a bandolete,
 ele que por mérito próprio já se erguia em bronze,
 neste lugar de novo o representaram em bronze e prata.
 Ó meu velho! Estranhas recompensas tu recebeste,
 e repuxas ainda o chicote ante os clamores do público;
 como quem volta a ser jovem te enfureces no estádio.

45.

Sobre o auriga Juliano

Este Juliano, descendente de uma mãe de Tiro,
 um auriga que tantas grinaldas recebeu,
 o próprio Imperador, o povo e o Senado soberano
 o ergueram, decretando unânimes em seu favor.
 Abandonara, na velhice, os estádios; mas enfeitiçara já
 os que antes nutriam afeto pelos seus adversários.

46.

Sobre Porfírio

Este é Porfírio, o Líbio! Ele apenas, sobre os carros triunfantes,
 enfeitou a cabeça com todo o tipo de grinaldas.

A soberana Vitória, dividida entre as fações do povo,
mudou as sortes de acordo com as cores das casacas;
mas fez com que desse mais aos Azuis, e por isso se lhe ergueu
dourado pela sua virtude, mas em bronze pelas suas penas.

47.

A Líbia gerou este Porfírio, mas foi Roma quem o criou,
e a Vitória quem o coroou, quando, mudando entre uma cor
e outra, na cabeça ostentava os símbolos máximos da vitória.
Muitas vezes mudou de fação, outras tantas de corcéis;
Estivesse em posição interior, exterior ou bem ao centro,
a todos vencia de igual modo, adversários e companheiros.

48.

Sobre o auriga Urânio

Junto desses famosos, o filho de Faustino e Faustino
ele próprio, o Imperador ergueu, junto a ambos,
Urânio, a quem o povo, pelas suas incontáveis vitórias,
passou a designar pelo nome divino de Pélops.
Sempre o deus aproxima o semelhante do seu semelhante,
isso dirá, por certo, quem no futuro os contemplar.

49.

Apenas a ti, quando ainda competias e após abandonar as
[corridas,
por duas vezes a Vitória te concedeu este prémio, Urânio,
de uma como da outra fação; tu que antes, entre os Azuis,

por vinte anos de glórias ostentaste a grinalda.
 Renunciaste então à corrida, e a fação dos Verdes te chamou;
 foi quando lhes deste a vitória, e eles a ti esta honra.

50.

Mais te convinha levar armas, e não ostentar esse manto,
 sendo tu auriga e vencedor na guerra como és.
 Pois em face da espada do príncipe, fatal ao Imperador,
 também tu, lutando ao seu lado, integraste a batalha naval;
 e uma dupla vitória, homem de mil talentos, habilmente
 [lograste,
 a da corrida de cavalos e a outra, contra o tiranicídio.

51. DE ÁRQUIAS

Sobre o javali da Calidónia

É de bronze, mas vede quanta fúria conseguiu exprimir
 o escultor deste javali, moldando uma fera com vida,
 com os pelos do pescoço eriçados e os dentes afiados
 rangendo, lançando dos olhos um brilho medonho
 e com a boca inundada de espuma. Já não é de estranhar
 que tenha destruído a hoste eleita dos heróis¹¹¹.

¹¹¹ A caçada do Javali que assolava Cálidon faz parte do mito de Meleagro e Atalanta. Cf. com *AP* 16.350.

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE DE EPIGRAMATISTAS

Um ponto de interrogação assinala as atribuições duvidosas ou dúplices nos códices, bem como aqueles epigramatistas desconhecidos. Esta lista não contempla a maior parte das discussões de autoria dos epigramas, antes, preferencialmente, a sua atribuição manuscrita.

- Agátias, o Escolasta (c. 536-582) 4.3-5
Anacreonte de Teos (séc. VI a.C.) 13.4
Anastásio, o Gago (séc. X) 15.28
Aretas de Cesareia (séc. X) 15.32-34
Árquias (séc. I a.C.) 15.51
Asclepiades de Samos (séc. III a.C.) 13.23
Báquis (mit.) 14.97-99
Cleobulo de Lindos (séc. IV a.C.) 14.101
Cometas (séc. IX) 15.36-38, 40
Constantino de Rodes (séc. X) 15.15-17
Constantino de Sicília (séc. IX?) 15.13
Ciro de Panópolis (séc. V) 15.9
Dosiadas (séc. III a.C.?) 15.26
Falico da Fócida (IV-III a.C.) 13.5-6, 27
Fédimo de Bizâncio (III a.C.) 13.2, 22
Filipe de Tessalónica (séc. I) 4.2, 13.1
Hegesipo (séc. III a.C.?) 13.12
Inácio (séc. VIII-IX) 15.29-31, 39
Leão, o Filósofo (séc. IX) 15.12
Meleagro de Gádara (c. 140-120-60 a.C.) 4.1
Mesomedes de Creta (séc. II) 4.63
Metrodoro (III-IV) 14.116-146
Nicéneto de Samos (séc. II a.C.) 13.29
Páladas de Alexandria (séc. IV) 15.20
Pítia de Delfos (mit.) 14.69, 71, 73, 74, 76, 78-96, 100, 102, 112, 113

Símias de Rodes (IV-III a.C.) 15.22, 24, 27
Simónides de Ceos (séc. VI-V a.C.) 13.11?, 14, 19, 20, 26, 30
Sócrates, o Matemático (?) 14.1
Teócrito, de Siracusa (III a.C.) 13.3, 15.21
Teodóridas de Siracusa (séc. III a.C.) 13.8, 21
Teófanes, o Santo (VIII-IX) 15.14, 35
Timocreonte de Rodes (VI-V a.C.) 13.31
Vestino (séc. II) 15.25

VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO AUTORES
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrio. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquíledes. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecífrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
45. Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida de Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva: *Plutarco. Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
46. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
47. Renan Marques Liparotti: *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
48. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

(Página deixada propositadamente em branco)

O presente volume da série *Antologia Grega* reúne, sob o título possível *Epigramas Vários*, os livros IV, XIII, XIV e XV da coleção. Em primeiro lugar, os Prefácios que os três antologistas primordiais escreveram (Meleagro, Filipo e Agátias). Em seguida, os restantes livros, ausentes ao que parece da recolha de Céfalas, consistem na sua maioria em textos lúdicos, exercícios poéticos sobre a métrica (livro XIII), a aritmética, as adivinhas e trocadilhos e os oráculos (livro XIV). Quanto ao livro XV, há de ler-se como um autêntico *locus spurius* de epigramas para o copista do *Palatinus*, onde copiou peças de cujo valor poético e semântico ele mesmo duvidava. Caso digno de menção é o dos sete (na verdade oito) *technopaignia*, exemplo antigo de poesia visual.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



C
E C H

CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

• U



C •

I
IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U